U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

O lugar doméstico no limite: quatro experiências habitacionais em Trieste

Shanice Isabel Uamusse Lemos

M

2025

Shanice Isabel Uamusse Lemos. O lugar doméstico no limite: quatro experiências habitacionais em Trieste

U.PORTO

M.FAUP **2025**

O lugar doméstico no limite: quatro experiências habitacionais em Trieste

Shanice Isabel Uamusse Lemos

FACULDADE DE ARQUITETURA

O lugar doméstico no limite: quatro experiências habitacionais em Trieste

Shanice Isabel Uamusse Lemos

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Orientadora Prof. Doutora Marta Rocha Moreira- FAUP
Co-orientador Prof. António da Silva Ferreira de Carvallho - Politecnico di Milano

Nota Prévia:

As citações de língua estrangeira apresentadas ao longo da dissertação foram traduzidas pela autora a partir das fontes consultadas. Os desenhos e esquemas relativos aos quatro projetos foram igualmente elaborados pela autora.

Agradecimentos

Ao Deus no qual deposito a minha fé, agradeço pelo dom da vida e pela esperança que me fortalece.

Aos meus familiares, expresso a minha profunda gratidão, em especial:
Aos meus pais, o meu maior suporte, obrigada por acreditarem em mim e nos meus sonhos; nada seria possível sem a vossa confiança.
Às minhas irmãs, obrigada pela amizade e por serem tão grande inspiração;
Ao meu irmão, que me escutou sempre e partilhou comigo todas as alegrias e dificuldades deste percurso, obrigada por me recordar sempre daquilo que sou capaz.

À minha orientadora, professora Marta Rocha, agradeço pelo incansável acompanhamento e pelos ensinamentos que, certamente, marcaram de forma significativa esta jornada.
Ao meu coorientador, professor António Carvalho, agradeço pelo apoio e orientação ao longo deste percurso.

Aos meus amigos, que me acompanharam em todos os bons e maus momentos, sou profundamente grata pela força e motivação constantes.

Àqueles que me acolheram nesta jornada longe de casa, obrigada pelos pequenos gestos e ações que me trouxeram aconchego e despertaram, nesta cidade, o sentimento de lar.

A todos, cada momento convosco foi de aprendizagem, que me permitiu crescer e tornar-me naquilo que sou hoje, conduzindo-me até aqui.

Participação no IJUP 2025 - Unconventional Affordable Housing: Four experiences in Trieste.

UAH!. Participação na 19.ª Bienal de Veneza 2025: UAH! Goes Biennale – Domestic Places at the Edge. Veneza, 2025.

Abstract

Housing in Europe has become a central topic of debate in the urban and architectural fields. The rapid growth of cities, combined with changes in lifestyles, has intensified a housing crisis characterized by an imbalance between high demand and limited supply, exposing a growing number of people to precarious housing conditions or the risk of homelessness.

Given this scenario, it is essential not only to rethink the paradigms of contemporary living, but also to redesign them as flexible spaces, that can adapt to ongoing chances in family structures and social life. A building that does not respond to these changes and does not meet the needs of its inhabitants tends, over time, to lose its functionality, becoming obsolete, uninhabitable, and prone to abandonment.

Moreover, real estate speculation and soaring rents makes access to housing increasingly difficult, exacerbating social inequalities and undermining a fundamental right: the right to a decent home. In this context, coliving emerges as a alternative capable of mitigating these problems, fostering sharing dynamics, a sense of community belonging, and social integration.

Based on four pilot buildings located in the city of Trieste, Italy, this study proposes the reuse and enhancement of these structures by redesigning the domestic spaces through the implementation of coliving practices. This approach serves as a tool to experimentwith different strategies for appropriating and using the domestic sphere, creating programs that encourage interaction amongdiverse generations and social profiles.

Resumo

A habitação na Europa tem-se tornado um tema central de debate no domínio urbano e arquitetónico. O rápido crescimento das cidades, aliado às mudanças nos estilos de vida, tem intensificado uma crise habitacional, caracterizada pelo desequilíbrio entre elevada procura e reduzida oferta, expondo um número crescente de pessoas a condições precárias de habitação ou ao risco de situação de sem-abrigo.

Perante este cenário, revela-se essencial não apenas repensar os paradigmas do habitar contemporâneo, mas também redesenhá-los como espaços flexíveis, capazes de se adaptarem às constantes transformações familiares e sociais. Um edifício que não acompanha tais mudanças e não atende às necessidades dos seus habitantes tende, ao longo do tempo, a perder a funcionalidade, tornando-se obsoleto, inabitável e suscetível de abandono.

Além disso, a especulação imobiliária e o aumento desproporcionado das rendas dificultam o acesso à habitação, acentuando as desigualdades sociais e comprometendo um direito fundamental: o direito a um lar digno. Neste contexto, a coabitação surge como alternativa capaz de mitigar estas problemáticas, promovendo dinâmicas de partilha, sentido de pertença comunitária e integração social.

Com base em quatro edifícios-piloto localizados na cidade de Trieste, em Itália, propõe-se a reutilização e valorização dessas estruturas, através do redesenho do lugar doméstico por meio da implementação de práticas de coabitação, como instrumento para experimentar diferentes estratégias de apropriação e uso da esfera doméstica, criando programas que incentivem a convivência entre gerações e perfis sociais diversos.

Sumário

0. HABITAR 11
O lugar doméstico no limite

0.1. Enquadramento teórico 13
0.2. Enquadramento do projeto de investigação UAH 14
0.3. A Problemática Habitacional no Contexto Italiano 15
0.4. Caso(s) de estudo 16
0.4. Metodologia e estrutura 22

1. UNIR 25
para habitar

1.1. Edifício A - Pontos de Partida

1.1.1. Resumo fotográfico 27
1.1.2. Enquadramento da pré-existência 29
1.1.3. Relação Instituição / Público-alvo 31

1.2. A Proposta A

1.2.1. O Rés-do-chão: o espaço da comunidade 33
1.2.2. União dois (2) em um (1) 35
1.2.3. Dados do projeto A: pessoas e espaços 36

1.3. A cozinha como dispositivo de partilha

1.3.1. O conceito de cozinha 38
1.3.2. Mudança de estatuto da cozinha 39
1.3.3. O quão grande pode ser a cozinha ? 43

2. MODULAR 47
o espaço

2.1. Edifício B - Pontos de Partida

2.1.1. Resumo fotográfico 49
2.1.2. Enquadramento da pré-existência 51
2.1.3. Relação Instituição / Público-alvo 53

2.2. A Proposta B

2.2.1. O Rés-do-chão: o espaço de progressão 55
2.2.2. Modulação 59
2.2.3. Dados do projeto B: pessoas e espaços 60

2.3. A intimidade e a distância como dispositivo de organização

2.3.1. No que consiste o modelo cluster? 62
2.3.2. As esferas do habitar doméstico 63
2.3.3. O espaço de transição e a boa distância 67

3. CONFIGURAR 71
o conjunto

3.1. Edifício C - Pontos de Partida

3.1.1. Resumo fotográfico 73
3.1.2. Enquadramento da pré-existência 75
3.1.3. Relação Instituição / Público-alvo 77

3.2. A Proposta C

3.2.1. O Rés-do-chão: o espaço de encontro 79
3.2.2. Configuração (8-6-2) 81
3.2.3. Dados do projeto C: pessoas e espaços 82

3.3. A porta como dispositivo de transição

3.3.1. Porta: percepção, simbolismo e convivência? 85
3.3.2. E a porta dupla ? 87
3.3.3. Como se enquadram na coabitação ? 89

4. APROPRIAR 91
o íntimo

4.1. Edifício D - Pontos de Partida

4.1.1. Resumo fotográfico 93
4.1.2. Enquadramento da pré-existência 95
4.1.3. Relação Instituição / Público-alvo 97

4.2. A Proposta D

4.2.1. O Rés-do-chão: espaço de acolhimento 99
4.2.2. Dinâmicas de apropriação do espaço 101
4.2.3. Dados do projeto D: pessoas e espaços 102

4.3. O quarto como dispositivo de adaptação

4.3.1. Habitar a esfera íntima 104
4.3.2. Construir o espaço individual 106
4.3.3. O compartimento extra e quarto compacto 107

5. MORAR 111
quatro experiências habitacionais em Trieste

5.1. O edifício, a comunidade e a cidade 113

Referências bibliográficas 117
Referências das Imagens 121
Apêndice 125

O HABITAR
o lugar doméstico no limite

0.1. Enquadramento teórico

Fig. 01 Cidade de Trieste

O tema da presente dissertação surgiu no âmbito do programa Erasmus realizado no ano lectivo de 2024/2025 na Alma Mater Studiorium Universitá di Bolonha, motivado pelo desejo de contribuir para o trabalho de investigação desenvolvido pelo grupo UAH! (Unconvenional Affordable Housing), que se insere no campo de estudo de habitação condigna e acessível, orientado pelo Politecnico di Milano e instituições parceiras. Este grupo dedica-se ao estudo e à reflexão crítica de políticas habitacionais e práticas arquitetónicas que procuram dar resposta à crescente crise habitacional que se intensifica em vários países da Europa, com especial atenção ao caso da Itália.

Perante a complexa procura contemporânea de habitação, a investigação centra-se na análise e exploração de soluções arquitetónicas projetuais capazes de promover valores de dignidade, qualidade de vida e melhoria das condições habitacionais. Focado na reabilitação de quatro edifícios em contexto urbano consolidado, este estudo tem como objetivo compreender o papel do coliving como ferramenta para repensar a habitação social, estimulando a integração de pessoas de diferentes perfis culturais, sociais e geracionais.

Trata-se, por isso, de uma reflexão que, tendo como base modelos de habitação compartilhada, permite explorar dinâmicas de partilha, organização espacial flexível e o equilíbrio entre privado e coletivo. Estes princípios, associados ao conceito de coliving, mostram-se fundamentais para o desenvolvimento de estratégias inclusivas que favoreçam o aparecimento de formas de habitar capazes de acolher populações mais vulneráveis ou em risco de situação de sem-abrigo. Paralelamente, contemplam a requalificação de edifícios abandonados e subutilizados. Nesse sentido, o conceito de “transformar” assume-se como uma ferramenta de evolução, que valorizando o pré-existente lhe confere novos significados, usos e funções.

Esta investigação propõe a exploração dos limites do espaço individual, em articulação com a experimentação de diferentes intensidades de coliving, na conceção do espaço doméstico, apresentando abordagens que promovam interação, colaboração e sentido de comunidade entre os habitantes.

0.2. Enquadramento do projeto de investigação UAH

As dificuldades no acesso à habitação que nos acompanham desde o século XIX, relacionadas com períodos sucessivos da crescente vulnerabilidade económica e social em diferentes grupos de população, e com a falta de políticas públicas suficientemente eficazes a médio e longo prazo, têm contribuído para o permanente agravamento das condições habitacionais. Como consequência das profundas transformações sociodemográficas ocorridas na Europa ao longo das últimas décadas, verificam-se mudanças significativas na composição familiar e no conceito tradicional de família. Nesse contexto, "a equivalência ideal entre 'família', 'habitação' e 'tipologia', tal como promovida pelo Movimento Moderno, entrou em colapso, evidenciando uma distância cada vez maior existente entre a procura de habitação e a oferta de habitação."[1]

Deste modo, a iniciativa UAH! (Unconvetional Affordable Housing), motivada pelas rápidas mudanças na sociedade atual acima mencionadas, integra docentes, investigadores e estudantes do Politecnico di Milano, Università degli studi di Trieste, Università degli studi di Bari Aldo Moro e o Politecnico di Bari,em colaboração com outras universidades europeias[2], como a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, procurando conceber soluções teóricas e práticas que explorem ideias de habitação acessível e não convencional. O conceito de não-convencionalidade é entendido como a distinção em relação a modelos tradicionais de habitação, bem como, a capacidade de integrar populações de diferentes faixas etárias e de contextos sociais e culturais diversos. Por sua vez, o conceito de acessibilidade, relaciona-se com a possibilidade de acesso a habitação condigna a baixos custos económicos. A estes conceitos associa-se a ideia de trabalhar a partir de espaços já construídos, como forma de potenciar o existente.

A iniciativa abrange três principais unidades geográficas de pesquisa: Milão, Bari e Trieste, sendo esta última escolhida para o desenvolvimento do presente trabalho. A partir destas bases, propõe-se o debate crítico sobre a habitação contemporânea e, em paralelo, a experimentação e desenvolvimento de estratégias capazes de confrontar as inadequações habitacionais. O objetivo é criar soluções alternativas com novos programas, formas e usos do espaço através do desenho de ambientes suficientemente adaptavéis e funcionais para acomodar pessoas com diferentes necessidades em edifícios existentes, de modo que estes impulsionem a materialização de novos projetos habitacionais. Assim, estudantes de diversas partes da Europa foram convidados a desenvolver propostas que se enquadrem neste âmbito.

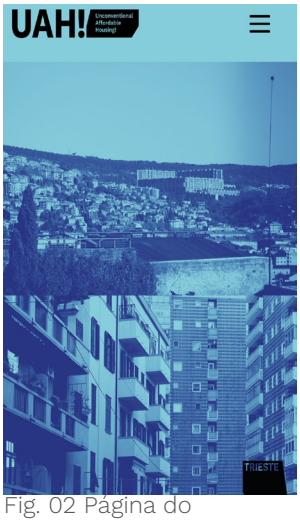


Fig. 02 Página do programa de investigação.

Fig. 03 Unidades de pesquisa e rede de participantes.

1. Unconventional Affordable Housing (UAH!). **Ripensare UAH! Trieste**. Milano: Politecnico di Milano, 2025 Disponível em: https://www.uah.polimi.it/

2. Fakultät für Architectur (Austria), Northumbria University, Newcastles (UK),TU Technische Universiteit Delf (Holanda), University of Nicosia (Chipre), Instituto Superior Técnico - Universidade de Lisboa, Universidade Coimbra, Universidade Lusófona Porto.

0.3. A Problemática Habitacional no Contexto Italiano

À semelhança de diversos países europeus, a crise habitacionalem Itália é também motivada principalmente pela crescente disparidade entre a procura por habitação a baixos custos e a oferta disponível para arrendamento. Segundo Marchigiani e Novak, verifica-se uma rápida mudança de paradigmas: os imóveis transformam-se em bens de investimento - a habitação é cada vez mais tratada como um instrumento financeiro destinado à acumulação de capital e obtenção de lucros - e deixam de ser bens de serviço. Esta lógica desfavorece ainda mais os agregados familiares em situação de vulnerabilidade económica, conduzindo a despejos e aumento do número de sem-abrigos, colocando em risco o direito universal à habitação.Por outro, a incapacidade das políticas públicas de acompanhar esta crescente demanda resulta num mercado imobiliário marcado pela escassez de opções de habitações condignas e acessíveis, evidenciando a ineficiência das políticas de habitação em vigor.[3]

No panorama geral, a Itália é caracterizada por um elevado número de proprietários de habitação: em 26 milhões de agregados familiares, 70,8% são proprietários das suas casas, resultado das políticas implementadas no período pós-guerra, enquanto 20,5% (5,2 milhões) vivem em habitação arrendada e 8,7% em casas cedidas em usufruto ou a título gratuito. Apesar disso, muitos agregados familiares enfrentam dificuldades económicas significativas: cerca de 15,9% considera que o seu rendimento não é suficiente para cobrir as necessidades básicas, e 5,1% enfrenta graves dificuldades económicas. Para aproximadamente de 1,7 milhões de famílias, a despesa com a renda compromete mais de 30% do rendimento total, afetando sobretudo jovens solteiros, pais solteiros, pessoas desempregadas e migrantes. Estes dados revelam que o arrendamento é mais frequente entre agregados mais vulneráveis, sendo que mais de 45% das famílias em situação de carência vivem em habitações em sobrelotadas e em condições precárias.[4]

Nas situações sociais mais críticas, o desafio não é apenas garantir habitação acessível, mas sobretudo, mantê-la. Neste contexto, em 2021, o Istituto Nazionale di Statistica[1] registou um número preocupante de pessoas em exclusão habitacional grave: um registo total de 96.197 pessoas sem-abrigo e sem morada fixa, incluindo indivíduos que anteriormente pertenciam à classe média-baixa e que foram afetados por situações de vulnerabilidade habitacional. Estes dados evidenciam a crescente diluição das fronteiras que definiam os diferentes níveis de pobreza habitacional, desde dificuldades temporárias até à privação extrema da situação de sem-abrigo.

3. MARCHIGIANI, Elena; NOVAK, Valentina. Rental Affordability, Housing First And Beyond. **A Focus On The City Of Trieste (Italy)**. AESOP, 2024, p.3.

4.Ibidem, p.5

0.4. Caso(s) de estudo

Fig. 04 Centro histórico de Trieste.

Fig .05 e 06. Vista paisagistica e retrato do centro histórico.

Tendo como unidade de estudo, o conjunto de quatro edifícios habitacionais localizados na cidade de Trieste, torna-se fundamental compreender o território em que se inserem, no que diz respeito aos seus contextos histórico, geográfico e socio- habitacional.

O historiador Jan Morris descreve Trieste como um assentamento peninsular, situada numa estreita faixa costeira italiana. Segundo ele, "A povoação começou por ser uma aldeia costeira dos ilírios, um obscuro povo indocelta que comerciava com os seus vizinhos, vendendo peixe, sal, vinho e azeite. Roma colonizoua, chamando lhe Tergeste, Veneza atormentoua, saqueoua e, esporadicamente, ocupoua, e, no final do século XIV, os governantes da cidade confiaram na à proteção da casa real dos Habsburgos, os monarcas no poder em Viena. Foi este passo que permitiu a Trieste florescer, já que, decorridos quatro séculos, coube aos Habsburgos fazer a cidade ascender ao mundo moderno."[5] Por consequência, ainda nos

5. MORRIS, Jan. **Trieste and the meaning of Nowhere**. Da Capo Press, 2002.

dias de hoje são notáveis na arquitetura da cidade fortes traços da influência austro-húngara.

Atualmente, Trieste pode ser descrita como uma cidade de médio porte, localizada no nordeste da Itália. Geograficamente, é limitada a oeste por território italiano, a este e norte pela fronteira com a Eslovênia e a sul banhada pelo mar Adriático, a sul [Fig.07]. A sua posição costeira estratégica, sob o domínio Austro-Húngaro, permitiu que o porto da cidade se destacasse como um dos mais importantes do séc. XX. Hoje, Trieste mantém-se um ponto estratégico no Mediterrâneo, funcionando como elo ligação entre a Europa, a Ásia e outras regiões costeiras.

O posicionamento estratégico de Trieste, insere-a numa das principais rotas migratórias de entrada na Europa, a dos Balcãs Ocidentais. Assim, esta cidade constitui um ponto fundamental de chegada, trânsito e passagem para migrantes provenientes do Médio Oriente, Ásia e África. Estes fluxos migratórios têm alterado o panorama demográfico da cidade: entre janeiro e setembro de 2023, o Consórcio Italiano para a Solidariedade (ICS) registou mais de 12.000 chegadas, das quais 70% correspondiam a homens sozinhos e 19% a menores não acompanhados, permanecendo na cidade 13% dos migrantes, dependendo da aceitação dos pedidos de asilo.[6]

Com uma população com cerca de 200, 000 habitantes (Marchigiani, Novak, 2024)[7], Trieste é uma cidade que, embora ainda não apresente níveis mais severos de marginalidade social e precaridade habitacional, tem assistido a um crescimento significativo da crise habitacional.

6. MARCHIGIANI, Elena; NOVAK, Valentina. Rental Affordability, **Housing First And Beyond. A Focus On The City Of Trieste (Italy)**. AESOP, 2024, p.13

7. Ibidem

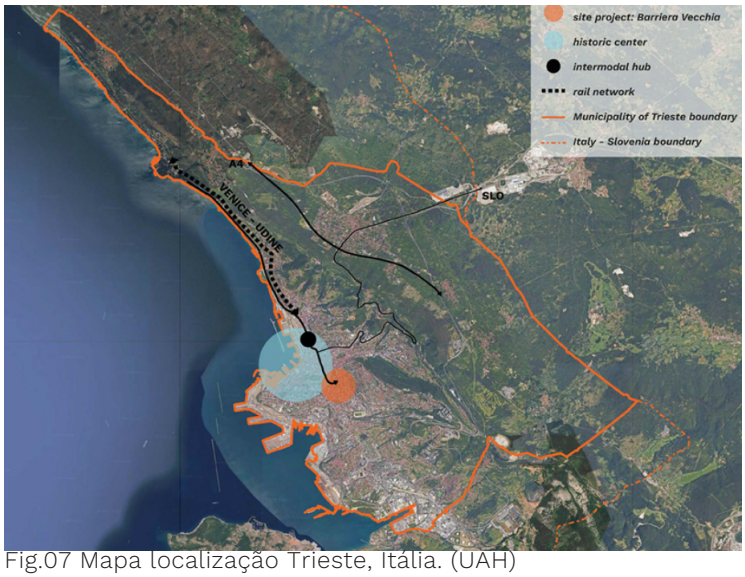
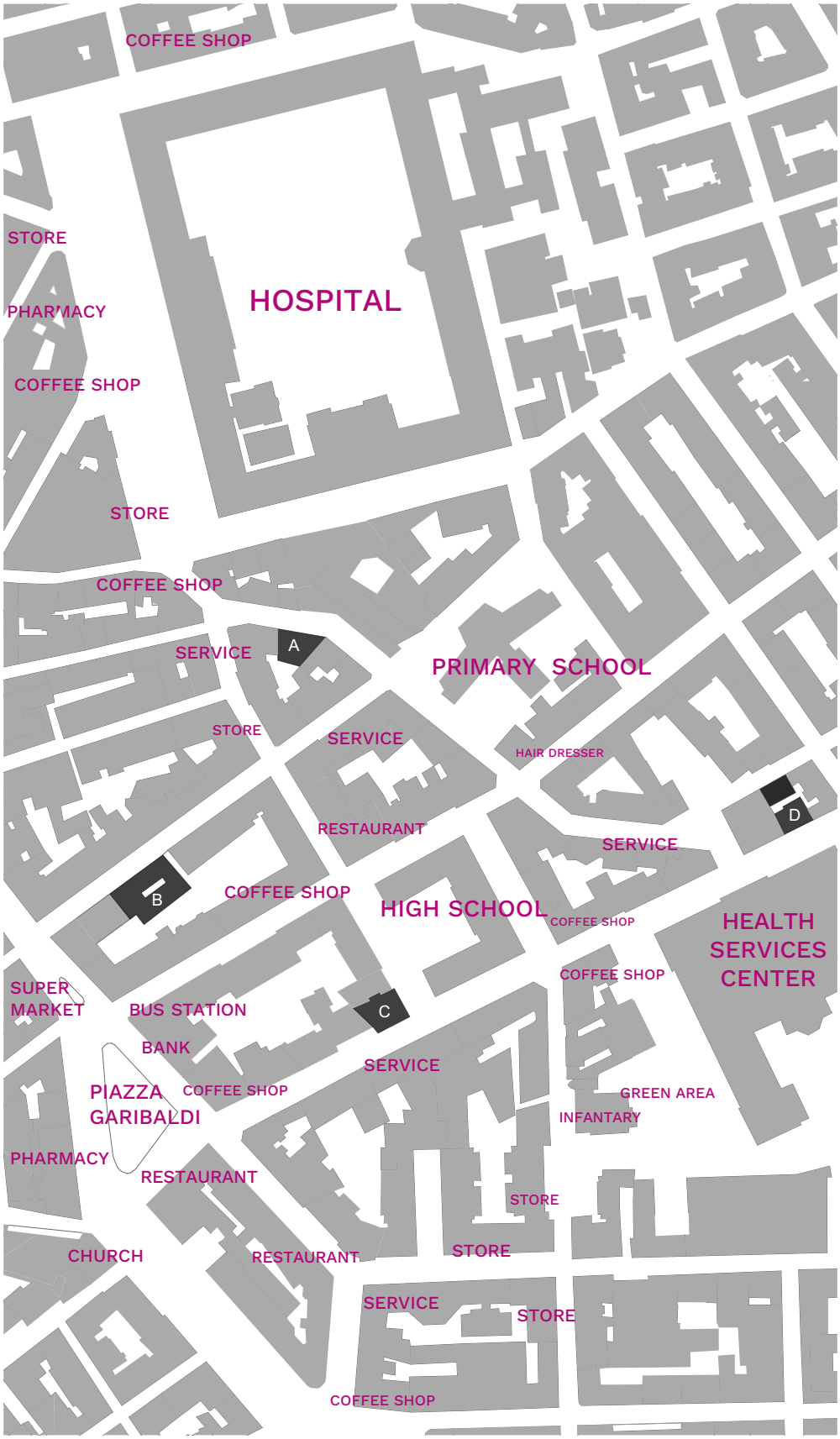


Fig.07 Mapa localização Trieste, Itália. (UAH)

Fig. 08 Canal da cidade de Trieste.



P1 . Mapa Barriera Vecchia,Trieste.

Fig. 09, 10 e 11 Condições habitacionais precárias do Edifício B.

Entre os fatores que acentuam a pressão habitacional destacam-se: o aumento do índice de envelhecimento populacional – acima da média nacional – em choque com as barreiras arquitetónicas resultantes da falta de equipamentos e da configuração inadequada dos alojamentos; o aumento dos fluxos migratórios e turísticos, somados à presença crescente de estudantes e investigadores; a especulação do mercado imobiliário e a resposta inadequada das políticas públicas em responder estas transformações.

Outro fator que evidencia a vulnerabilidade habitacional em Trieste é o elevado número de alojamentos públicos e privados devolutos, estimados em cerca de 12.00 unidades habitacionais vagas , em contraste com a crescente procura por habitação. Nesse cenário, emerge uma rede de atores locais que procuram implementar soluções e experimentações, explorando novas formas de gestão, recuperação e utilização do parque habitacional.

A atuação de instituições públicas, nomeadamente a Câmara Municipal, fundações e organizações do terceiro setor, tem-se mostrado essencial na mobilização de recursos e competências específicas para responder às crescentes necessidades sociais. Contudo, um dos principais obstáculos continua a ser a dificuldade em estabelecer e manter redes estáveis de cooperação entre os agentes locais, dificultando a consolidação de estratégias comuns e douradoras.[8]

No âmbito do desenvolvimento deste trabalho, os edifícios analisados localizam-se no bairro da Barriera Vecchia, no centro de Trieste, uma área consolidada, predominantemente residencial e bem equipada com infraestruturas urbanas como hospital público, escolas de ensino primário e secundário, serviços comerciais e boas conexões a outras áreas da cidade através do transporte público [P1].

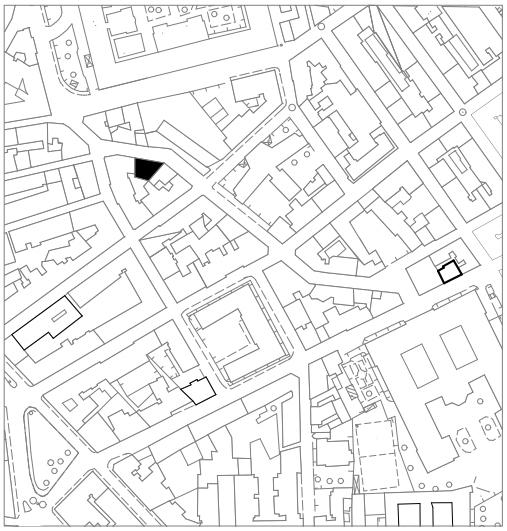
8. MARCHIGIANI, Elena; NOVAK, Valentina. **Rental Affordability, Housing First And Beyond. A Focus On The City Of Trieste (Italy)**. AESOP, 2024, p.16

Neste contexto, assumem particular relevância quatro atores principais responsáveis pela gestão dos edifícios em estudo. Embora partilhem o objetivo comum de apoiar pessoas em situação de fragilidade social, cada instituição tem um foco específico – seja no apoio a idosos, famílias ou outros grupos em risco – desempenhando um papel fundamental na definição do perfil dos futuros habitantes e, consequentemente, a natureza dos programas a implementar.

A escolha deste bairro como área de intervenção decorre não apenas da proximidade física entre os edifícios, mas também da possibilidade de fomentar práticas de coabitação solidária.O objetivo é ir além de experiências habitacionais isoladas, promovendo a criação de uma rede de vizinha ativa, na qual o bairro funcione como um espaço de apoio mútuo e de experimentação das dimensões espaciais, económicas e sociais da acessibilidade local. Neste contexto, a presença de uma rede de atores e projetos já em curso assegura a continuidade do trabalho junto da comunidade, promovendo a inclusão e diversidade social. Tal articulação visa estabelecer bases sólidas para a criação de um modelo de bairro piloto, suscetível de ser replicado em diferentes contextos urbanos

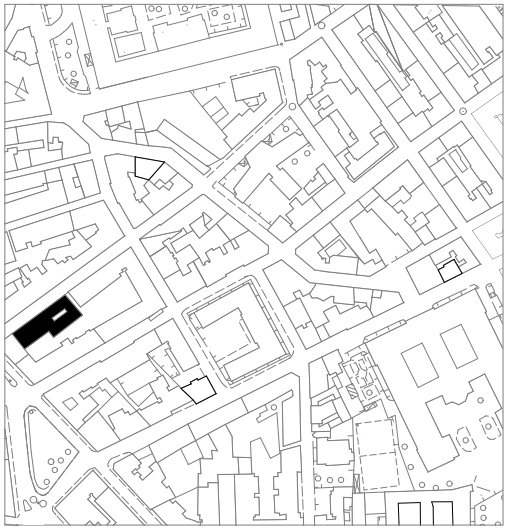
No que se refere à distribuição espacial e funcional, cada edifício adota estratégias de intervenção específicas, orientadas para soluções habitacionais de curta e média duração. Estas intervenções são definidas em consonância com a instituição responsável, assegurando que a resposta arquitetónica se adequa com ao perfil social de cada caso. Assim, a correspondência edifício-instituição organiza-se da seguinte forma: Edifício A - Istituto per Interventi Sociali (ITIS); Edifício B – Fondazione Caritas; Edificio C – Azienda Territoriale per l'Edilizia Residenziale di Trieste (ATER); Edificio D – Fondazione Caccio Burlo.

Edifício A



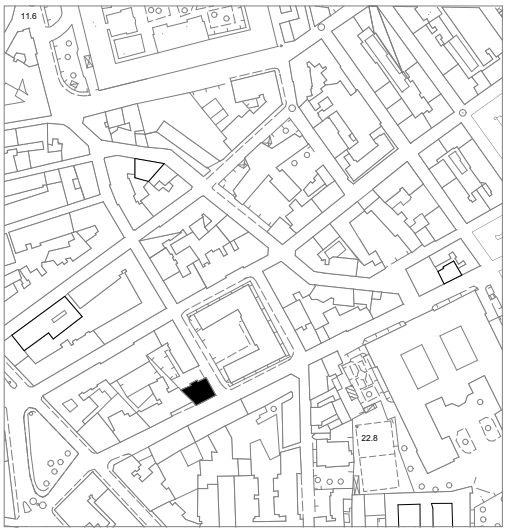
P2.
Localização: Via D'Azeglio, 5
Gestão do imóvel: ITIS (Istituto Triestino per Interventi Sociali)
Funcionalidade: Residencial e serviços
Estratégia: União dois (2) em (1)

Edifício B



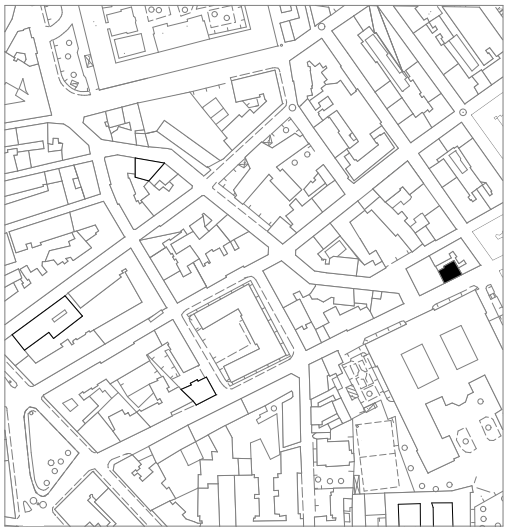
P3.
Localização: Via Vasori, 5-7
Gestão do imóvel: Fondazione CARITAS
Funcionalidade: Residencial e serviços
Estratégia: Modulação

Edifício C



P4.
Localização: Via Pascoli, 12
Gestão do imóvel: ATER (l'Edilizia Residenziale di Trieste)
Funcionalidade: Residencial e serviços
Estratégia: Configuração (8-6-2)

Edifício D



P5.
Localização: Via Pascoli, 28
Gestão do imóvel: Fondazione Caccia Burlo
Funcionalidade: Residencial e serviços
Estratégia:Dinâmicas de apropriação do espaço individual

0.4. Metodologia e estrutura

A questão “como repensar e redesenhar os espaços de habitar doméstico?”, constituiu o ponto de partida desta investigação, orientando o desenvolvimento do trabalho e conduzindo à reflexão sobre estratégias alternativas passiveis de ser implementadas em edifícios já existentes, transformando a organização e ocupação espacial do espaço doméstico.

A dissertação organiza-se em três principais partes: a abertura, o corpo, composto por quatro capítulos, e a conclusão. A estrutura foi pensada para leitura em dupla página, embora também seja possível a leitura em página simples.

A primeira parte corresponde ao presente capítulo – a abertura -, procura contextualizar o objeto de estudo, delimitando o campo urbanístico e arquitetónico em que este se insere. Esta etapa contemplou a pesquisa e análise da situação da habitacional na Europa, em Itália e, de forma mais específica, cidade de Trieste. O levantamento in loco possibilitou a recolha rigorosa de informações essenciais para a compreender e enquadrar os casos de estudo, bem como para fundamentar o desenvolvimento das propostas de intervenção.

A segunda etapa do trabalho consistiu no levantamento de bibliografias relativas a abordagens teóricas e práticas do espaço de habitar partilhado, bem como de referências projetuais relacionados com coliving, que fundamentam as estratégias propostas. Nesse sentido, o corpo da dissertação organiza-se em quatro capítulos: 1. Unir para habitar, 2. Modular o espaço, 3. Configurar o conjunto, e 4. Apropriar o íntimo. Cada capítulo corresponde ao estudo de um edifício e segue uma estrutura uniforme: (i) enquadramento e contextualização, (ii) proposta de intervenção, e (iii) fundamentação teórica que sustenta a estratégia, articulando referências bibliográficas e projetuais. O conjunto constitui, assim, um atlas de ideias que orienta o redesenho dos quatro edifícios de habitação no Bairro da Barriera Vecchia, em Trieste, propondo soluções adaptadas às especificidades de cada caso e ao respetivo público-alvo.

Por fim, a conclusão (capítulo 5) visa analisar a pertinência do funcionamento do conjunto em rede, destacando tanto as relações entre os edifícios como a sua conexão com a cidade, sintetizando os valores intrínsecos da coabitação.

Fig 12. Abordagem sobre a dualidade entre viver juntos e separados.

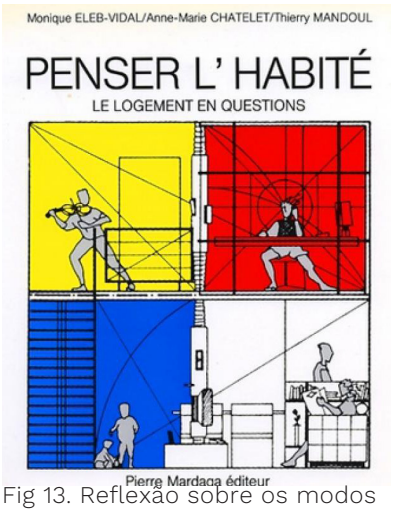


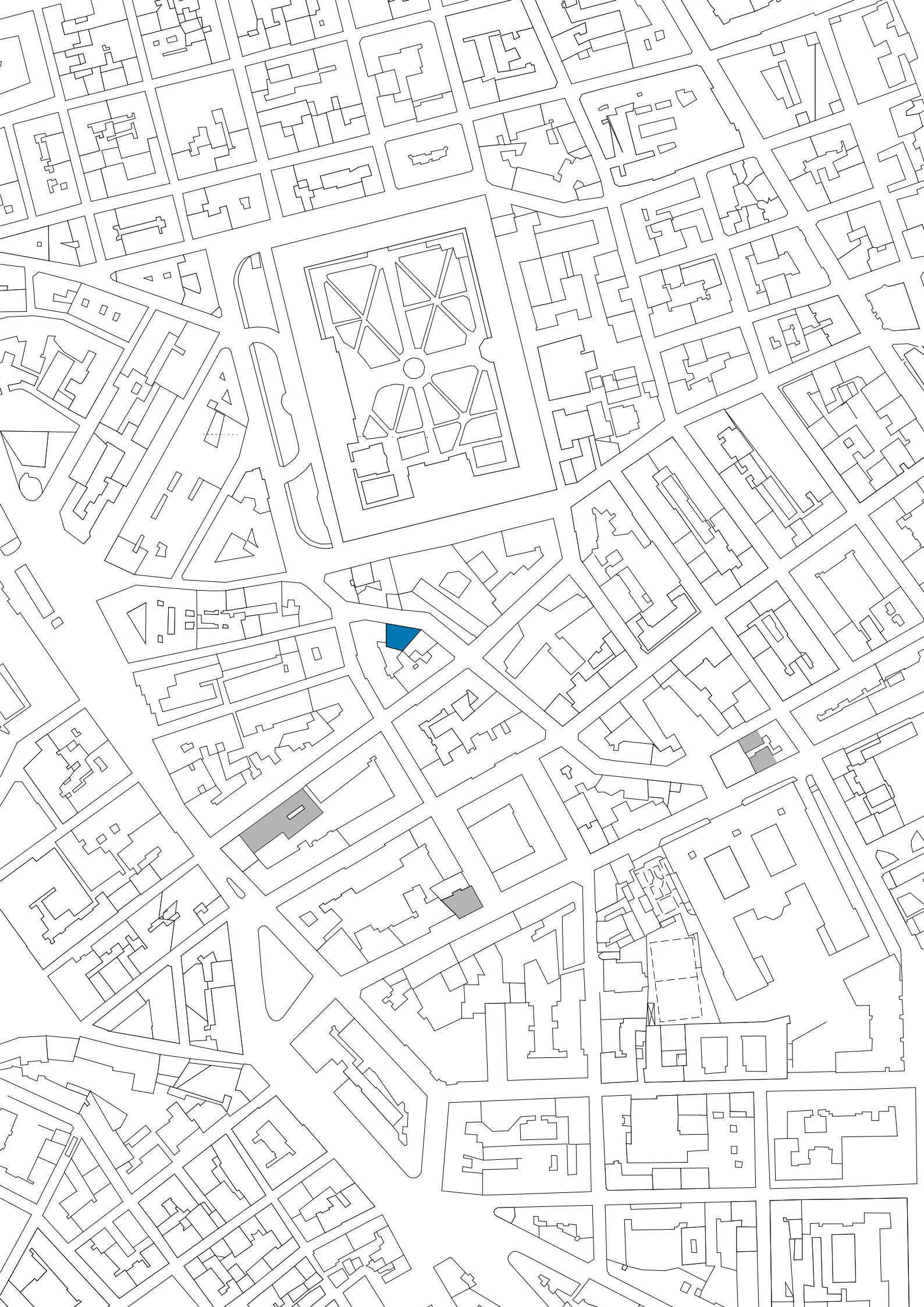
Fig 13. Reflexão sobre os modos de habitar o espaço.

Fig 14. Exposição de edifícios reinventados para habitar.

Fig 15. Análise da evolução da habitação social em Trieste.

Fig 16. Princípios para habitação mínima.

Fig 17. Abordagem crítica da habitação coletiva no séc. XXI



1 UNIR
Para habitar

Edificio A
Rua D' Azeglio, 5
Istituto per Interventi Sociali (ITIS)

1.1. Edifício A - Pontos de Partida

1.1.1. Resumo fotográfico

Fig A.01 Fachada frontal.

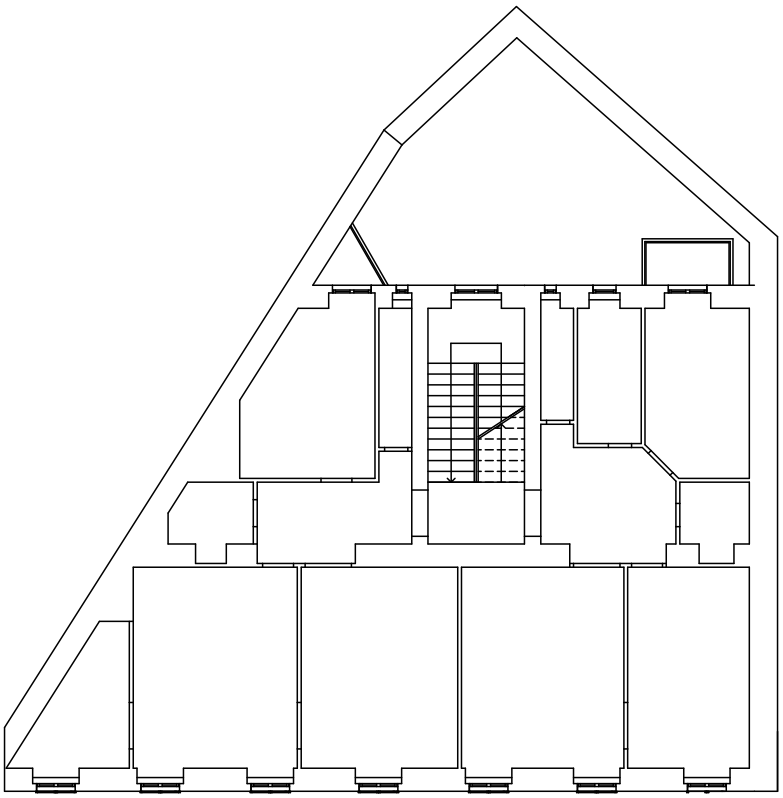
Fig A.02 Fachada posterior.

Fig A.03 Vista Cozinha (1).

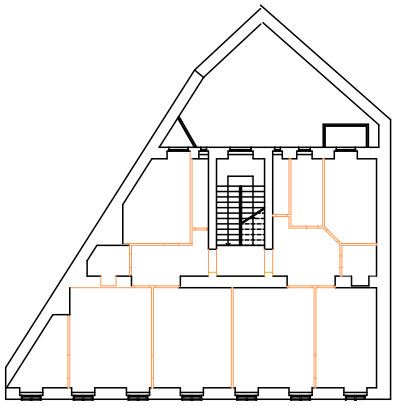
Fig A.04 Vista cozinha (2).

Fig A.05 Compartimento interior.

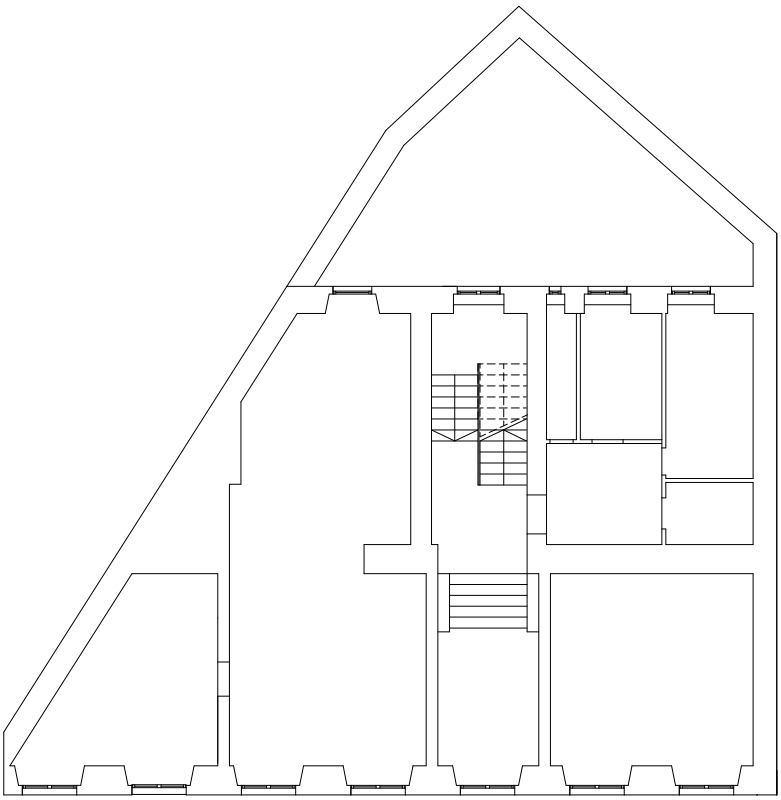
Fig A.06 Sala de estar.



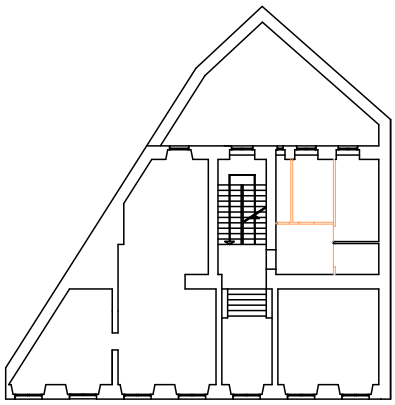
Edifício A P3. Planta Piso Tipo
[1.200]



Edifício A P4. Planta Piso Tipo_
Paredes a demolir [1.400]



Edifício A P1. Planta Rés-do-chão
[1.200]



Edifício A P2. Planta Rés-do-chão_
Paredes a demolir [1.400]

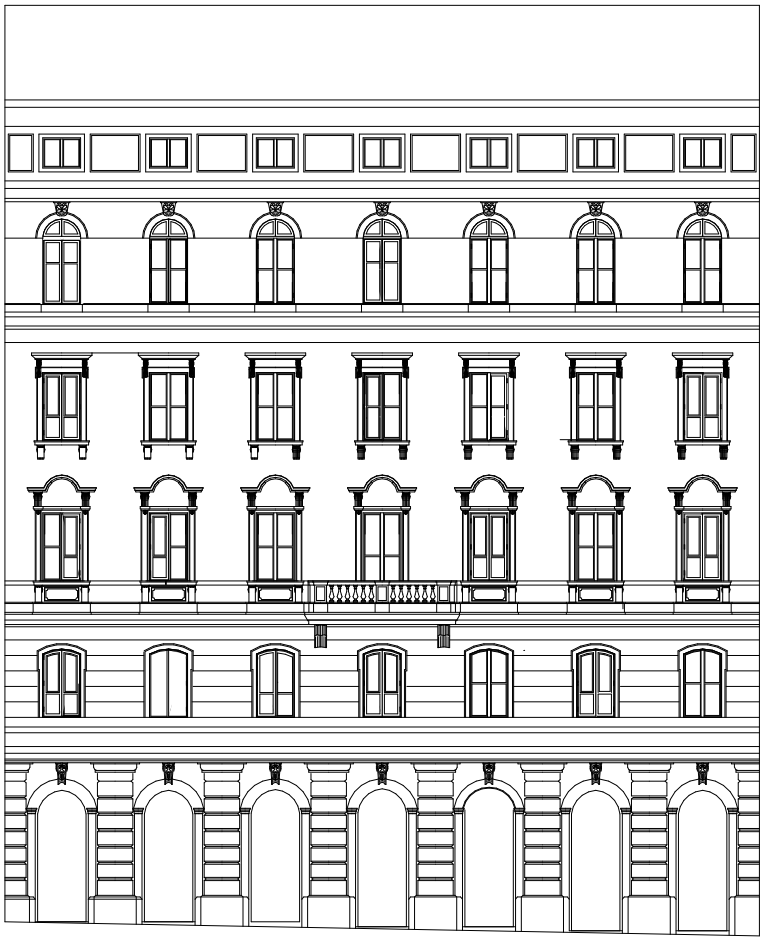
1.1.2. Enquadramento da pré-existência

Construído em 1906, o edifício localiza-se na rua D' Azeglio, n.º 5, numa área imediatamente adjacente ao Hospital Maggiore. Apesar da sua localização privilegiada no centro urbano histórico, encontra-se atualmente desocupado. Apresenta-se como um único volume orientado a norte, com duas empenas e um logradouro interno de pequenas dimensões, hoje subutilizado e negligenciado.

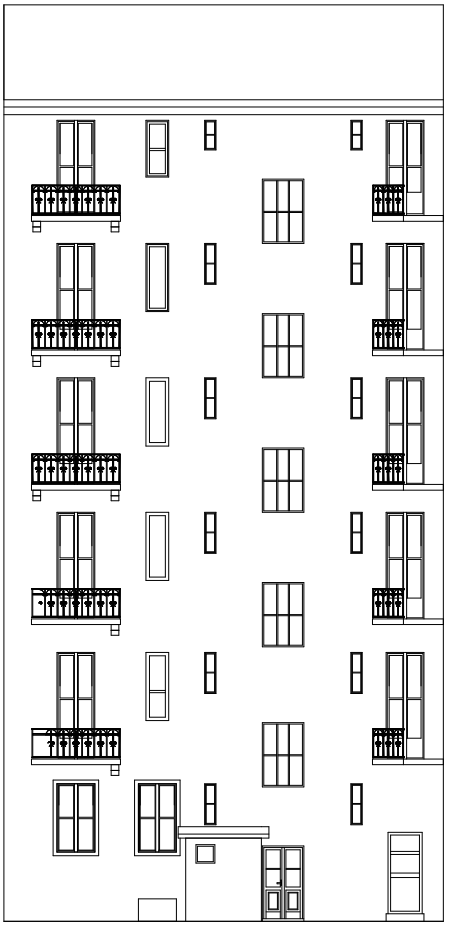
A organização programática distribui-se de forma clara: o rés-do-chão integra espaços comerciais e um pequeno apartamento posterior; nos cinco pisos superiores mantém-se a mesma distribuição espacial, sendo cada piso composto por 2 apartamentos, esquerdo e direito, respetivamente de tipologias T2 e T3. Quanto à disposição interior dos apartamentos, as zonas comuns e privadas como a sala e os quartos, estão voltadas a norte, enquanto as zonas húmidas, como a cozinha e casa de banho, se orientam a sul.

O desenho das fachadas revela a influência da arquitetura austríaca, como consequência do domínio do império austro-húngaro neste território. Entre as características mais marcantes destacam-se o uso do eixo de simetria, cornijas, molduras, arcos sobre as janelas e demais elementos ornamentais. Relativamente à materialidade, o piso térreo é revestido a pedra, enquanto os pisos superiores apresentam reboco.

Tal como nos restantes edifícios-piloto, reconhece-se a pertinência desta arquitetura como herança histórica e parte integrante da identidade arquitetónica de Trieste. Por isso, privilegia-se a conservação das fachadas, como forma de preservar a paisagem urbana e memória do local. A proposta de intervenção procura salvaguardar ao máximo a estrutura existente, demolindo apenas paredes secundárias.



Edifício A A1.Fachada frontal
[1.200]



Edifício A A2. Fachada Posterior
[1.200]

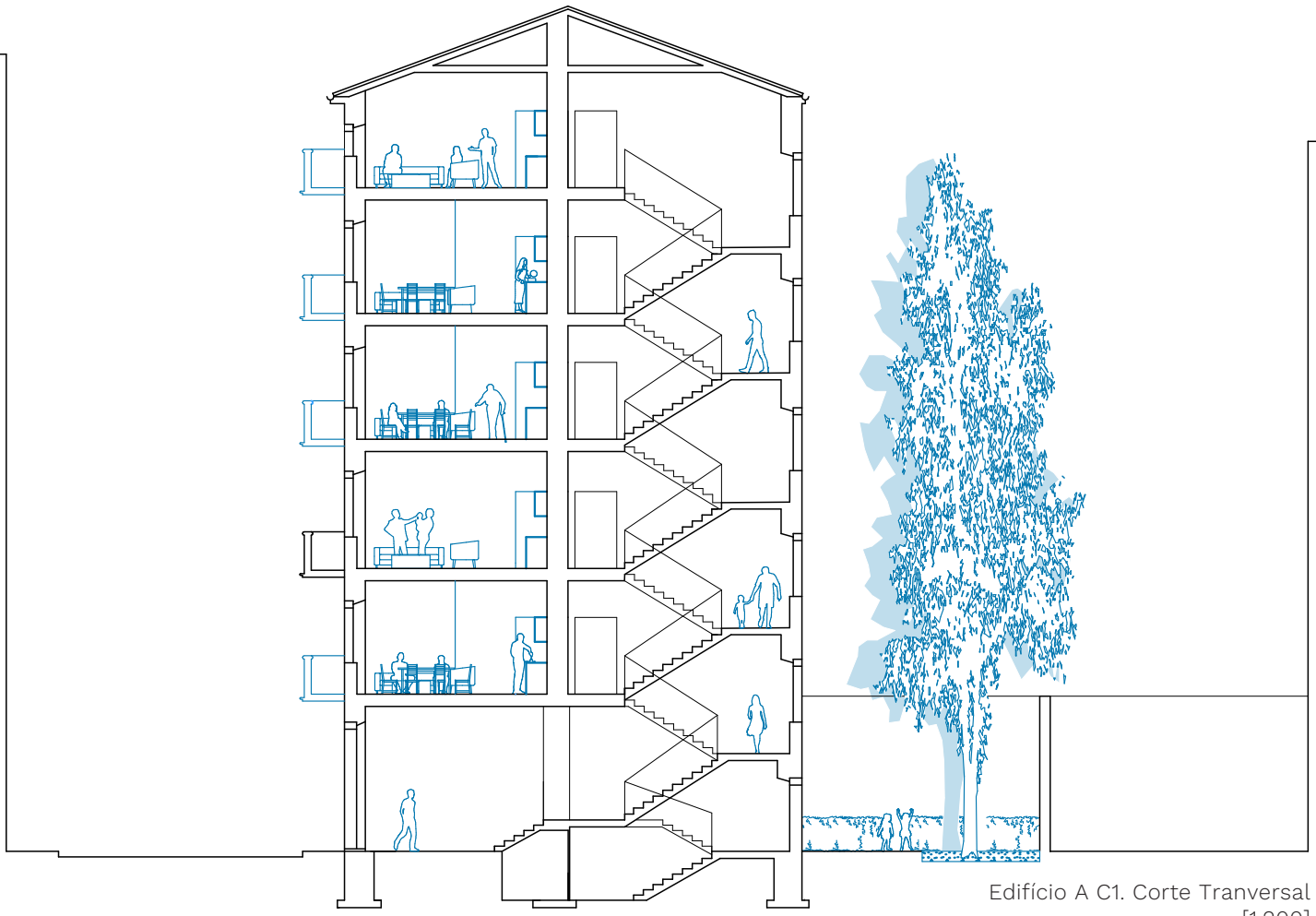
1.1.3. Relação Instituição / Público-alvo

Fig A.07 Símbolo institucional do Istituto per Interventi Sociali.

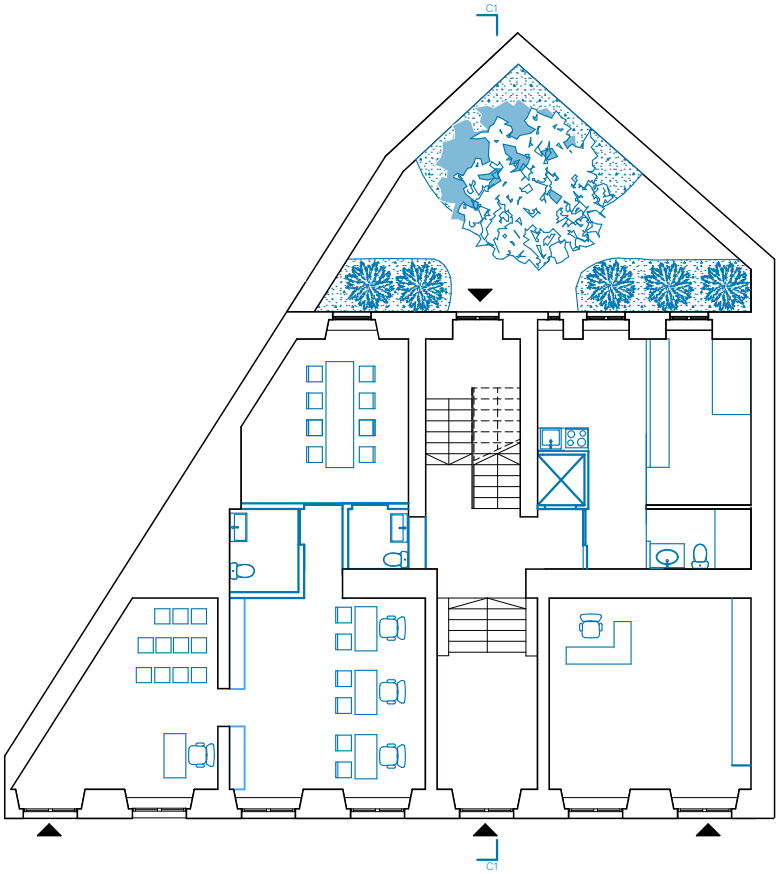
Para além da conceção de habitação acessível e condigna, um dos principais objetivos deste trabalho é o desenvolvimento de meios de reintegração e restruturação social através da criação de estratégias que facilitem a aproximação e interação entre os agentes sociais e os habitantes da cidade. Cada intervenção deve, assim, assegurar uma relação contínua entre os residentes e a instituição responsável pelo edifício, oferecendo respostas individualizadas às problemáticas sociais específicas de cada associação e do seu público-alvo.

No caso do edifício A, a gestão é realizada pelo ITIS (Istituto per Interventi Sociali), uma instituição pública dedicada a assistência e caridade, com foco no apoio a população mais idosa, porém de forma não exclusiva. O ITIS implementa serviços e intervenções voltadas para a prevenção, tratamento e reabilitação da perda da autonomia, abrangendo áreas domiciliárias, semi-residenciais e residenciais, e desenvolvendo funções de centro de atendimento a idosos.

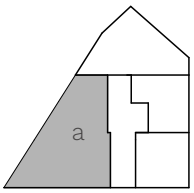
Desta maneira, a proposta de intervenção destina-se a alojar idosos autossuficientes ou não, cuja principal necessidade seja a falta de convivência e companheirismo. O rápido envelhecimento da população de Trieste tem conduzido a crescente exclusão social e solidão. Para enfrentar este fenómeno, propõem-se alojamentos que agrupem diferentes pequenos núcleos familiares no mesmo piso, funcionando como uma estratégia de assistência e socialização. Através do compartilhamento dos espaços entre pessoas mais idosas e pequenas famílias, permite o desenvolvimento de laços, tornando o edifício não apenas um abrigo, mas também um motor de integração e interação entre residentes.



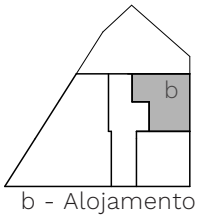
Edifício A C1. Corte Tranversal
[1.200]



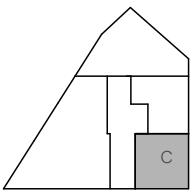
Edifício A P3. Planta Rés-do-chão
[1.200]



a - Serviço social



b - Alojamento
temporário

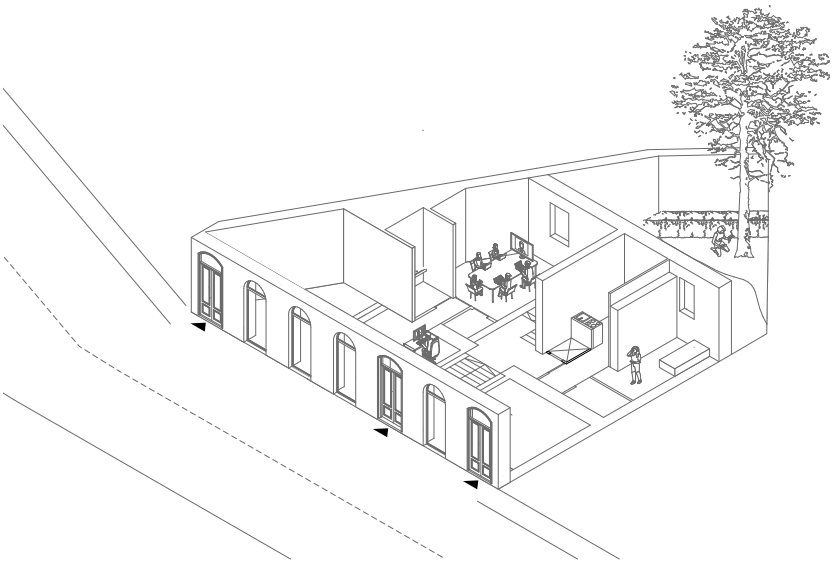


c - Loja
solidária

Edifício A E1. Programas
do Rés-do-chão

1.2. A Proposta

1.2.1. O Rés-do-chão: o espaço da comunidade



Edifício A D.1 Representação do Rés-do-chão

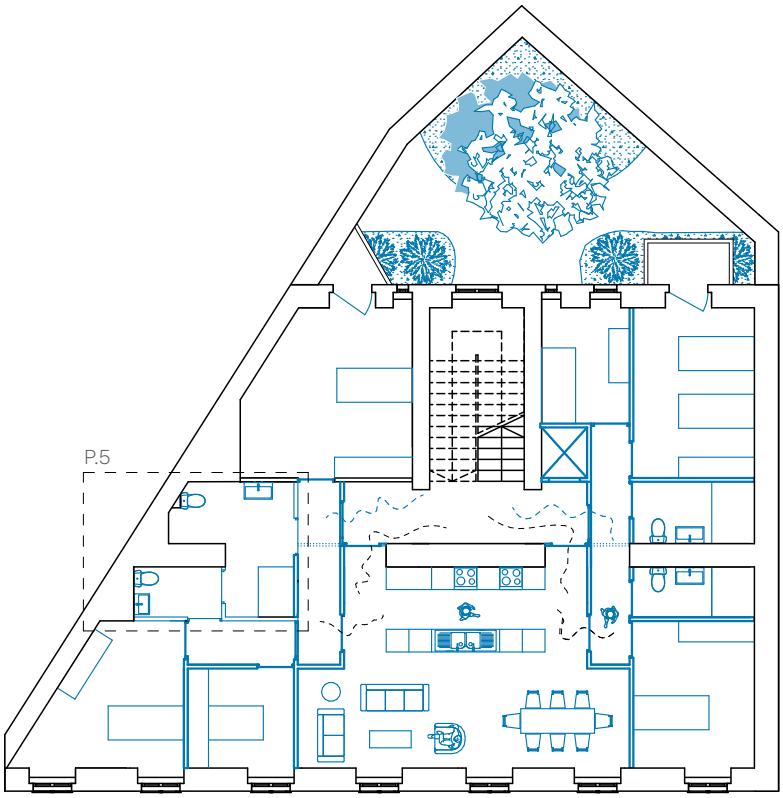
Na proposta desenvolvida para o edifício A, o rés-do-chão desempenha uma função determinante na medida em que alberga programas coletivos que beneficiam não apenas os residentes do edifício, mas a comunidade envolvente, contribuindo para a criação de uma sociedade mais inclusiva. O individualismo e outros fatores sociais têm conduzido à perda de valores comunitários, tornando evidente a necessidade de abrir o edifício à cidade e promover iniciativas de carácter coletivo. Perante esta situação, verifica-se a necessidade de criar lugares onde a população possa encontrar auxílio e apoio contínuo.

Propõem-se, assim, os seguintes espaços:

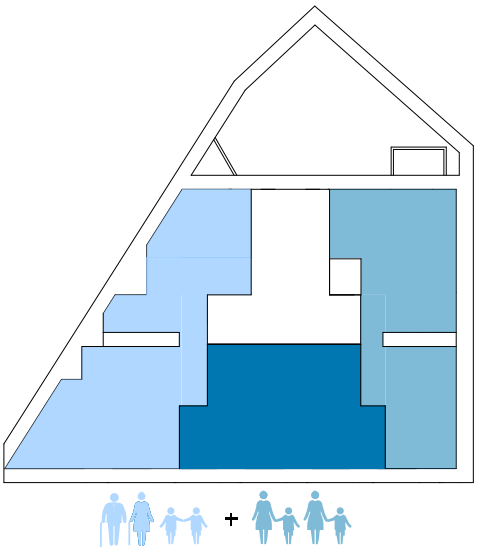
a_ Gabinete de Serviço Social (filiação da instituição ITIS) - estrutura técnico-operativa que presta atendimento ao público e fornece serviços destinados a auxiliar pessoas em situação de vulnerabilidade.

b_ Alojamento Temporário de Emergência - unidade habitacional destinada a acolher temporariamente pessoas e famílias em situação de urgência.

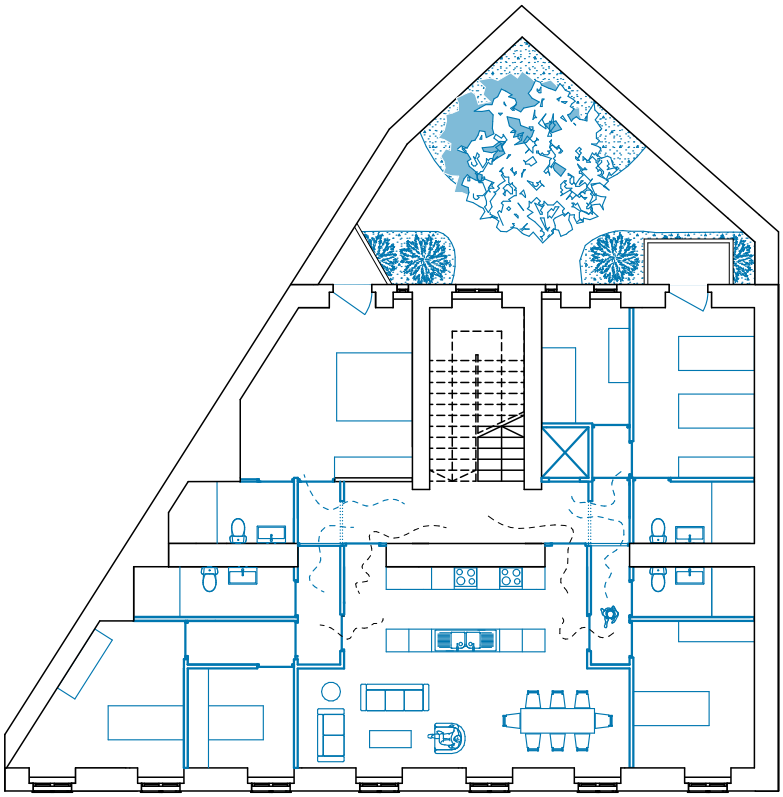
c_ Loja solidária - iniciativa de apoio à comunidade, cujo rendimento destina-se a suprir as necessidades habitacionais através do ITIS.



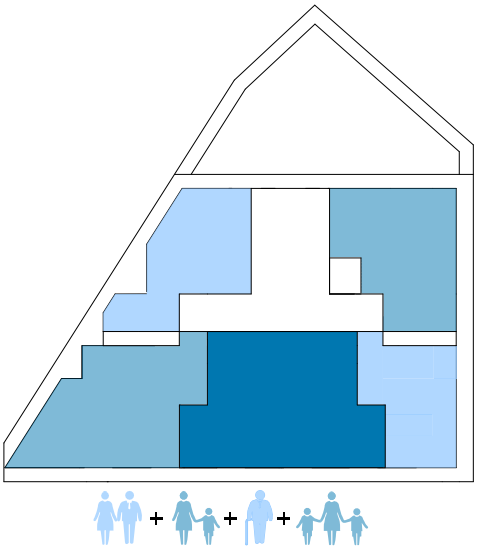
Edifício A P3. Planta 3.º e 4.º Piso
[1.200]



Edifício A E3. Disposição de 2 células.

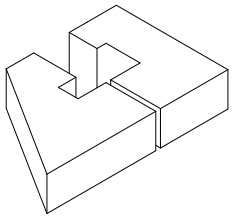


Edifício A P2. Planta 1.º e 2.º Piso
[1.200]

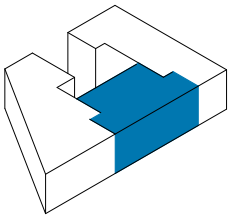


Edifício A E2.Disposição de 4 células.

1.2.2. União dois (2) em um (1)



Edifício A E4. Unidades separadas



Edifício A E5. União das unidades

Com o objetivo de otimizar o espaço e promover a sociabilidade, a estratégia adotada nos pisos superiores do Edifício A consistiu na implantação deum modelo cohousing em que cada piso/apartamento incentiva a colaboração comunitária através da junção das zonas comuns, transformando-as numa única área compartilhada: a sala e a cozinha [Edifício A E4 e E5]. O posicionamento central deste espaço ao longo dos diferentes pisos permite equilibrar sentido de pertença a um núcleo familiar, enquanto a gestão diversificada de percursos e acessos assegura a privacidade e autonomia das zonas privadas.

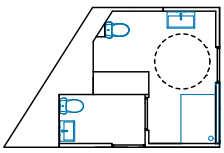
Nos modelos mais tradicionais de habitação, sala e cozinha são pensadas para servirem como áreas de convivência dentro de um mesmo núcleo familiar. Porém, quando compartilhados por diferentes agregados, como famílias jovens, monoparentais, jovens profissionais, estudantes ou idosos, facilitam a aproximação entre os agregados, promovendo relações de apoio e cooperação. Monique Eleb afirma que o primeiro presente que cada pessoa oferece a outra numa situação de coabitação é, muitas vezes, a sua própria presença, que rompe a solidão pela troca cotidiana de palavras.[9] O objetivo de viver em comunidade é, portanto, sentir-se apoiado. Para além de mitigar o isolamento da população mais idosa, visa-se também aliviar o problema de acesso à habitação entre a população mais jovem, fomentando um sentimento de igualdade e pertença.

Propõem-se diferentes tipos de associação de células de habitar por piso, em torno do núcleo comum, numa composição possível de duas, três ou quatro células. Apresentam-se nos desenhos as duas situações limite:

1. Composição com duas células [Edifício A P3]:
Duas células por piso, esquerda e direita, com acesso próprio e ligação à zona partilhada. Cada célula forma um núcleo composto por três quartos e duas casas de banho, sendo uma das células adaptada a mobilidade reduzida [P5].

2. Composição com quatro células [Edifício A P2]:
Quatro células por piso com acesso próprio; duas conectáveis diretamente à zona comum e duas mais independentes, cujos ocupantes podem ou não utilizar a sala e a cozinha.

Como alojamento potencialmente provisório importa assegurar a adaptação das células ao do longo tempo. O posicionamento estratégico de portas e acessos, gera uma elasticidade que permite articular entre duas, três ou quatro células, num sistema mediado pela instituição conforme o grupo de habitantes a acolher.



Edifício A P5. Variações das casas de banho para mobilidade reduzida

9. ELEB, Monique e BENDIMÉRAD, Sabri. **Ensemble et séparément, des lieux pour cohabiter.** Paris : Mardaga, 2018.

1.2.3. Dados do projeto: pessoas e espaços

Tipologia do edifício
Edifício entre empenas

Número de pisos
6

Número de edifícios
1

Número de apartamentos
8 - 12

Área total de construção
1320 m²

Altura do piso
3.00 - 3.50 m

Espaços privados
368.6 m²

Acesso ao edifício
O acesso é garantido diretamente pela rua.

Espaços partilhados
361 m²

Layout do edifício
A circulação desenvolve-se verticalmente, por escadas e elevador, e horizontalmente, através de corredores.

Espaços coletivos
205.5 m²

Soluções espaciais do edifício
Espaços privados de dimensões variadas são concebidas para acolher diferentes grupos de utilizadores, sendo complementadas por áreas comuns partilhadas.

Espaços públicos
95.3 m²

Tipologia das habitações
Cada piso dispõe de unidades de 1 a 3 quartos, com sala e cozinha partilhadas.

Zona de noite/ privada
Otimiza-se as áreas de circulação para garantir a autonomia dos espaços individuais.

Área das habitações
Variam entre 20 e 43 m²

Zona de dia/ partilhada
São posicionadas estrategicamente para facilitar a privacidade, ao mesmo tempo que promovem a vida em comunidade.

Layout das habitações
O layout das habitações é organizado em torno do espaço comum partilhado com formas diversas de utilização e apropriação.

Soluções espaciais das habitações
Pequenas variações na circulação interna resultam em diferentes configurações do mesmo layout ao longo dos vários pisos.

1.3. A cozinha como dispositivo de partilha

Fig A.08 Cozinha partilhada, no edifício residencial [ro*sa][22] em Viena.

Tendo em conta que o cohousing se desenvolve em tempos caracterizados por uma extrema individualização dos modos de habitar, Klaus Spechtenhauser afirma que a partilha se torna não apenas um elemento refletido na cozinha ou na sala comum, mas sobretudo um valor que se manifesta na solidariedade entre os residentes.[10] Deste modo, considera-se a partilha dos espaços comuns por diferentes núcleos familiares como a principal característica do cohousing, sendo, este aspeto que "distingue o Cohousing dos modelos de habitação coletiva.[11]

De acordo com, Monique Eleb, entre os diferentes espaços comuns possíveis de observar em projetos de Cohousing, a cozinha coletiva destaca-se como o lugar mais relevante e representativo do significado da vida em coabitação, constituindo também o espaço partilhado mais íntimo dentro da esfera comunitária.[12]

No contexto do desenvolvimento desta proposta, mais do que a refletir sobre a funcionalidade da cozinha, importa compreender o que ela significa e simboliza perante a diversidade etária, social e cultural que se pretende acolher, bem como o seu papel enquanto dispositivo de inclusão, contrariando lógicas de segregação causadas pelas variações na apropriação, utilização e ocupação do espaço.

10. SPECHTENHAUSER, Klaus. **The Kitchen: Life World, Usage, Perspectives**. Basel: Birkhäuser Architecture, 2006, p.217.

11. Ibidem.

12. ELEB, Monique e BENDIMÉRAD, Sabri. **Ensemble et séparément, des lieux pour cohabiter**. Bruxelas: Mardaga, 2018, p.25.

1.3.1. O conceito de cozinha

O debate sobre o conceito de cozinha na habitação prolonga-se há vários anos, e o seu significado tem vindo a sofrer alterações até aos dias de hoje. Inicialmente este conceito estava diretamente relacionado com a sua funcionalidade. A cozinha era, então, definida como o espaço singular da casa, de carácter utilitário, dedicado exclusivamente à preparação e confecção de alimentos.

Nas últimas décadas, no entanto, a cozinha tem adquirido uma importância cada vez maior na casa, alterando a sua disposição interior, as suas dimensões, assim como as suas formas de ocupação e funcionalidades. É reconhecido um valor que vai além do funcional, assumindo um carácter social. Segundo Spechtenhauser a cozinha não é um espaço meramente destinado à preparação nutricional, mas também um lugar de convivência e comunicação"[13].

O autor acrescenta ainda que o uso e apropriação variável da cozinha surgem como resultado das profundas transformações da sociedade e do ambiente, como a restruturação do agregado familiar, a evolução dos hábitos alimentares, entre outros, que despertam o desejo de por um espaço ou ambiente de cozinha acolhedor[14].

No contexto de coabitação, a definição de cozinha, de acordo com Atl Aicher, "está associada à atividade concreta onde os residentes se reúnem numa produção colaborativa"[15],representando um lugar de encontro social. Podemos, portanto, entender a cozinha contemporânea pela hibridez entre o viver e o cozinhar, que alia funcionalidade e acolhimento.

13. SPECHTENHAUSER, Klaus. **The Kitchen: Life World, Usage, Perspectives**. Basel: Birkhäuser Architecture, 2006, p.75.

14. Ibidem, p,63.

15. AICHER,Otl. **A Cocina para cocinar: El final de una doctrina**. Editorial Gustavo Gili,2004,p.90.

Fig A.09 Cozinha partilhada, no edifício residencial CALICO.

1.3.2. Mudança de estatuto da cozinha

No que diz respeito a função da cozinha como parte integrante de um conjunto de espaços domésticos, constata-se que, em contraste com o papel que a cozinha desempenha na atualidade, este espaço assumia, no passado, uma função secundária na casa.

Associada à ideia de um compartimento que deveria ser ocultado, era geralmente colocada numa posição periférica- situada na parte traseira da casa, ou por vezes, até mesmo na parte exterior da mesma. Michelle Corrodi, descreve a cozinha do séc.XIX como um espaço excluído do campo de pensamento e ação da família de classe média alta, e por isso, colocada o mais distante possível dos espaços onde a família vivia e socializava[16].

Foi a partir do século XX que a cozinha começou a assumir uma centralidade crescente na casa. “Deixando para trás a imagem da cozinha como espaço isolado e desvalorizado nas margens da vida doméstica e tornando-se como um verdadeiro palco para o homo domesticus”[17], isto é, o espaço protagonista da vida quotidiana do homem doméstico.

Esta mudança estava também relacionada com a alteração do papel da mulher na sociedade. Com o processo de emancipação e a sua progressiva inserção no mercado do trabalho, a cozinha deixou de ser considerada um espaço exclusivamente destinado ao trabalho da mulher e tornou-se num lugar de encontro da família.

A integração da cozinha na esfera social conferiu-lhe um novo significado espacial, desencadeando o debate entre “working kitchen” e “live-in kitchen”.

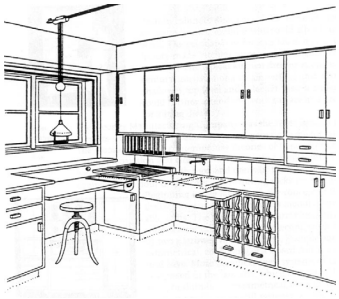


Fig A.10 Cozinha de trabalho de Frankfurt.

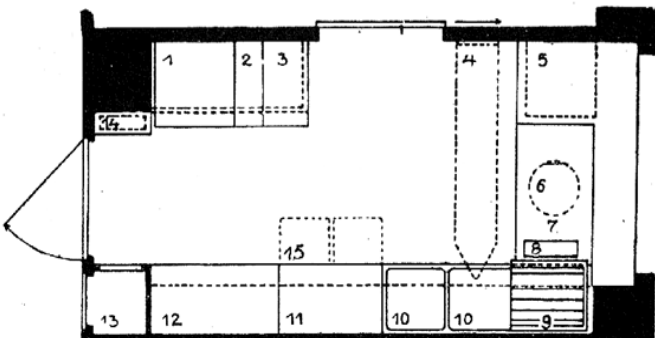
O conceito de “working kitchen” está associado a ideia da cozinha como espaço de trabalho autónomo. De acordo com Spechtenhauser, a higiene e a limpeza são uma prioridade e principal motivo pelo qual se torna pertinente a separação de funções entre o viver e o cozinhar. Como defende Otl Aicher, “a cozinha tinha que ser entendida como uma célula de trabalho dedicada à preparação de refeições, [...] otimizada como local de trabalho e possuir ferramentas mecânicas e elétricas.”[18]

Por isso, o desenho do seu espaço baseava-se em princípios ergonómicos que visavam aumentar a eficiência e facilitar as tarefas diárias, reduzindo o esforço através de percursos mais curtos e configurações compactas, limitadas ao essencial[Fig A.10].

16. SPECHTENHAUSER, Lausana. **The Kitchen: Life World, Usage, Perspectives**. Basel: Birkhäuser Architecture, 2006, p.21

17. Idem, p.36.

18. AICHER,Ot. **A Cocina para cocinar: El final de una doctrina**. Editorial Gustavo Gili,2004, p.15.



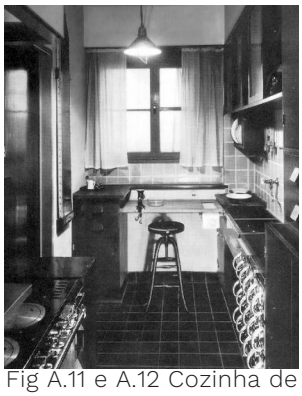
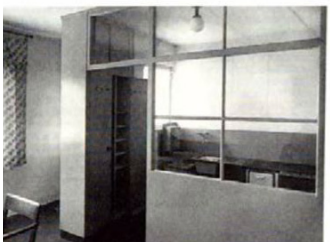


Fig A.11 e A.12 Cozinha de Frankfurt

A cozinha de Frankfurt, projetada por Ernst May em 1926, constitui ao primeiro protótipo deste modelo. Neste espaço, o trabalho culinário foi concebido como um processo de fabrico, resultando no desaparecimento da mesa central e na criação de relações mais próximas e acessíveis com os objetos [Fig A.11 e A.12].

Por outro lado, o conceito de "live-in kitchen" considera a cozinha um espaço que combina várias atividades num ambiente contínuo e fluido.

Para Adolf Loos, a exclusão da cozinha de trabalho era consequência de uma cultura culinária limitada[19].Considerava o ato de cozinhar como parte do processo da vivência social do espaço doméstico, especialmente quando a mãe, responsável pelas tarefas domésticas, era observada pelos restantes membros da família durante a preparação das refeições. Na sua opinião, cozinhar era também uma forma de performance que contribuía para a integração na vida familiar, em particular da mulher.



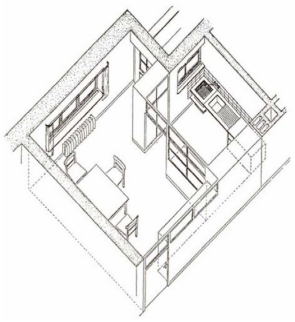


Fig A.13 e A.14 Cozinha de Munique.

Neste contexto, o conceito de "live in kitchen" conduziu a uma crescente valorização da cozinha, não somente relativamente ao design e mobiliário, mas sobretudo no que diz respeito à sua dimensão social. Como crítica as limitações da cozinha de Frankfurt, em 1928 surge a cozinha de Munique, projetada por Erna Meyer,concebida para assegurar a relação e transparência entre a sala de estar e cozinha. A separação entre estes espaços é realizada por um a fina parede de vidro, que permite maior visibilidade e interação [Fig A.13 e A.14].

Atualmente, a escolha entre o "working kitchen" e "live-in kitchen", está relacionada com preferências individuais que variam consoante a estrutura familiar, o número de membros do agregado, bem como, de acordo com sociedade e a cultura que se inserem[20]. A preocupação com a eficiência do trabalho da mulher na cozinha, como abordado anteriormente, torna-se um fator cada vez menos fundamental na determinação do tipo de cozinha. Evidentemente, este espaço deixa de ser considerado exclusivamente feminino. Importa por isso, focar no impacto familiar e social que o espaço adquire.

19. SPECHTENHAUSER, Lausana. **The Kitchen: Life World, Usage, Perspectives**. Basel: Birkhäuser Architecture, 2006, p.36

20. Ibidem, p.8.

À luz do discurso do Adolfo Loos, é possível reinterpretar e valorizar o papel da cozinha enquanto espaço de experimentação da coabitação como lugar multifuncional que contribui para o processo da integração na comunidade e para o fortalecimento dos laços entre vizinhos. Nesse contexto, cozinha deixa de pertencer exclusivamente a uma família, passando a ser compartilhada entre diferentes grupos de habitantes ou, por vezes, tornando-se espaço comum a todos os residentes do edifício. Assim, a cozinha deve ser concebida para permitir o uso eficiente e simultâneo por pessoas de perfis diversos.

Na proposta desenvolvida para o edifício A, a cozinha é o elemento de destaque, explorando os limites entre a necessidade e o lazer, e a funcionalidade e o prazer. Toma-se como referência edifícios de coabitação de carácter social, como é o caso do edifício CALICO (Cuidar e Viver em Comunidade), localizado em Bélgica, na cidade de Bruxelas. Esta iniciativa direcionada a população idosa, mulheres (solteiras, com ou sem crianças), e pessoas em situação de imigração, resignifica a cozinha como ponto de encontro central entre pessoas de diferentes géneros e gerações [Fig A.15 e A.16].

Fig A.15 e A.16 Uso da cozinha para divisão de tarefas e convivência intergeracional no edifício residencial CALICO.

Outro aspecto que caracteriza este projeto é a integração da cozinha, sala de estar e jantar num único espaço, solução espacial designada por "Open Kitchen" (cozinha aberta). Segundo Kurt Greter, "a cozinha e a área de jantar juntas formam o núcleo da casa"[21]. Este modelo traduz-se num espaço de aconchego, convívio e partilha, mas também de trabalho, lazer e descanso. É um ambiente flexível, onde cada utilizador chega com suas próprias necessidades e modos de apropriação.

Segundo Spechthauser, a cozinha deixou de ser o centro doméstico da casa, associado a cheiros e sabores que marcavam o ritmo quotidiano[22]. Em vez disso, passou a integrar as áreas de estar e de refeição, originando um ambiente único, aberto e mais amplo.

Este conceito, que surge na década de 1980, traduz a ideia de autonomia não como isolamento - como ocorria nas cozinhas tradicionais -, mas como expressão de protagonismo formal e dignidade espacial, conferindo a este ambiente identidade própria.

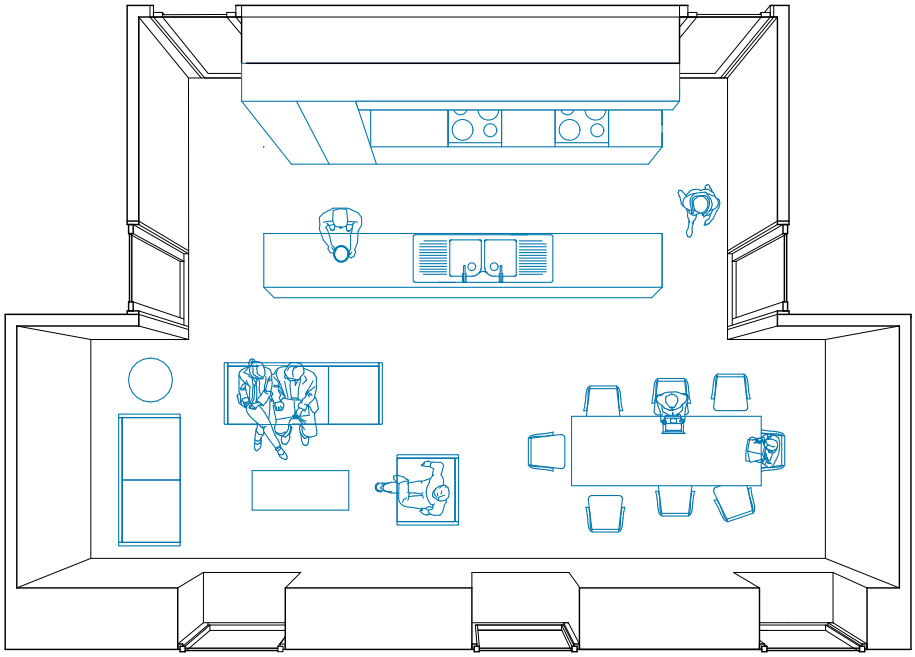
Paradoxalmente, essa nova autonomia não implica independência física. Pelo contrário, ao assumir novas funções e usos coletivos, a cozinha aberta elimina barreiras, dissolve fronteiras e cria continuidades, conectando as dimensões de preparar, partilhar e conviver. Perde, assim, o simbolismo tradicional ligado à esfera estritamente privada da casa e passa a integrar a vida doméstica comum, tornando-se parte de um todo onde funções se sobrepõem e dialogam.

No contexto de coabitação, este espaço atinge uma dimensão ainda mais significativa. A cozinha transforma-se num lugar inspirador e poético, em que cozinhar e comer, discutir, comunicar e trabalhar, ou simplesmente passar o tempo, se entrelaçam. Além disso, favorece a partilha de responsabilidades, uma vez que as tarefas domésticas passam a ser desempenhadas de forma compartilhada, libertando tempo para a vida quotidiana de cada residente.

Por fim, importa destacar também as vantagens de racionalização e poupança que esta estratégia proporciona. Ao integrar funções e reduzir compartimentos, otimiza não apenas o uso do espaço e do tempo, mas também os custos económicos.

21. SPECHTENHAUSER, Lausana. **The Kitchen: Life World, Usage, Perspectives**. Basel: Birkhäuser Architecture, 2006, p.126

22. Ibidem, p.18.



Edifício A E.6 Cozinha aberta do conjunto edificado.

1.3.3. O quão grande pode ser a cozinha ?

Por conta da industrialização, a questão “quão pequena pode ser a cozinha?” tem-se tornado um tema amplamente debatido na atualidade. Como resultado da crescente demanda do mercado de trabalho e do aumento das horas laborais diárias, surgiu a necessidade de flexibilizar a preparação e a confeção dos alimentos, bem como de reduzir o tempo despendido nas refeições. Consequentemente, cada vez mais as refeições são feitas fora de casa ou, quando realizadas em casa, opta-se frequentemente por refeições rápidas, como sandes ou comidas pré-cozinhadas que podem ser apenas aquecidas no micro-ondas. Diante deste cenário, os arquitetos contemporâneos tendem a reduzir as dimensões das cozinhas.

Todavia, este trabalho propõe uma abordagem contrária, questionando: “até que ponto a cozinha pode crescer em dimensão?”. Como referido anteriormente, para Adolf Loos, a cozinha é, em última análise, uma questão cultural, desempenhando um papel social de grande importância. Nesse sentido, as suas dimensões devem ser suficientemente generosas para permitir o desempenho das diversas funções de forma confortável.

A cozinha é o lugar onde se realizam as refeições mais significativas do dia, onde se compartilham momentos sentados à volta da mesa e se trocam relatos quotidianos, seja durante a refeição, o trabalho ou o descanso.

Perante a sua relevância e inevitabilidade, torna-se imperioso não banalizar este espaço, reduzindo-o a um lugar desordenado e caótico em resultado do mau funcionamento e da deficiente manutenção, frequentemente motivados pela multiplicidade de funções que nele se concentram.

A predisposição e distribuição da cozinha aberta e integrada por piso no edifício A, em vez de uma cozinha e sala comuns a todos os residentes, é pensada para assegurar maior controlo e conforto, agrupando pequenos grupos de cerca de 6 a 8 pessoas por piso. De acordo com Neufert, as dimensões mínimas recomendadas para cozinhas familiares variam em função do número de utilizadores e da necessidade de incluir área de refeições.[23] Para cozinhas destinadas a 6 a 8 pessoas, a área necessária situa-se em torno de 15 m² no mínimo, sendo preferível entre 18 e 20 m² para garantir espaço de trabalho, mesa e circulação adequados. A cozinha proposta com 3,30 m x 6,40 m (21,12 m²), enquadra-se portanto dentro dos valores recomendados, oferecendo boas condições de uso e eficiência para este número de pessoas

Assim como a escala reflete no sucesso da cozinha comum, a disposição do mobiliário desempenha um papel igualmente fundamental. Surge, então, a questão: qual a quantidade mínima de equipamentos necessária para que os vários utilizadores possam desenvolver as suas atividades em simultâneo? E de que modo este espaço pode ser organizado para acolher até quatro núcleos familiares diferentes?

Na Alemanha, na década de 1990, existiam acomodações temporárias designadas por “transitional homes”, que alojavam emigrantes russo-judeus com a intenção de separá-los da comunidade alemã por questões linguísticas, raciais e outras. Nestas acomodações, os espaços comuns eram partilhados entre os residentes.

A cozinha, por exemplo, possuía cerca de 8 a 10 fogões e uma

23. NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura**. 18.ª ed. Trad.Benelisa Franco. São Paulo: Gustavo Gili, 2013,p.61-66.

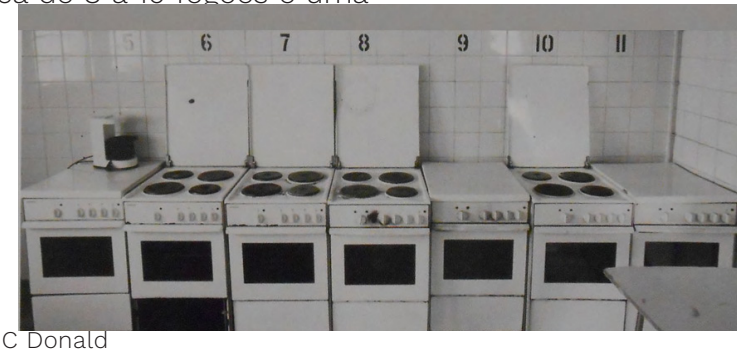


Fig A.17 e A.18 Cozinha da Fudanção Ronaldo MC Donald

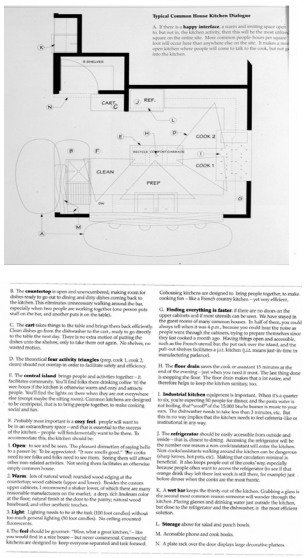


Fig A.19 e A.20 Cozinha para Cohousing proposta por Durret

quantidade igualmente significativa de frigoríficos, variando conforme o número de famílias alojadas [Fig. A.17 e A.18]. Esta prática ainda se observa nos dias de hoje em projetos residenciais de diferentes naturezas.

Para o presente projeto, e em conformidade com os princípios estabelecidos por Durrett[24], na sua obra sobre o Cohousing [Fig. A.19 e A.20], propõe-se a seguinte disposição:

• Balcões, dispostos paralelamente, com um lava-loiça comum;

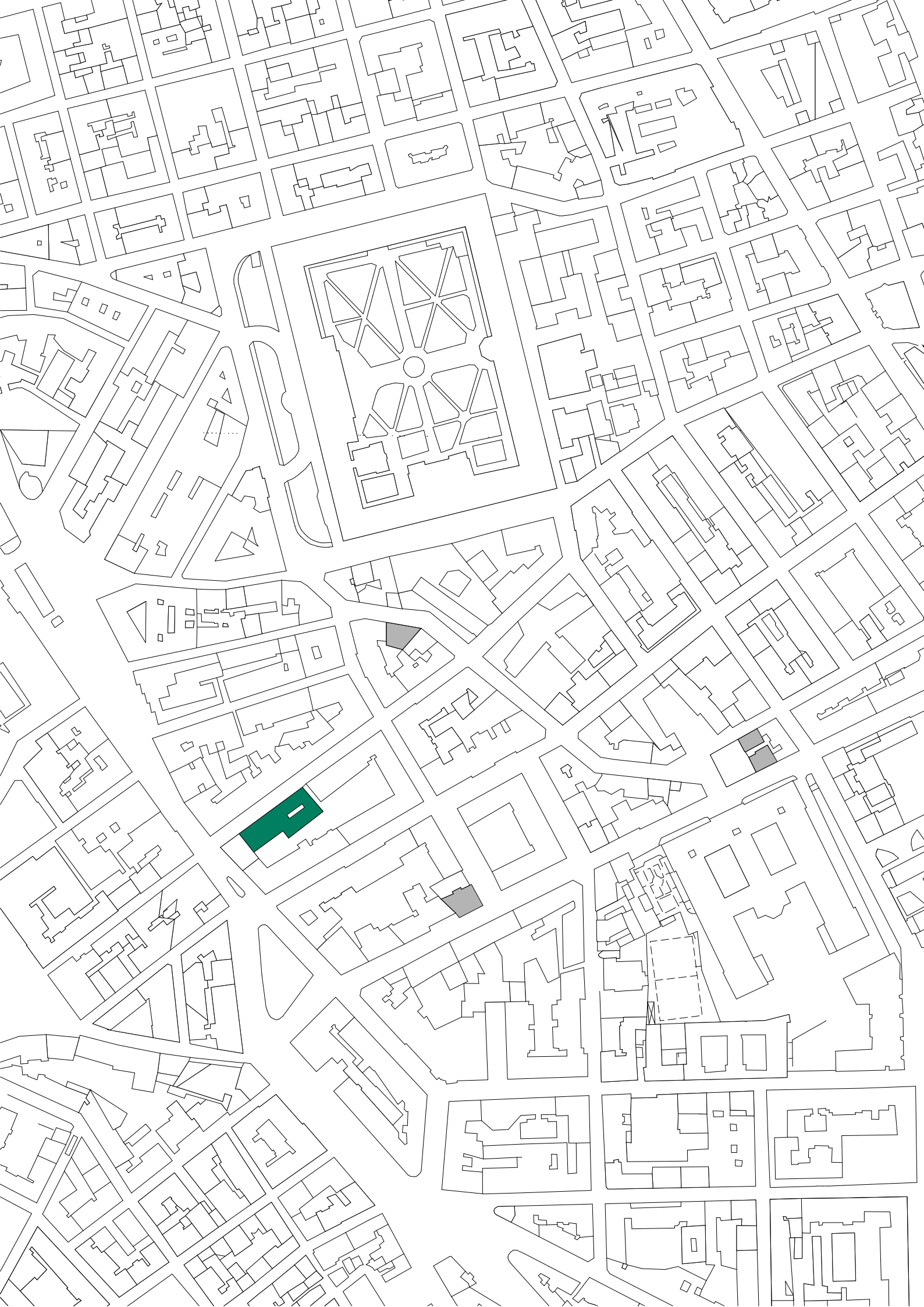
• Dois fogões e dois frigoríficos, distribuídos da seguinte forma: no caso de dois agregados familiares, um equipamento para cada família; no caso de quatro agregados, com no máximo duas pessoas por unidade, a distribuição é feita por pares (um fogão e um frigorífico para dois agregados);

• Uma mesa familiar, resultante da junção de duas mesas de quatro lugares cada, podendo também funcionar separadamente. Este elemento revela-se essencial não apenas para as refeições, mas também como mesa de trabalho.

Assim, através da manutenção da ordem, da limpeza e do uso responsável, a cozinha transforma-se num espaço sustentável de convívio e partilha entre os residentes.

Portanto, os espaços comuns propostos para o edifício A pretendem valorizar a cozinha aberta como núcleo social do cohousing, reconhecendo-a não apenas como espaço funcional de preparação de refeições, mas também como um ambiente que promove a convivência, a partilha e a interação social. Desta forma, para além de mitigar questões associadas à crise habitacional em Trieste, esta solução contribui ainda para reduzir situações de isolamento e exclusão social, entre outros desafios contemporâneos. A cozinha aberta afirma-se, assim, como um espaço estruturante, capaz de articular sociabilidade, eficiência e identidade, fomentando ambientes domésticos mais inclusivos e colaborativos.

24. SABATER, Txatxo in Aula Aberta no âmbito do Programa de Doutoramento em Arquitetura da FAUP, 2021.



2 MODULAR
o espaço

Edificio B
Rua Vasori, 5-6
Fondazione Caritas

2.1. Edifício B - Pontos de Partida

2.1.1. Resumo fotográfico

Fig B.01 Fachada frontal.

Fig B.02 Fachada posterior.

Fig B.03 Logradouro.

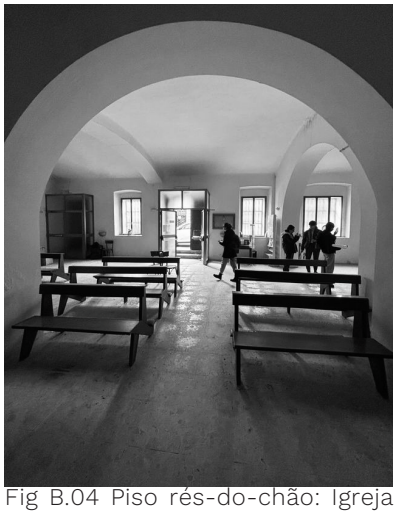
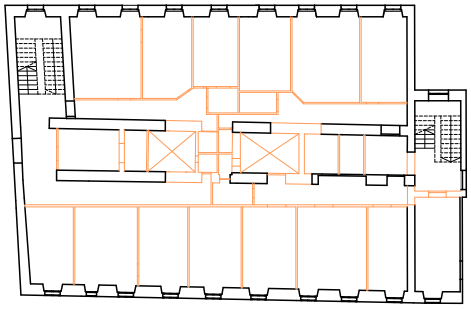


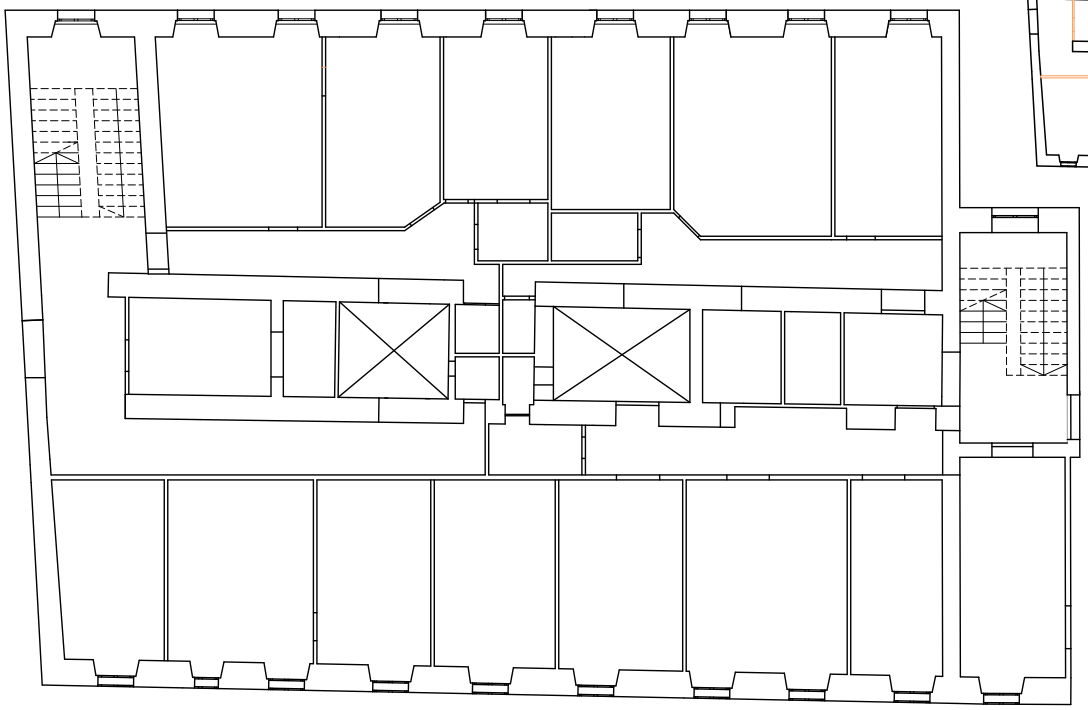
Fig B.04 Piso rés-do-chão: Igreja com sistema de arcos.

Fig B.05 Átrio de entrada para área residencial.

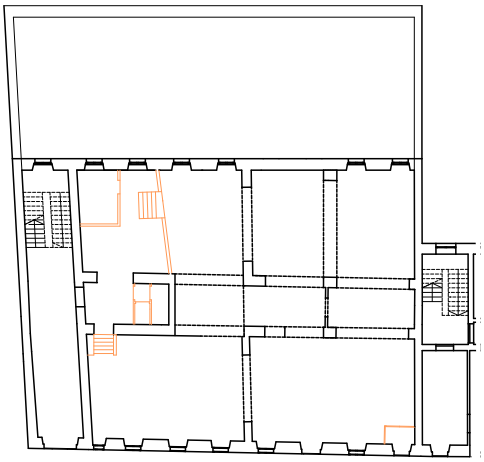
Fig B.06 Acomodações piso 1.



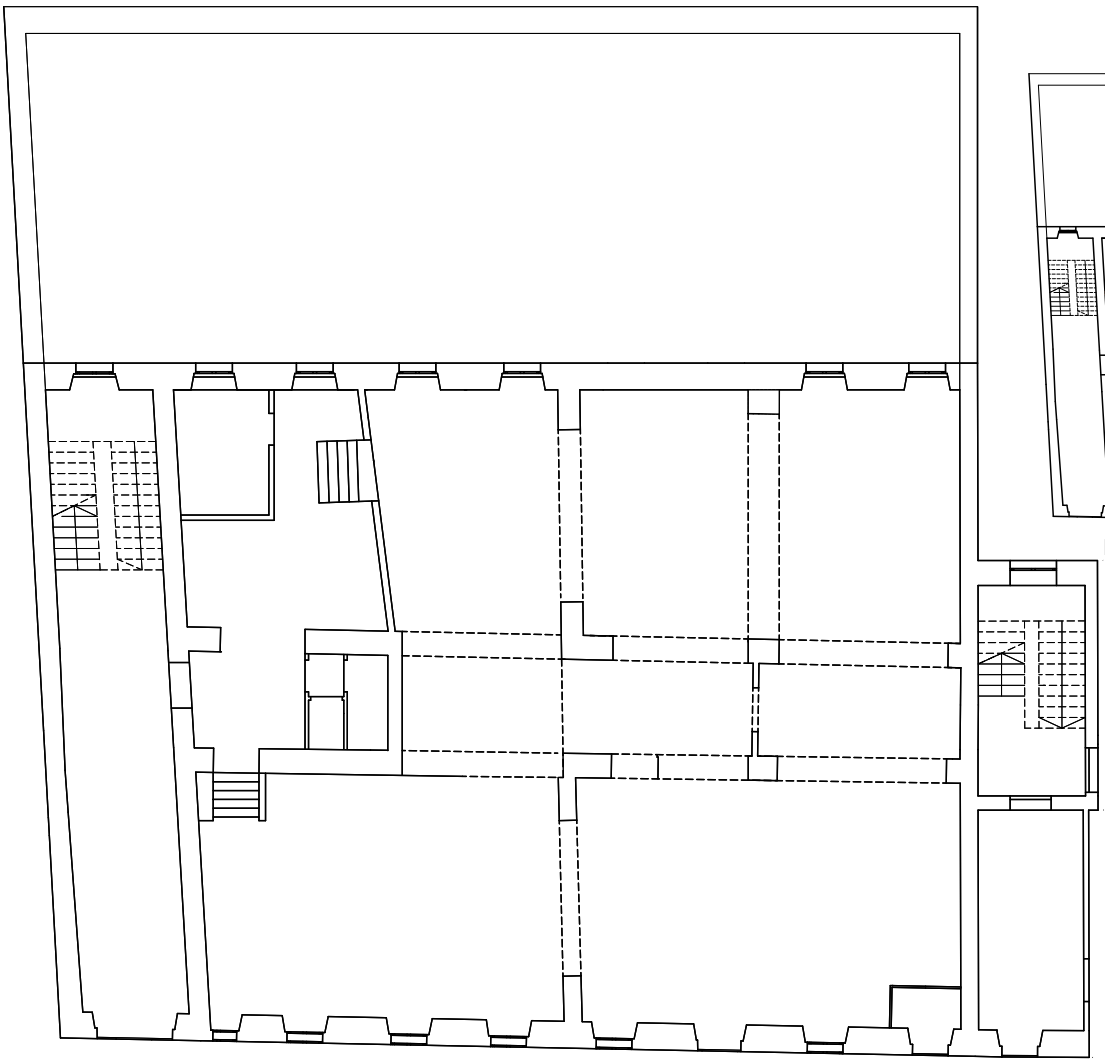
Edifício B P4. Planta Piso Tipo_
Paredes a demolir [1.500]



Edifício B P3. Planta Piso Tipo
[1.200]



Edifício B P2. Planta Rés-do-chão_
Paredes a demolir [1.500]



Edifício B P1. Planta Rés-do-chão
[1.200]

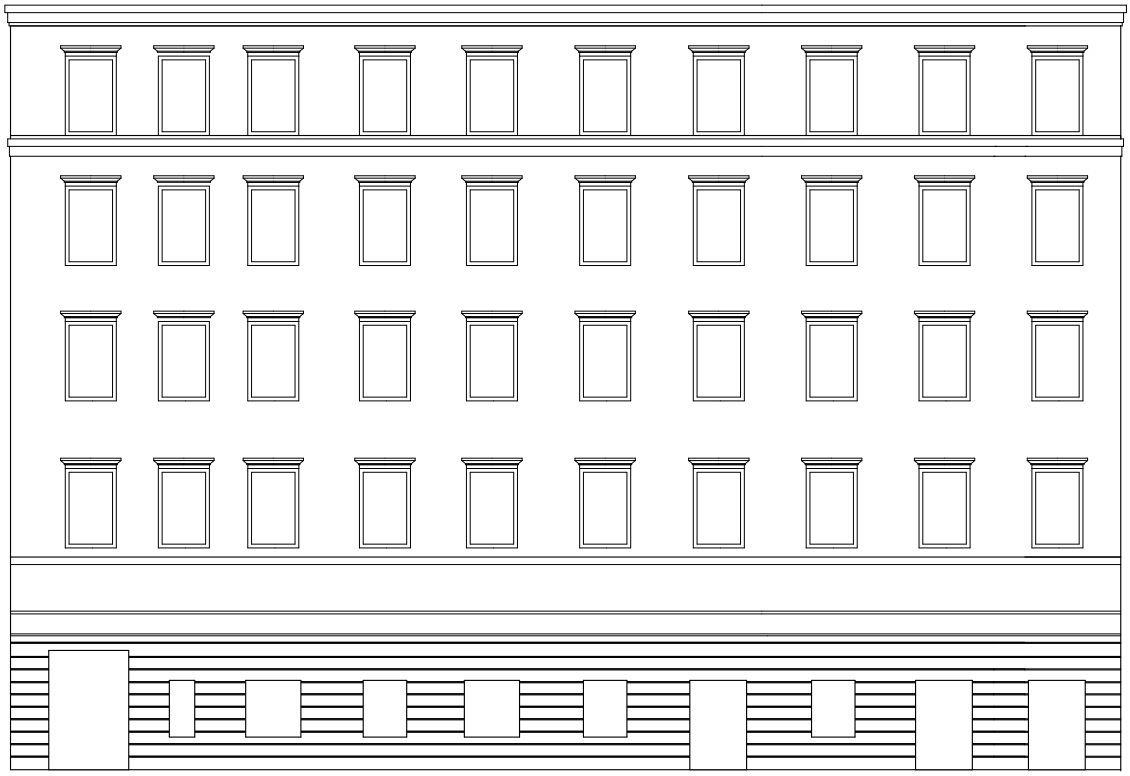
2.1.2. Enquadramento da pré-existência

O conjunto habitacional, localizado na Via Vasori, n.º 5-6, é composto por duas unidades residenciais adjacentes, com acessos independentes, que se desenvolvem em cinco pisos: um destinado a serviços e quatro a habitação. O edifício dispõe ainda de um logradouro com cerca de dez metros de largura por vinte e seis metros de comprimento, área superior à observada nos restantes três casos de estudo. Apesar das dimensões generosas, o espaço exterior encontra-se pouco cuidado e subaproveitado.

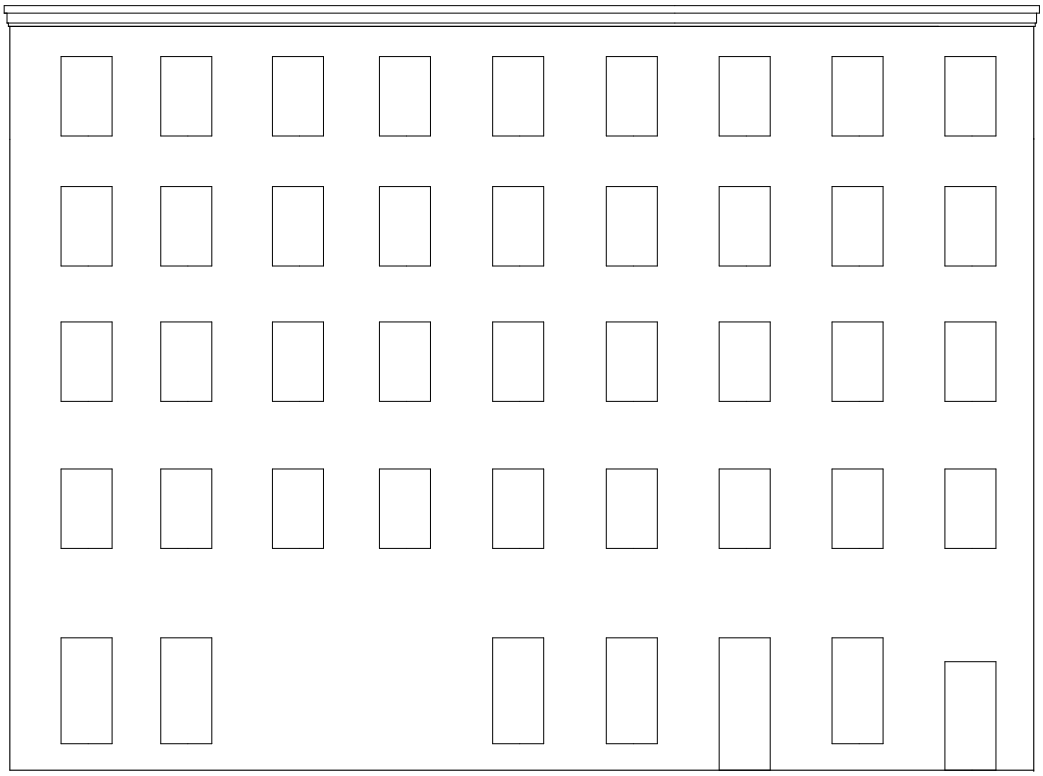
Cada unidade residencial funciona de forma autónoma, organizada a partir de um conjunto de escadas que distribuem os acessos aos quatro pisos de habitação, com dois apartamentos por piso, de tipologias T1 e T2. Cada unidade apresenta um pequeno e estreito saguão, que garante iluminação e ventilação naturais aos espaços interiores, assim como um sótão comunicante que interliga as unidades. Atualmente, somente o primeiro piso se encontra ocupado, funcionando como dormitório destinado a alojamento de emergência para pessoas em situação de sem abrigo.

No piso térreo, localiza-se uma igreja atualmente sem uso, originalmente concebida para a comunidade. O espaço distingue-se pela presença de arcos e abóbodas arquitetónicas que marcam de forma significativa a sua leitura. No que diz respeito à materialidade e à composição de fachada, assemelha-se aos demais edifícios: embasamento em pedra no piso térreo e alvenaria nos pisos superiores, enriquecidos por elementos decorativos que evidenciam a influência austríaca.

A proposta de intervenção visa preservar tanto as fachadas históricas, bem como a estrutura existente, tal como se verificará nas propostas seguintes. Neste edificado, prevalece assim, a conservação dos arcos e abóbadas no piso térreo, qualificando espacialmente o conjunto. Estes elementos estruturais definem uma faixa central que se prolonga verticalmente, refletindo-se na organização dos pisos superiores, conforme evidenciado nas plantas. Propõe-se, portanto, a ocupação desta área com programas habitacionais diversificados.



Edifício B A.01 Fachada frontal
[1.200]



Edifício B A.02 Fachada posterior
[1.200]

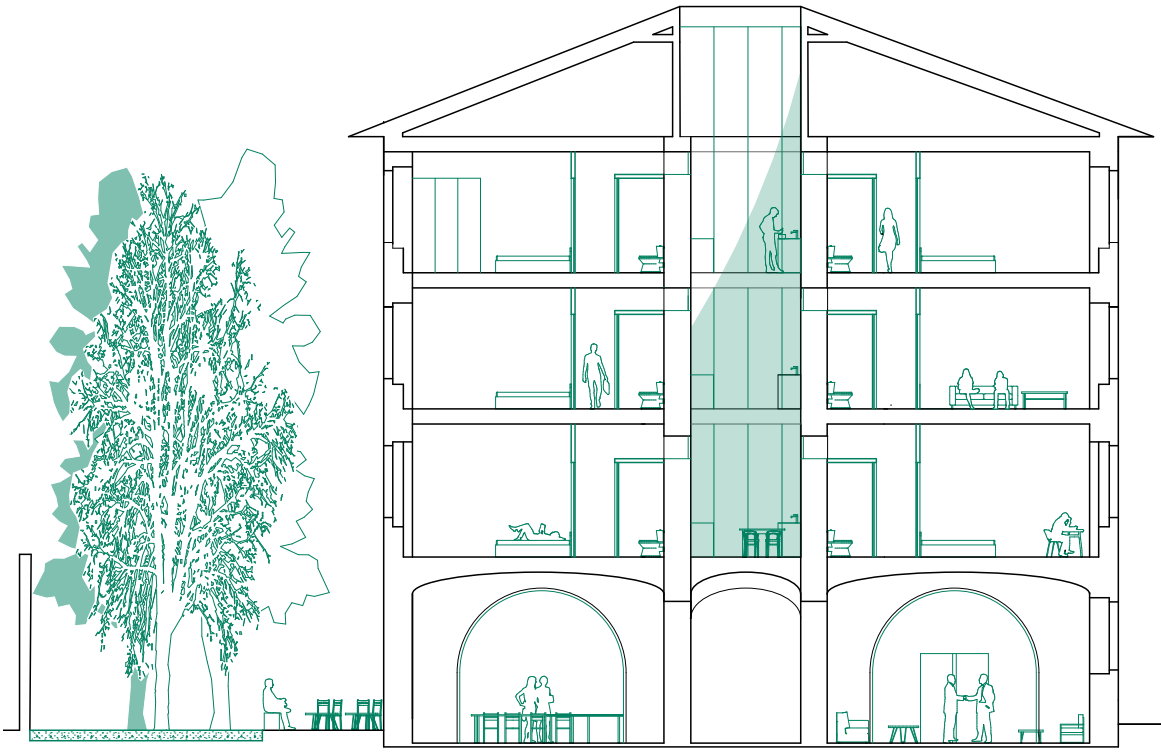
2.1.3. Relação Instituição / Público-alvo

Fig B.07 e B.08 Símbolo institucional dos entidades envolvidas.

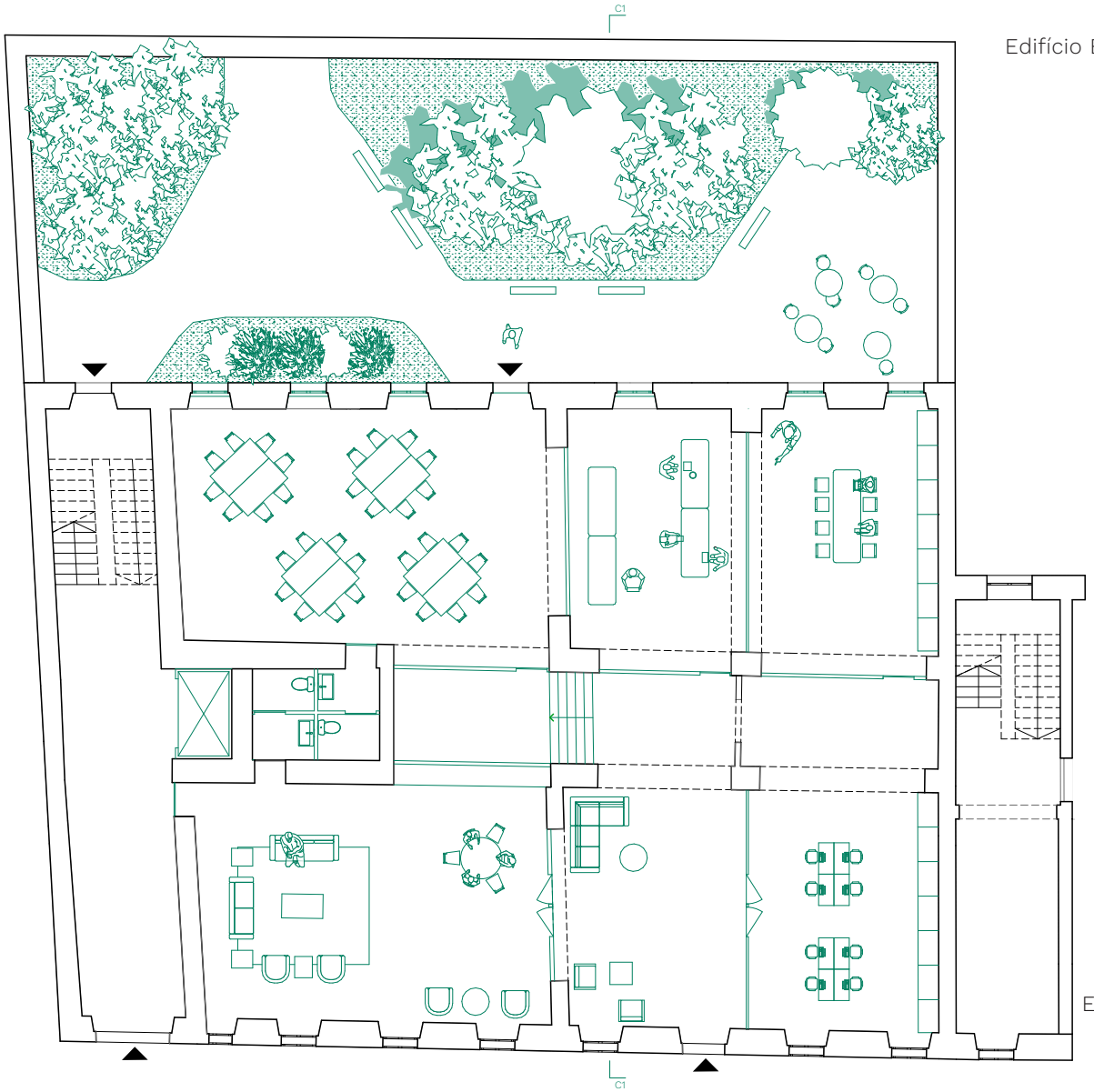
O edifício B é gerido por uma organização sem fins lucrativos designada por Fondazione Diocesana Caritas Trieste, que promove valores de caridade e apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade. Esta instituição está associada ao programa de Housing First, uma abordagem que prioriza a oferta imediata de habitação permanente a pessoas em risco de sem abrigo e com outras problemáticas.

O programa surge como alternativa aos sistemas tradicionais de albergues de emergência e como estratégia de combate à falta de habitação, reconhecendo a importância da autonomia de cada individuo. Funciona como uma rede de apoio contínua, focando-se no desenvolvimento de competências sociais e profissionais para promover a independência dos seus beneficiários.

O grupo-alvo para a projeto de intervenção do edifício B inclui: pessoas em condição de pobreza; pessoas em situação crónica de sem-abrigo; imigrantes; pessoas marginalizadas ou socialmente isoladas; e para quem as respostas existentes na rede de suporte social e de saúde não são adequadas.

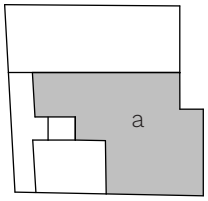


Edifício B C1. Corte Tranversal
[escala 1.200]

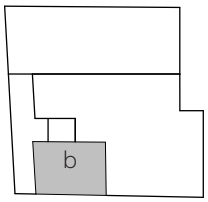


Edifício B P5. Planta
Rés-do-chão
[escala 1.200]

Edifício B E.1 Programas do
rés-do-chão



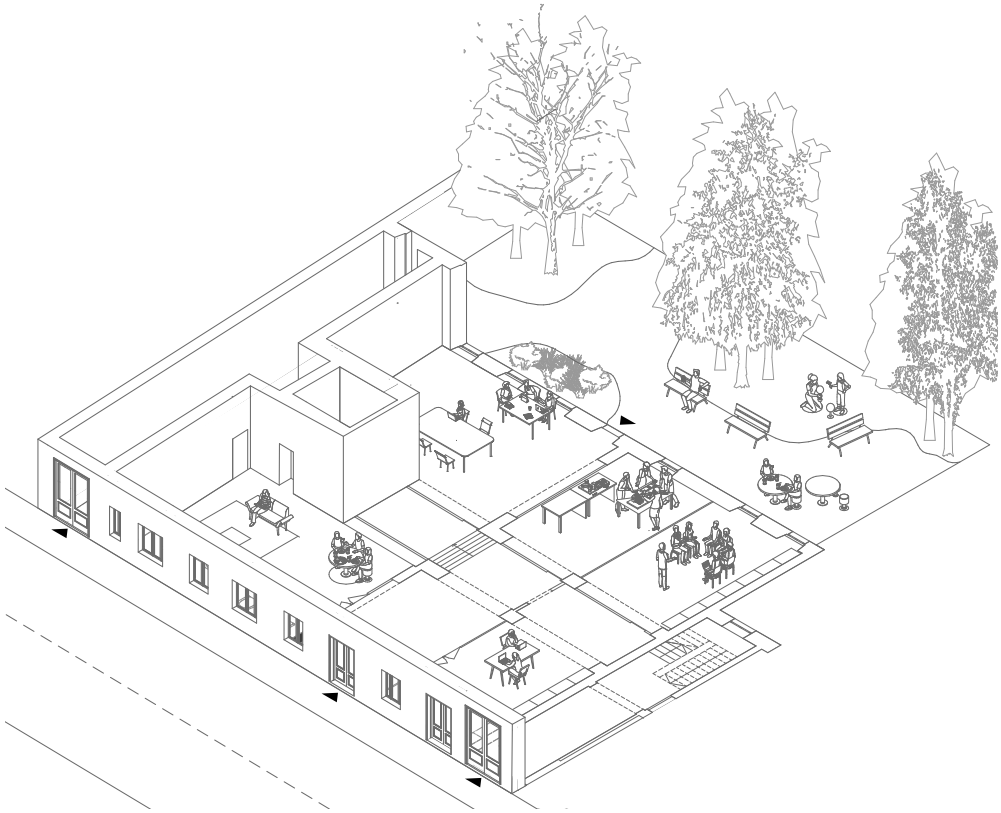
a - Oficinas de
trabalho



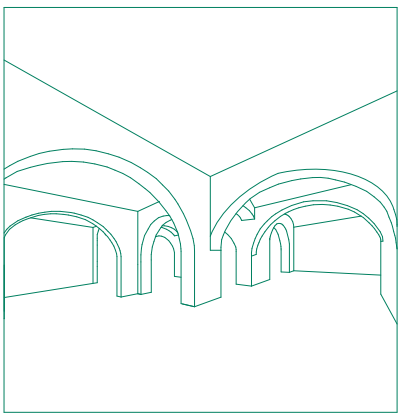
b - Sala comum

2.2. A Proposta

2.2.1. O Rés-do-chão: o espaço de progressão



Edifício B D1. Representação do Rés-do-chão



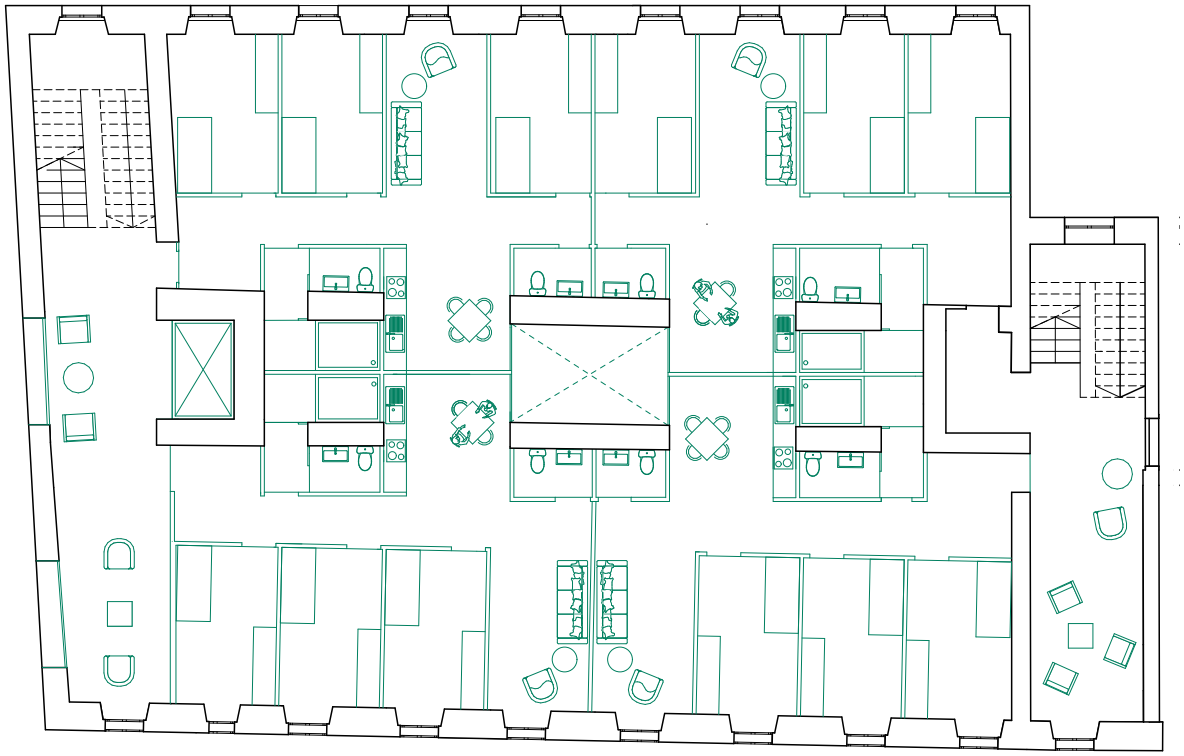
D2. Particularidade do edifício B: sistema de arcos no rés-do-chão

Neste projeto, os objetivos são paralelos aos objetivos do Housing First - contribuir para a progressiva inserção social do ser humano. Por isso, no piso térreo são criados espaços que favorecem a (re) organização, (re)construção e concretização de projetos de vida individuais, nomeadamente:

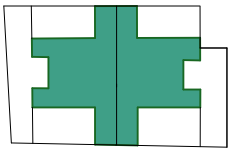
a_ Ateliers e oficinas de trabalho - promovem a melhoria da qualidade de vida dos residentes, e estabilidade socioeconómica, assim como a transmissão de habilidades entre gerações.

b_ Sala comum – espaço de receção de visitantes, convívio ou, palco de reuniões entre os moradores.

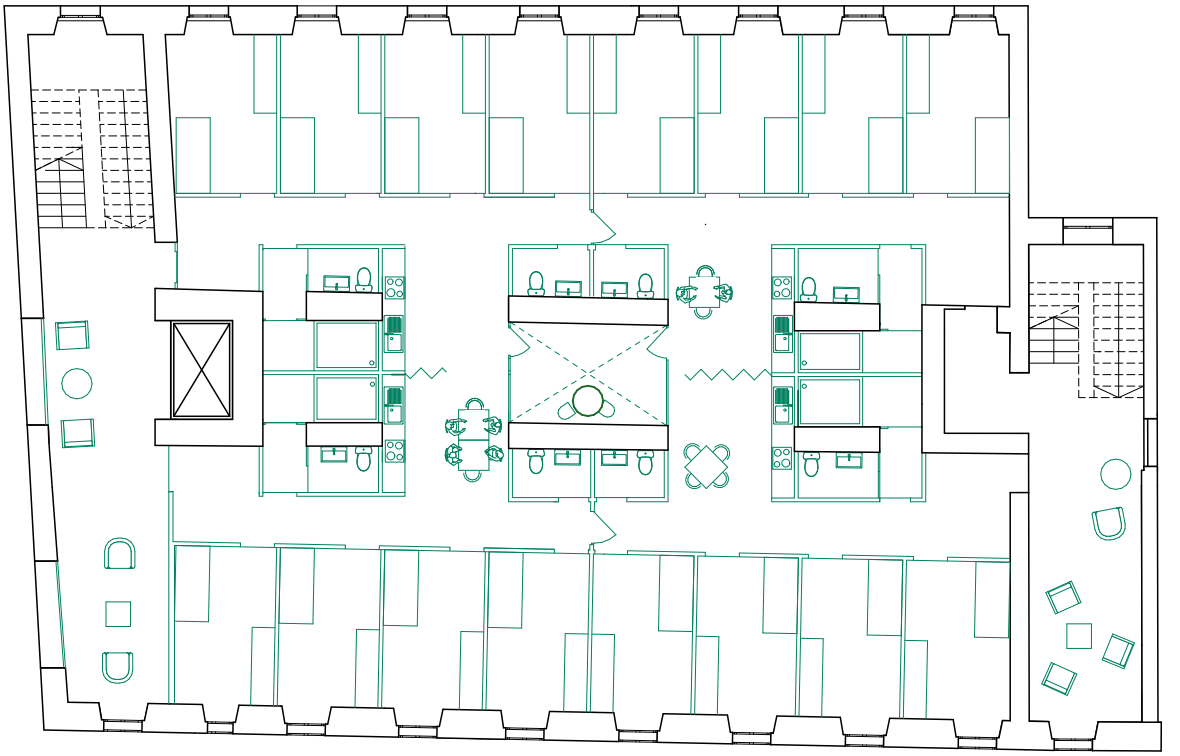
c_ Jardim/horta comunitária - ponto de encontro social que estimula atividades de lazer como a prática de jardinagem.



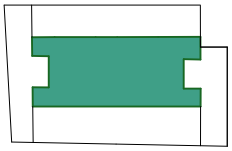
Edifício B P7. Planta Piso 2
[escala 1.200]



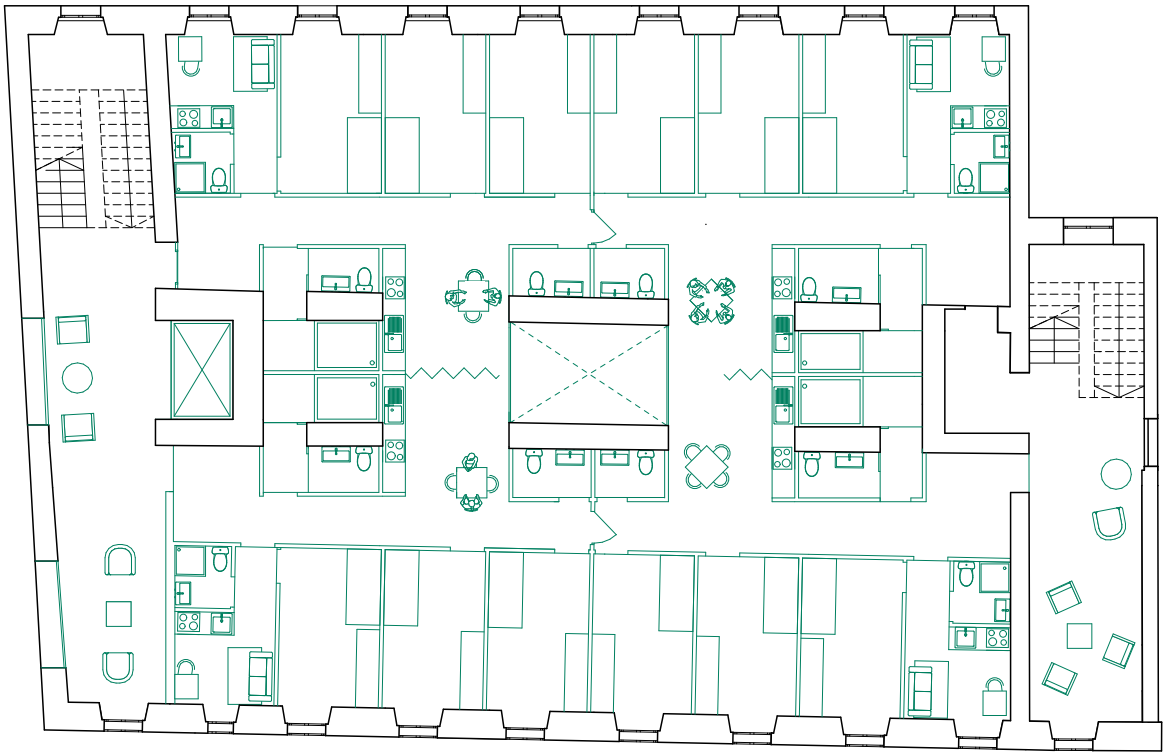
E.3 Espaços coletivos



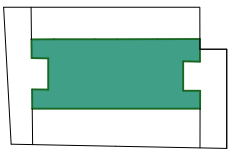
Edifício B P6. Planta Piso 1
[escala 1.200]



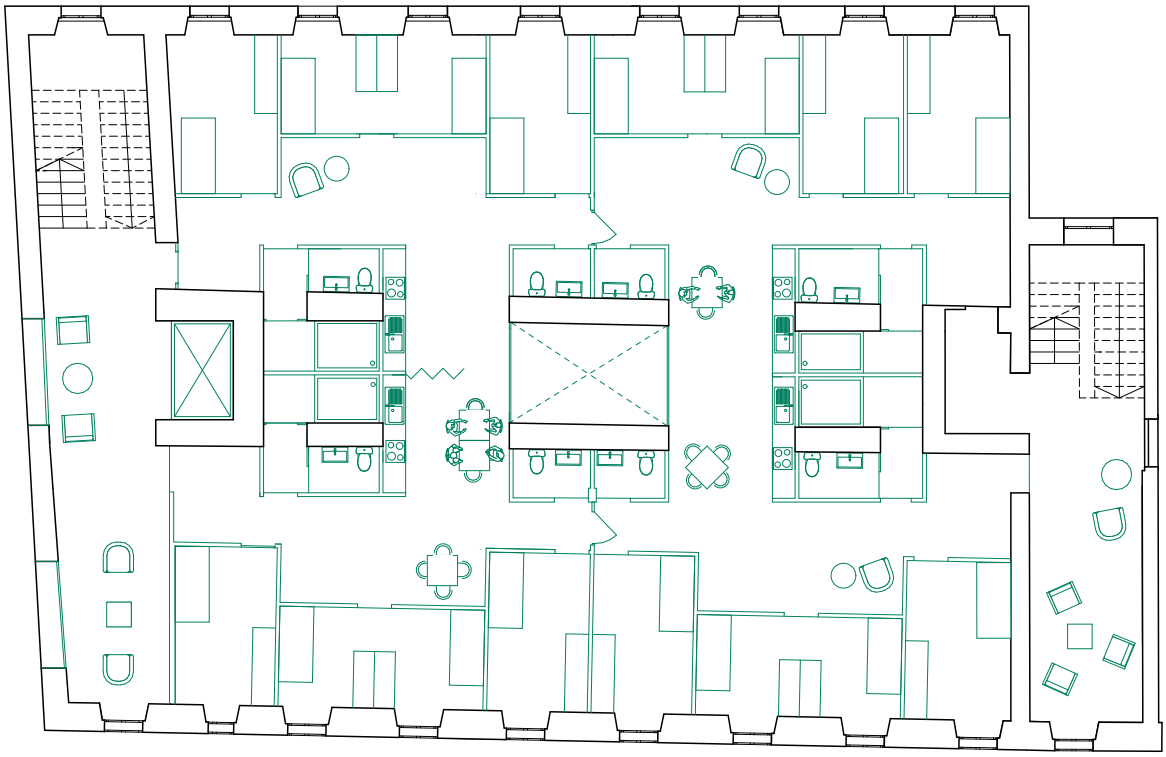
E.2 Espaços coletivos



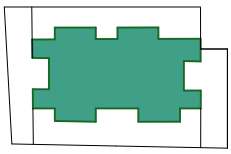
Edifício B P9. Planta Piso 4
[escala 1.200]



E.5 Espaços coletivos

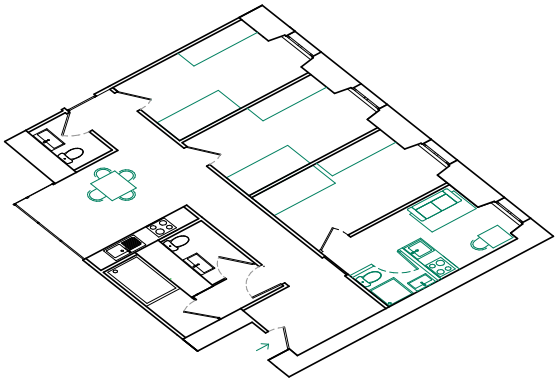


Edifício B P8. Planta Piso 3
[escala 1.200]

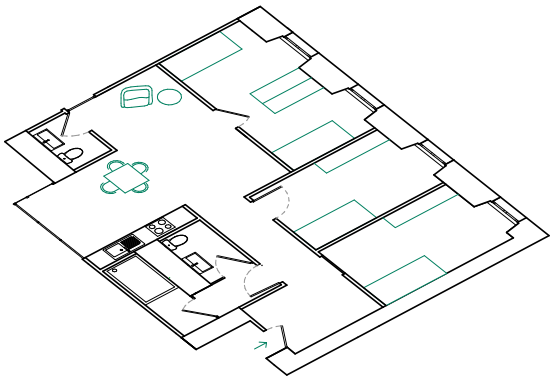


E.4 Espaços coletivos

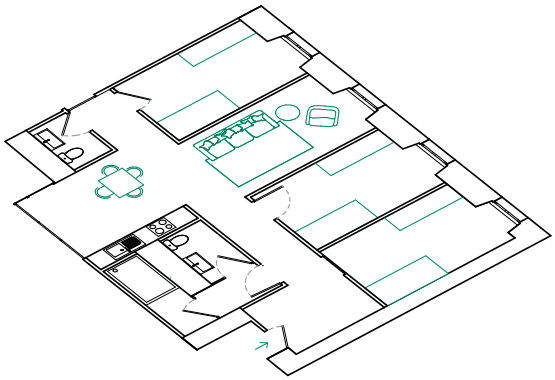
Edifício B E.01 Esquemas de reversibilidade



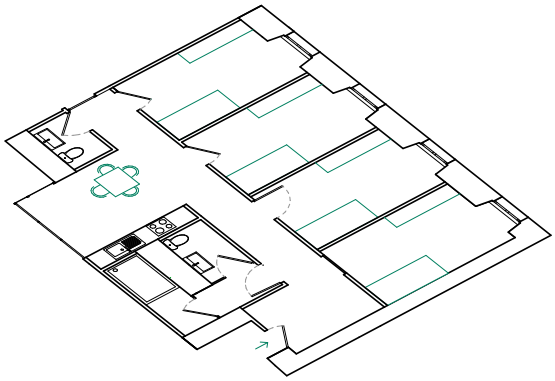
Edifício B P.13 Piso 4



Edifício B P.12 Piso 3



Edifício B P.11 Piso 2



Edifício B P.10 Piso 1

2.2.2. Modulação

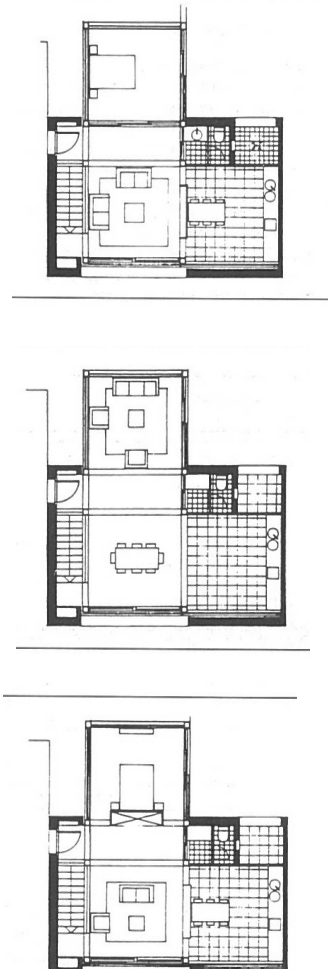


Fig B.09 Beguin, Macchini, Saint Florien, PAN 14 - Modulação espacial

As rápidas e crescentes mudanças nos estilos de vida, bem como as consequentes transformações no modo de habitar o espaço doméstico, têm conduzido à banalização dos modelos espaciais tradicionais e rígidos, evidenciando a necessidade de criação e afirmação de estruturas com maior elasticidade funcional. Nesse sentido, valoriza-se, cada vez mais, o desenvolvimento de modelos habitações adaptáveis.

O conceito de matriz indiferenciada apresenta justamente essa abertura, oferecendo "uma flexibilidade inicial onde a possibilidade de intercâmbio de usos e funções se vê livre de limitações"[25] [Fig B.09]. A partir da definição de dimensões padrão, cria-se um compartimento modular cuja eficácia assenta na sua reversibilidade e possibilidade de associação de dois ou mais compartimentos para a formação de um espaço maior. Segundo Monique Eleb, esta estratégia tem como referência o princípio designado por "planta neutro", que consiste no "ato de dar aos compartimentos todos o mesmo tamanho, geralmente entre 14 e 16 m"[26], permitindo aos habitantes adaptar e transformar o espaço consoante as suas necessidades.

Com base nestes conceitos, nos pisos superiores do Edifício B usa-se uma modulação para a organização das células habitacionais, criando uma faixa uniforme de compartimentos ao longo das fachadas principais. Esta modulação retangular visa otimizar os espaços, permitindo integrar um maior número de quartos e de células, sem comprometer o conforto necessário ao desempenho das várias funções que o edifício consegue acomodar.

No primeiro piso, estes módulos são destinados a unidades privadas. A uniformidade destes espaços permite evitar conflitos entre os residentes, frequentemente motivados pelas diferenças nas características dos quartos, podendo gerar um sentimento de injustiça [P10]. No segundo piso, a falta de hierarquização dos espaços possibilita a transformação de um quarto em sala e vice-versa. Explora-se, assim, um modelo próximo do apartamento, no qual cada célula pode ser isolada de forma simples, ao fechar as passagens de ligação entre os espaços [P11]. No terceiro piso, a rotação dos módulos permite a ampliar as zonas comuns, reforçando o carácter coletivo [P12]. O último piso, distingue-se pela integração de uma célula autónoma dentro do subconjunto, conferindo maior privacidade e independência ao residente [P13].

A diversidade de configurações entre os pisos atenua a rigidez do conjunto e estimula a autonomia dos habitantes, promovendo uma habitação mais flexível ao longo do tempo.

25. SABATER, Txatxo; GUASCH, Ricard. **Novos Descritores: Novos Operadores Projetuais**. Trad. Luís Soares Carneiro, André Santos, Marta Rocha, Maria José Casanova, Luís Viegas, Hélder Casal Ribeiro e Marco Ginoulhiac, Porto: FAUP (CEAU), 2018,p.9.

26. ELEB, Monique e BENDIMÉRAD, Sabri. **Ensemble et séparément, des lieux pour cohabiter**. Bruxelas: Mardaga, 2018, p.66.

2.2.3. Dados do projeto: pessoas e espaços

Tipologia do edifício
Edifício entre empenas

Número de pisos
5

Número de edifícios
1

Número de apartamentos
48

Área total de construção
3265 m²

Altura do piso
3.20 - 3.50 m

Espaços privados
661 m²

Acesso ao edifício
O acesso é feito diretamente a partir da rua.

Espaços partilhados
801.7 m²

Layout do edifício
A distribuição vertical e horizontal do edifício é organizada através de escadas, elevadores e corredores.

Espaços coletivos
309 m²

Soluções espaciais do edifício
Os espaços de circulação funcionam como áreas comuns, promovendo a interação entre os residentes.

Espaços públicos
281 m²

Tipologia das habitações
6 clusters com até 8 quartos, e 4 apartamentos com três quartos.

Zona de noite/ privada
A zona de dormir ocupa as laterais, libertando o espaço central de modo a preservar a relação privacidade e a coletividade,

Área das habitações
11.60 m².

Zona de dia/ partilhada
Posicionadas centralmente, a sala e a cozinha desempenham um papel fundamental na promoção de valores comunitários.

Layout das habitações
O layout das habitações é organizado por corredores que separam e facilitam as unidades privados.

Soluções espaciais das habitações
O uso do módulo favorece a adaptabilidade funcional, permitindo a transformação dos espaços e a flexibilidade de funções

2.3. A intimidade e a distância como dispositivo de organização

Fig. B.10 Espaço interior do edifício B- iluminação proveniente do saguão.

O projeto do Edifício B é concebido como um modelo progressivo de habitação independente, oferecendo uma opção habitacional designada por cluster, na qual diferentes grupos de pessoas partilham o mesmo espaço. Torna-se, assim evidente a influência do caráter espacial nas relações coletivas e privadas, uma vez que a configuração física afeta diretamente a forma como os residentes interagem e preservam sua intimidade. Por esse motivo, este capítulo dedica-se a abordagem da questão da boa distância- entendida como o equilíbrio entre proximidade e privacidade - tomando como objeto de reflexão a coexistência de níveis de interação no lugar doméstico.

2.3.1. No que consiste o modelo cluster?

O conceito de cluster, também denominado por disposição espacial em "satélite", deriva de reflexões do espaço doméstico perante a limitação tipológica e à resposta inadequada dos modelos convencionais. Inspirado na ideia de casa partilhada, organiza diferentes espaços através da disposição de microunidades em torno de áreas comuns partilhadas, com o objetivo de estimular interações socioespaciais que conciliam várias narrativas do encontro e autonomia.

Ao contrário do caso de estudo anterior- caracterizado por uma única cozinha e sala comum destinadas a reunir várias gerações da mesma família, ou pessoas de perfis socioculturais semelhantes, funcionando como um núcleo familiar - neste modelo a partilha dos espaços comuns é feita por grupos heterogéneos, constituídos por pessoas com ou sem relação de parentesco de diferentes géneros, idades e origens. Trata-se, portanto, de uma solução que acompanha tanto o desenvolvimento das formas de vida individuais como a geometria variável da família, sendo atualmente difundido a nível global como uma alternativa económica e permeável em contextos de mobilidade e instabilidade profissional.

A distinção do modelo decorre tanto do aumento significativo do número de residentes por unidade- superior relativamente ao de um apartamento familiar, mas inferior ao de um dormitório – quanto da necessidade de criação de múltiplos pontos de convivência, que não interferem na esfera privada de cada residente. Deste modo, a sua principal característica reside na organização espacial em duas escalas:

- uma comum - que incentiva a convivência, a partilha e a vida coletiva;

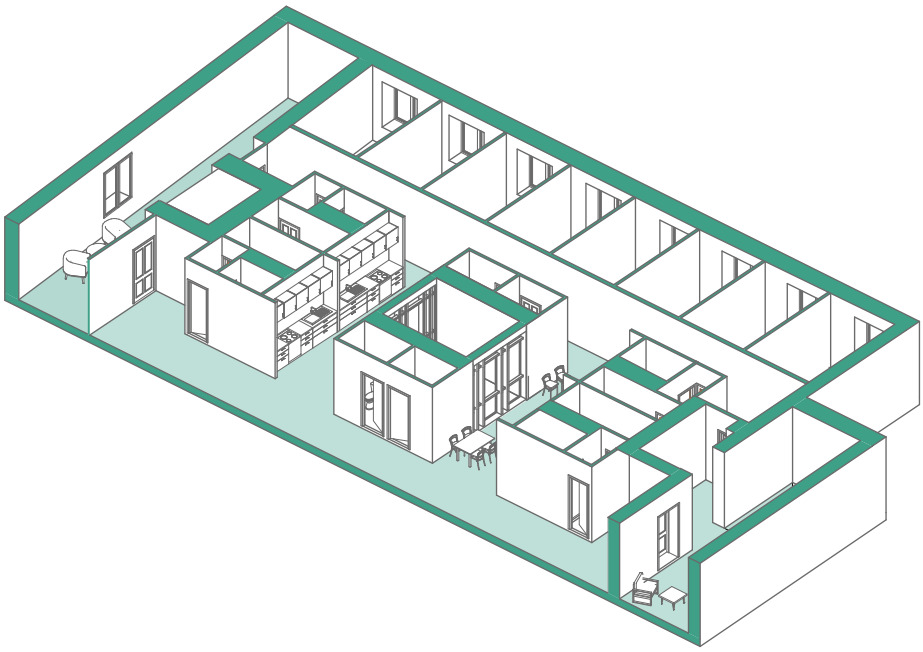
- outra íntima - que assegura a autonomia individual.

Esta configuração híbrida reforça o papel da cohousing como rede de apoio e solidariedade, evidenciando o carácter singular do cluster: lugar onde "a barreira entre a vida doméstica partilhada e a privada se coloca à distância da abertura das portas das células privada."[27] Como refere Monique Eleb, trata-se de "viver juntos e separadamente, para desfrutar da vida em comunidade, mas também para ter um território próprio e pessoal."[28]

27. VITORINO, Marta. **Cohousing: estratégias de desenho e escalas do habitar em comum**. Porto: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2017.

28. ELEB, Monique e BENDIMÉRAD, Sabri. **Ensemble et séparément, des lieux pour cohabiter**. Bruxelas: Mardaga, 2018, p. 12.

2.3.2. As esferas do habitar doméstico



Edifício B D.2 Corte axonométrico representativo das áreas comuns.

Sendo o cluster uma estratégia de coabitação que resulta da repartição do grupo total de residentes em grupos menores, a sua composição deve integrar espaços partilhados e privados, cuja divisão seja clara e cujo limites bem definidos, garantindo a separação necessária sem interromper as dinâmicas da vida comum.

Deste modo, a disposição espacial aproxima-se da organização diurna-noturna. No caso específico deste projeto, a zona diurna/comum corresponde à faixa central, que concentra programas: a cozinha, zona de estar e comer, bem como as casas de banho. Esta área é variável ao longo dos pisos- estreitando-se, ou alargando-se conforme a disposição tipológica. A iluminação e a ventilação são asseguradas pela presença de saguões. Por outro lado, a zona noturna/privada, localiza-se nas extremidades, junto às fachadas, beneficiando de iluminação natural direta.

A esfera comum

É dentro de cada um dos clusters que os residentes vão partilhar espaços que os permitiram experienciar a vida coletiva de forma mais íntima e próxima, através das áreas de convívio e alimentação, a cozinha, entre outros. Estes espaços, anteriormente inseridos na esfera doméstica privada e familiar, tornam-se parte do domínio comum da habitação, deixando de ser restritos a uma pessoa ou uma família e destinando-se agora ao uso partilhado pelo grupo de coabitantes de um cluster.

Geralmente, o espaço comum integrava a habitação sob forma de um compartimento adicional ou situava-se em pisos comuns, como acontece, por exemplo, na Unidade de habitação de Marselha, de Le Corbusier [Fig B.11]. Nesse edifício, o piso rés-do-chão, o sétimo e oitavo andar, assim como a cobertura, são dedicados à partilha de funções e atividades entre todos os residentes, e não a uma única família, acolhendo programas comerciais, comunitários e áreas verdes. No entanto, este espaço deixa de ser entendido como elemento externo ou autónomo em relação à esfera privada doméstica, passando a ser incorporado e plenamente assumido no interior da habitação. Ao integrar-se na vivência quotidiana da coabitação, os espaços comuns aproximam-se dos espaços privados - tanto física como funcionalmente - redefinindo as fronteiras entre o individual e o coletivo no contexto doméstico.

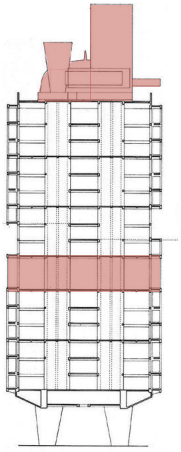


Fig B.11 Demarcação dos pisos comuns na Habitação de Marselha, de Le Corbusier.

Esta subdivisão e integração dos espaços comuns na unidade habitacional não invalidam a existência de uma coabitação ao nível do conjunto. Aliás, os espaços que são comuns a todos os elementos das diferentes unidades estimulam e estendem a vida coletiva para fora dos clusters, ampliando a vivência doméstica à escala do conjunto edificado e promovendo uma relação saudável de proximidade e comunidade que ultrapassa os moradores de uma única habitação. Os espaços de circulação também começam a integrar esta esfera; quando devidamente mobiliados, tornam-se lugares de encontro e aproximação entre os residentes, assumindo assim um importante carácter social.

Deste modo, a esfera doméstica comum assume uma dimensão mais complexa na escala da coabitação em cluster, a sua dualidade reflete-se na dupla vida partilhada, que ocorre manifestando-se em dois níveis:

• Nível micro - corresponde à vivência interna que ocorre no interior de cada unidade habitacional, entre os elementos de um subgrupo, caracterizada por relações mais íntimas e próximas,

• Nível macro – refere-se à vivência externa que diz respeito à interação entre os diferentes elementos de todos os subgrupos que habitam o conjunto edificado, envolvendo uma convivência mais ampla e comunitária.

O cohousing representa, assim, uma transformação significativa do espaço doméstico convencional, ao redefinir os limites entre o privado e o coletivo, e ao conceber um ambiente dinâmico e multifuncional potencialmente rico em fluxos, encontros espontâneos e possibilidades de interação.

Fig B.12 e B.13 Célula de La Tourette, Le Corbusier, 1956.

A esfera privada

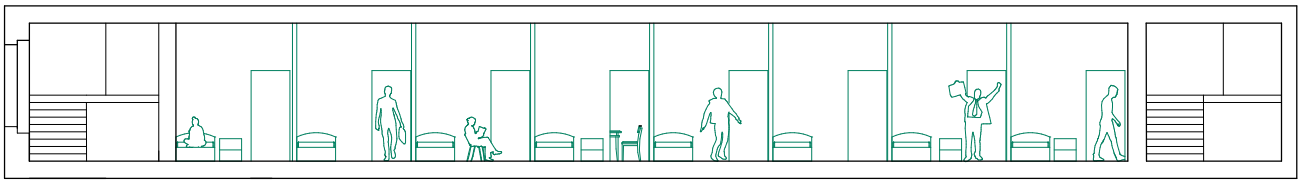
No que diz respeito à esfera privada, as unidades individuais são reduzidas ao mínimo, quer em área, quer em função. No entanto, esta diminuição da dimensão espacial e funcional não deve retirar o carácter nem comprometer a minuciosidade com que estes espaços devem ser desenhados e concebidos. A sua pertinência não reside na escala, mas na capacidade de assegurar ao indivíduo um elevado grau de independência, liberdade e autonomia dentro do seu próprio espaço. De acordo com Monique Eleb, na coabitação questões de tratamento igualitário e privacidade revelam-se cruciais, pois todos devem beneficiar-se de um ambiente onde lhes é possível recriar o seu próprio mundo.[29] O espaço privado corresponde, assim, ao território pessoal que deve ser organizado de forma a proteger a vida privada e a intimidade de cada habitante. Nesse sentido, "a privacidade continua a ser uma regra forte e um valor, tanto mais quando a proximidade espacial é grande e a fronteira é tênue."[30]

Neste contexto, a célula dos monges, concebida por Le Corbusier, para o convento de La Tourette, constituiu o ponto de partida para a formalização do espaço individual [Fig B.12 E B.13]. Desenhada com base nas medidas do corpo humano, tornou-se o módulo a partir do qual os restantes compartimentos da casa eram organizados. Assim, a célula funcionava como a base do espaço de habitar, estruturando e orientando a disposição dos diferentes ambientes.

Outra questão igualmente pertinente é a capacidade de autossuficiência de cada unidade privada em relação ao conjunto a que pertence. Todavia, neste contexto de coabitação, apesar da existência de células autónomas, a maior parte das unidades não é totalmente independente, uma vez que a partilha de funções promove dinâmicas de socialização, e estabelece um certo grau de dependência entre a unidade individual e o coletivo. Assim, a célula privada, pessoal e íntima deixa de ser uma unidade habitacional totalmente autossuficiente e funcionalmente independente, passando a depender dos espaços comuns para satisfazer as necessidades diárias e domésticas. Dessa forma, a vida individual reduz-se ao essencial.

29. ELEB, Monique e BENDIMÉRAD, Sabri. **Ensemble et séparément, des lieux pour cohabiter**. Bruxelas: Mardaga, 2018, p.368.

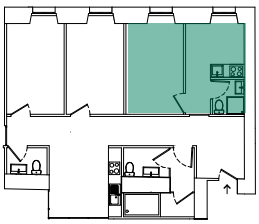
30. Ibidem



Edifício B C.2 Corte longitudinal pelas unidades privadas da habitação do edifício.

Deste modo, a proposta de intervenção do projeto B contempla células que variam entre pequenos estúdios equipados com kitchenette e casa de banho privativa, e quartos que partilham todos os demais espaços diferentes residentes. O equilíbrio, entre autonomia e partilha é, portanto, o que define a forma como as relações dentro do espaço habitado são construídas.

Relativamente às unidades autónomas propostas [Edifício B P.14], alinham-se com o discurso de Txatxo , que, tendo como referência a habitação de Herzog & Meuron em Basileia [Fig B.14] - composta por um apartamento principal e um secundário - defende a habitação satélite como estratégia de elasticidade funcional e de a boa distância.[31] Para ele, a unidade habitacional secundária funciona como "uma reserva de crescimento dentro do mesmo imóvel"[32], permitindo adaptação e reversibilidade ao longo do tempo.



Edifício B P.14 Habitação em cluster com unidade autonóma.

Fig B.14 Unidade de habitação principal e secundária de Herzog & Meuron, em Basel.

De acordo com Altman, "a privacidade é um processo de limite interpessoal pelo qual uma pessoa ou grupo regula a interação com outros"[33]. Em outras palavras, não se trata de uma condição estática, mas sim de um mecanismo de ajuste contínuo - um limite flexível, mais ou menos recetivo à interação social, consoante o grau de abertura ou fechamento perante os outros. Nesse sentido, a privacidade pode ser entendida como o "controlo seletivo de acesso a si mesmo ou ao grupo de alguém".[34]

Essa perspetiva se relaciona diretamente com o conceito de clusters ou habitação em satélite, em que a organização das unidades residenciais possibilita que cada habitante regule conscientemente o seu nível de exposição e contato com os demais. Assim, este projeto de cohousing procura criar condições para uma convivência equilibrada, conciliando o uso coletivo dos espaços com a necessária privacidade.

31. SABATER, Txatxo; GUASCH, Ricard. **Novos Descritores: Novos Operadores Projetuais**. Trad. Luís Soares Carneiro, André Santos, Marta Rocha, Maria José Casanova, Luís Viegas, Hélder Casal Ribeiro e Marco Ginoulhiac, Porto: FAUP (CEAU), 2018,p.4.

32. Ibidem.

33. ALTMAN, Irwin **The Environment and Social Behavior: Privacy, Personal Space, Territory, and Crowding** Monterey, CA: Brooks/ Cole Publishing Company, 1975, p.6.

34. Ibidem, p.18.

2.3.3. O espaço de transição e a boa distância

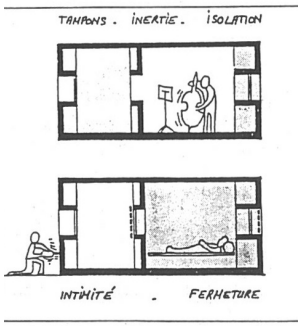


Fig B.15 Espaço intímo.

O espaço onde a esfera privada e a comum se intersectam designa-se por espaço intermédio ou, limiar[35]. Conforme Hertzberg, o limiar deve ser entendido como elemento espacial e simbólico, que atua como mediador entre esferas distintas favorecendo a criação de ambientes de acolhimento e hospitalidade.[36] Segundo ele:

"o limiar fornece a chave para a transição e ligação entre áreas com delimitações claras e, enquanto lugar de direito próprio, constitui, essencialmente, a condição espacial para o encontro e o diálogo entre áreas de diferentes ordens."[37]

Monique Eleb, descreve este espaço como um dispositivo de ''bom distanciamento'' entre o coletivo e o individual, cuja principal função é garantir percursos suficientemente confortáveis de acesso e ligação entre os diferentes compartimentos da casa.[38] Neste contexto, a "distância correta" define-se pela capacidade de assegurar, por um lado, a intimidade e estabilidade da vida de cada residente, por outro lado, a ocorrência de momentos de convivência comunitária.

Diretamente relacionada com a distribuição espacial, desenvolve-se uma ideia conceptual que parte da necessidade de afastar o coletivo do individual, garantindo a privacidade necessária, sem, no entanto, desconectar essas duas esferas. Nesse sentido, o limiar ou espaço intermédio "é como elemento construído, tão importante para os contatos sociais quanto as paredes espessas são para a privacidade"[39].

Complementando esta perspetiva, Edward Hall, em "The Hidden Dimension afirma que as distâncias humanas muitas vezes não são conscientes, pois a perceção do espaço é dinâmica e está relacionada à ação realizada num determinado ambiente, e não apenas a observada pela visão passiva[40] .Hall categoriza assim a distância humana em quatro - íntima, pessoal, social e publica - considerando que a primeira fronteira do homem começa e termina com a sua própria pele. Mais do que medidas físicas, estas distâncias representam "comportamentos culturalmente codificados, aprendidos e ajustados de acordo com cada situação"[41]. Conclui-se, portanto, que a distância não resulta necessariamente da experiência espacial, mas, sobretudo do conjunto de interações humanas - de como as pessoas se sentem, do que estão a fazer e da respetiva distância entre si.

35. Conceito introduzido por Hertzberger na sua obra: Lessons for Students in Architecture.

36. Hertzberger, H. Lessons for Students in Architecture. Rotterdam: 010 Publishers, 1991, p.35.

37. Ibidem, p.32.

38 .ELEB, Monique e BENDIMÉRAD, Sabri. **Ensemble et séparément des lieux pour cohabiter**. Bruxelas: Mardaga, 2018.

39. Hertzberger, H. **Lessons for Students in Architecture**. Rotterdam: 010 Publishers, 1991, p.35

40. HALL, Edward T. **The Hidden Dimension**. New York: Doubleday, 1966, p.111.

41. Ibidem, p.128.

Daqui decorre a importância de compreender as estratégias de organização que favorecem ou dificultam essas interações: átrios de entradas, espaços de circulação, corredores, bem como, o posicionamento estratégico das portas de acesso às células privadas, conduzem todos ao afastamento progressivo e gradual do percurso entre os espaços comuns e privados, evitando a exposição direta da intimidade ao coletivo. Como salienta Monique Eleb "cada pessoa deve ter um lugar particular que lhe permita desempenhar o papel que lhe é reconhecido".[42]

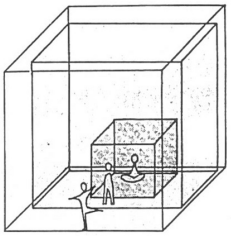


Fig B.16 Esquema das esferas do habitar.

Paralelamente, decorre o processo de apropriação do espaço. Monique Eleb observa uma mudança nas funções dos espaços de circulação, que passam a ser considerados extensões do espaço doméstico por meio da introdução de mobiliário.[43] Limitados pelas barreiras físicas das unidades privadas, esses espaços relacionam-se diretamente com os espaços comuns, transformando-se em áreas de estar e convivência, ao mesmo tempo que contribuem para a racionalização e economia do espaço.

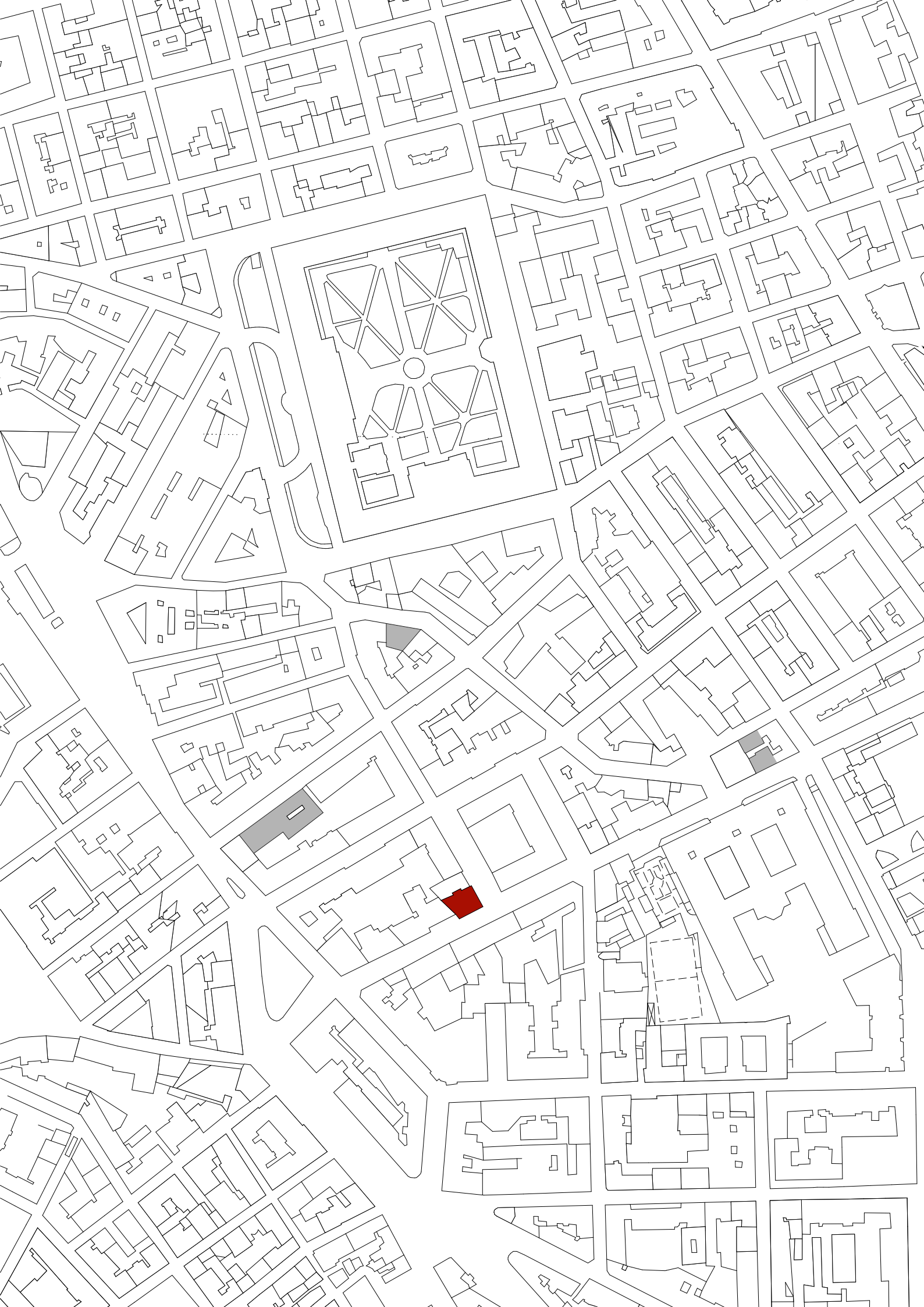
Assim, pode-se afirmar que o cluster constitui uma estratégia de cohousing caracterizada pela ausência de rigidez. Na verdade, este tipo de coabitação representa, por si só, uma constante transição entre esferas [Fig B.16]. As diferentes interações entre os espaços e os utilizadores permitem a contínua apropriação e reorganização dos ambientes domésticos, ressaltando o seu carácter transitório: desde o momento em que se sai do espaço público da cidade para o interior da habitação -espaço dos residentes -, passando para a unidade habitacional - espaço pertencente a um grupo específico e limitado de moradores -, até chegar ao espaço individual. Desta forma, a coabitação mantém-se em constante transformação consoante a escolha de cada habitante entre conviver ou isolar-se.

42. . ELEB, Monique. **Les 101 mots de l'habitat. À l'usage de tous**. Paris, Archibooks, 2014, pg.141.

43. ELEB, Monique e BENDIMÉRAD, Sabri. **Ensemble et séparément des lieux pour cohabiter**. Bruxelas: Mardaga, 2018.

"A capacidade de reconhecer estas diversas zonas de envolvimento e as atividades, relacionamentos e emoções associadas a cada uma tornou-se agora extremamente importante. As populações mundiais estão a aglomerar-se nas cidades e os construtores e especuladores estão a amontoar as pessoas em caixas de arquivo verticais – tanto escritórios como habitações. Se olharmos para os seres humanos da mesma forma que os primeiros traficantes de escravos, concebendo as suas necessidades de espaço simplesmente em termos dos limites do corpo, prestaremos muito pouca atenção aos efeitos da aglomeração. Se, no entanto, virmos o homem rodeado por uma série de bolhas invisíveis com dimensões mensuráveis, a arquitetura pode ser vista sob uma nova luz. É então possível conceber que as pessoas podem ficar limitadas pelos espaços em que têm de viver e trabalhar."[44]

44. HALL, Edward T. **The Hidden Dimension**. New York: Doubleday, 1966. p.129



3 CONFIGURAR
o conjunto

Edificio C
Rua Pascoli, 12
A. Territoriale per l'Edilizia Residenziale di Trieste (ATER)

3.1. Edifício C - Pontos de Partida

3.1.1. Resumo fotográfico

Fig C.01 Fachada frontal.

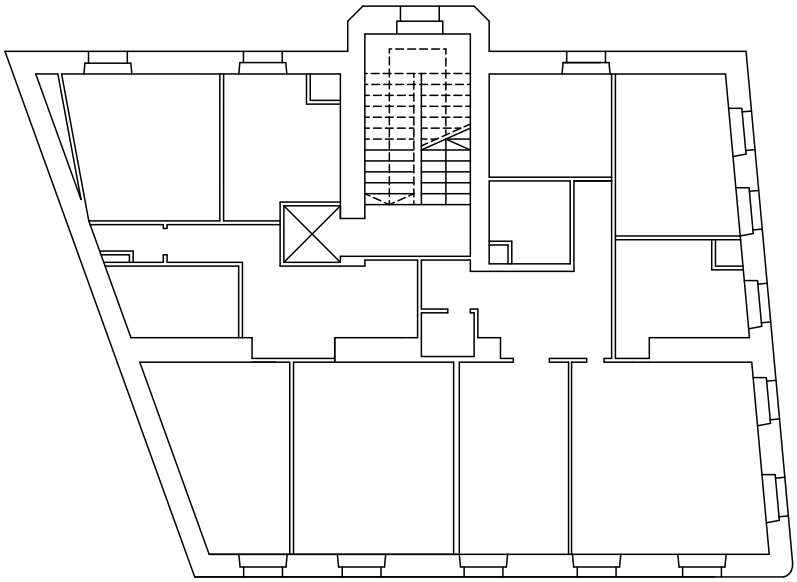
Fig C.02 Fachada posterior.

Fig C.03 Logradouro.

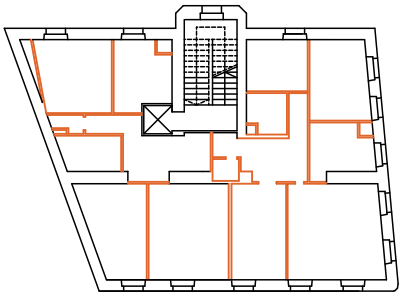
Fig C.04 Atrio de entrada.

Fig C.05 Sala de estar e jantar.

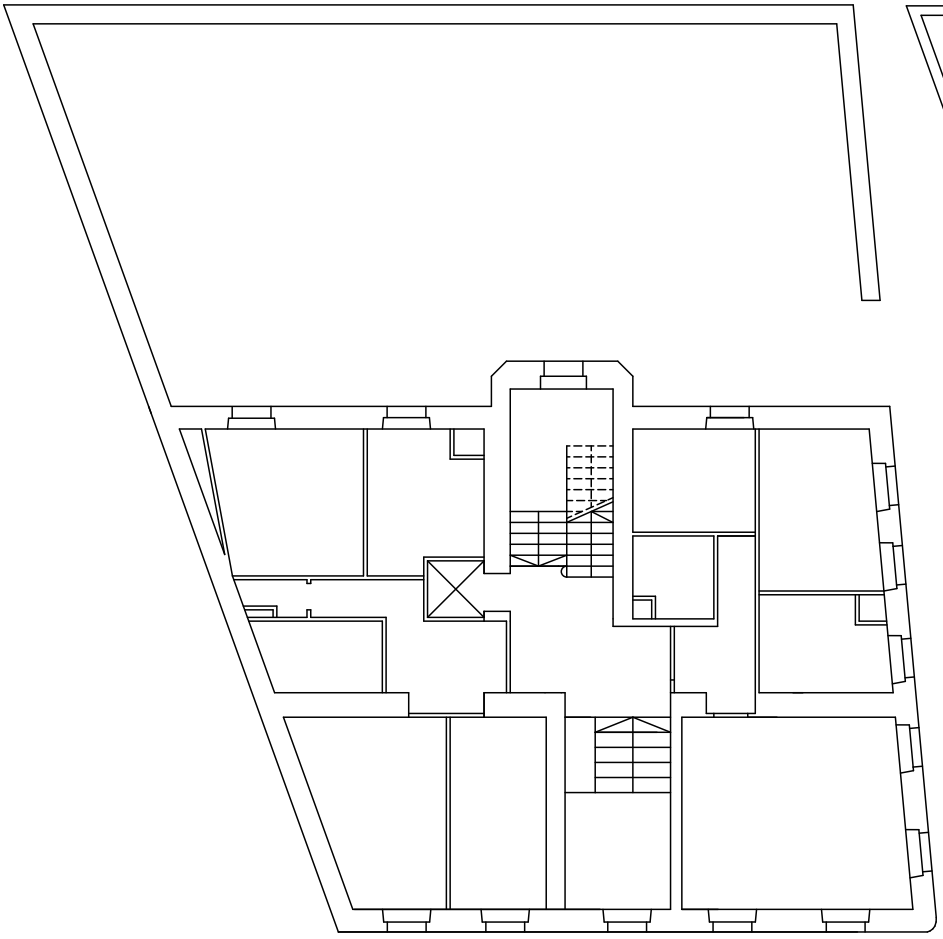
Fig C.06 Cozinha.



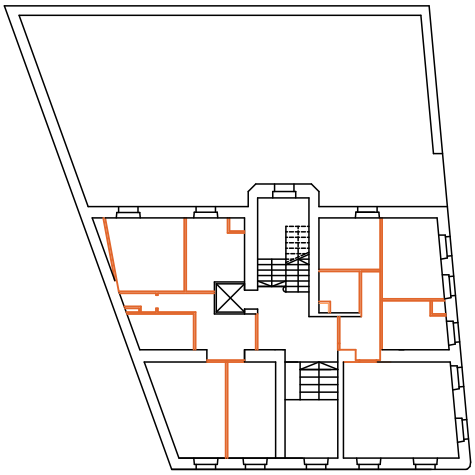
Edifício C P3. Planta Piso Tipo
[1.200]



Edifício C
P4. Planta Piso Tipo_
Paredes a demolir [1.400]



Edifício C P1. Planta Piso Rés-do-chão
[1.200]



Edifício C
P2. Planta Rés-do-chão_
Paredes a demolir [1.400]

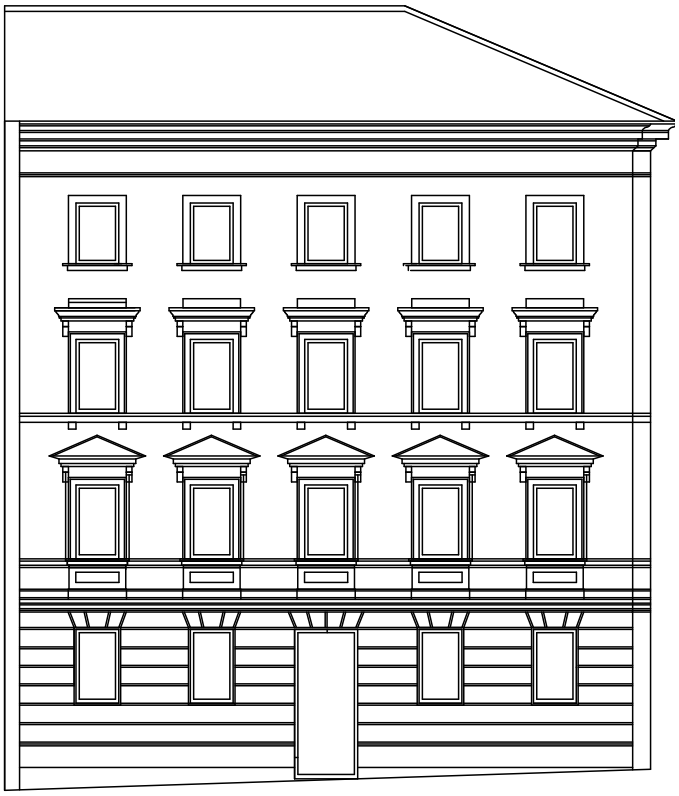
3.1.2. Enquadramento da pré-existência

O terceiro projeto de intervenção incide sobre um edifício gaveto atualmente subutilizado. Localiza-se no entroncamento entre duas ruas: a rua Pascoli, por onde é feito o acesso principal, e a rua Giuseppe Parini, na qual se encontra o acesso secundário através do logradouro. O posicionamento do logradouro revela-se particularmente vantajoso na medida em que estabelece contanto direto com a rua.

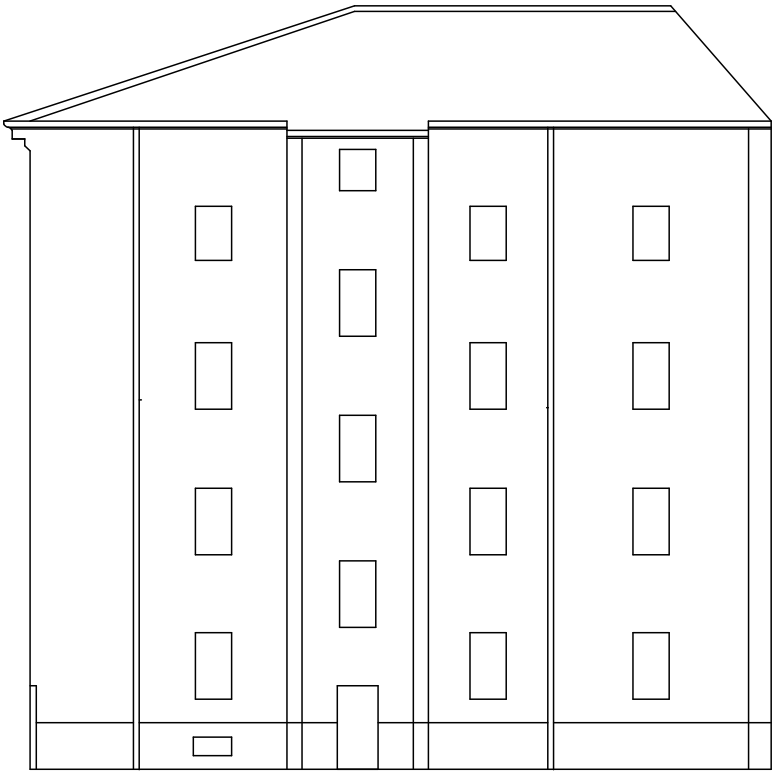
Trata-se do único edifício analisado cuja distribuição vertical ao longo dos cinco pisos é garantida por dois elementos: a escada e o elevador. Tal solução viabiliza o acesso de pessoas com mobilidade condicionada; contudo, revela-se ineficiente pela presença prévia de degraus que antecedem a chegada ao elevador, comprometendo a plena acessibilidade.

No piso térreo deste edifício encontram-se já tipologias habitacionais. A diferença de cota entre o nível da rua e o pavimento dos apartamentos neste piso confere maior privacidade aos moradores. Quanto à configuração espacial, cada piso é composto por dois apartamentos de tipologias T2 e T3. A disposição dos compartimentos, ocupando a largura total do edifício, garante que maioria se beneficie de iluminação natural. O último piso, caracteriza - se pelo aproveitamento do desvão do telhado, integrando tipologias de menor dimensão, que exigem menos espaço, como o T1.

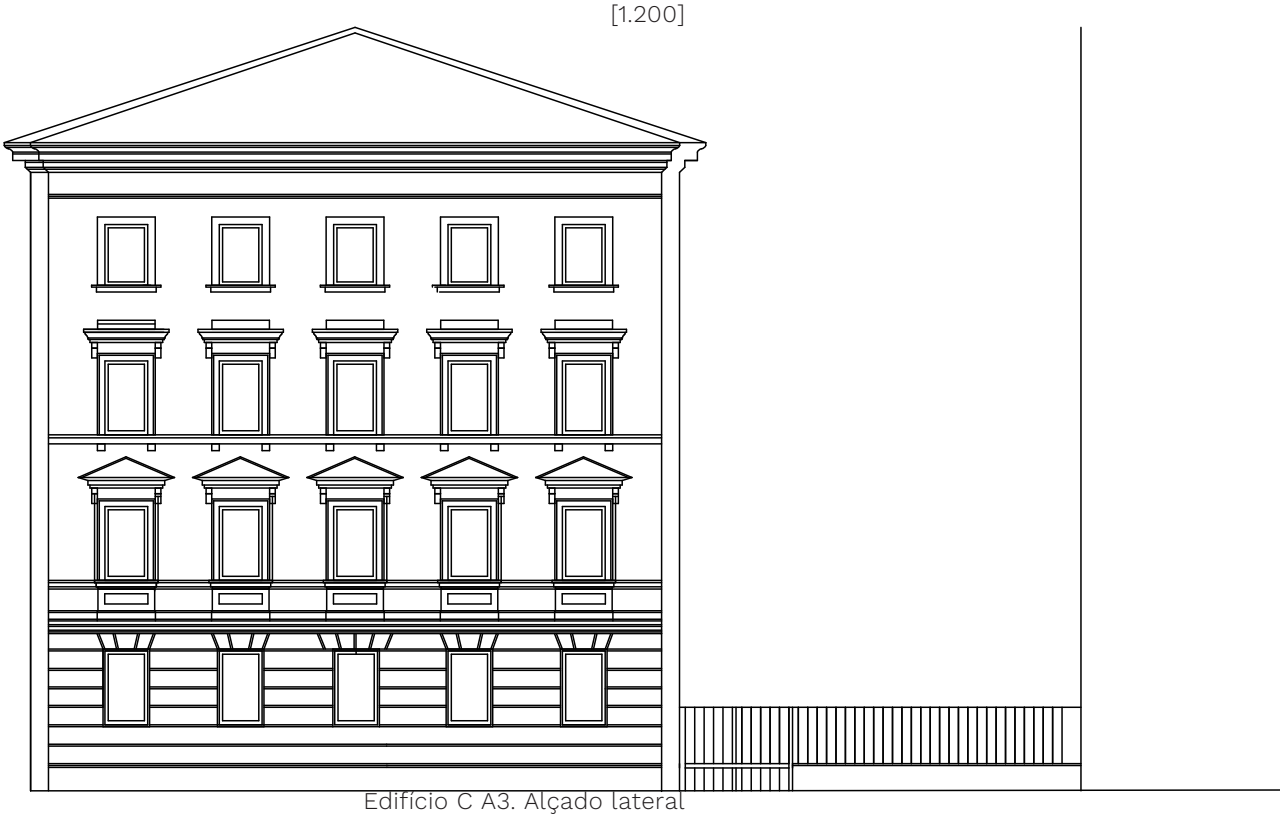
Quanto à materialidade, o edifício apresenta, tal como os demais, embasamento em pedra no rés-do-chão e alvenaria rebocada nos pisos superiores, com fachadas de desenho austro-húngaro, que se afirmam como elementos relevantes da identidade arquitetónica e da memória urbana da cidade.



Edifício C A1. Alçado frontal
[1.200]



Edifício C A2. Alçado posterior
[1.200]



Edifício C A3. Alçado lateral
[1.200]

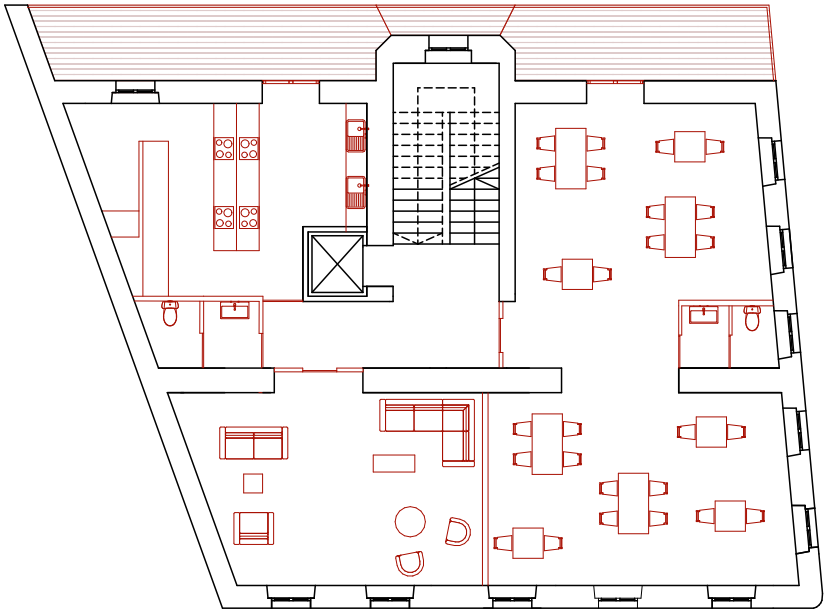
3.1.3. Relação Instituição / Público-alvo

Fig C.07 Símbolo institucional do ATER.

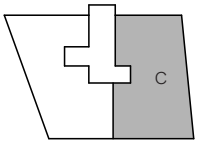
A ATER (Azienda Territoriale per l'Edilizia Residenziale di Trieste), responsável pela gestão do edifício em questão, constitui um organismo económico público que atua no setor de habitação social, respondendo às necessidades habitacionais primárias dos cidadãos da cidade de Trieste.

O seu objetivo principal é atenuar o impacto negativo do mercado imobiliário local, através da conceção de habitação de arrendamento a custos acessíveis para famílias de baixos rendimentos. Para tal, a ATER garante um acompanhamento contínuo, não apenas por meio da manutenção dos edifícios, mas também através da promoção de iniciativas sociais capazes de gerar efeitos positivos, tanto no plano social como económico, para o território.

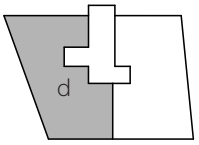
Nesse sentido, propõem-se, para o presente projeto, modelos habitacionais caracterizados por configurações tipológicas flexíveis, em crítica à excessiva padronização dos modelos mais tradicionais, bem como pela multifuncionalidade dos programas coletivos localizados nos primeiros pisos, em contato direto com a rua. Assim, com o intuito de contribuir para a melhoraria da qualidade de vida da população mais vulnerável, projeta-se soluções destinadas sobretudo a famílias pequenas (pessoas solteiras, casais ou monoparentais) e idosos, que representam a maior parte das solicitações de habitação identificadas pela ATER.



Edifício C P6. Planta Piso 1
[1.200]

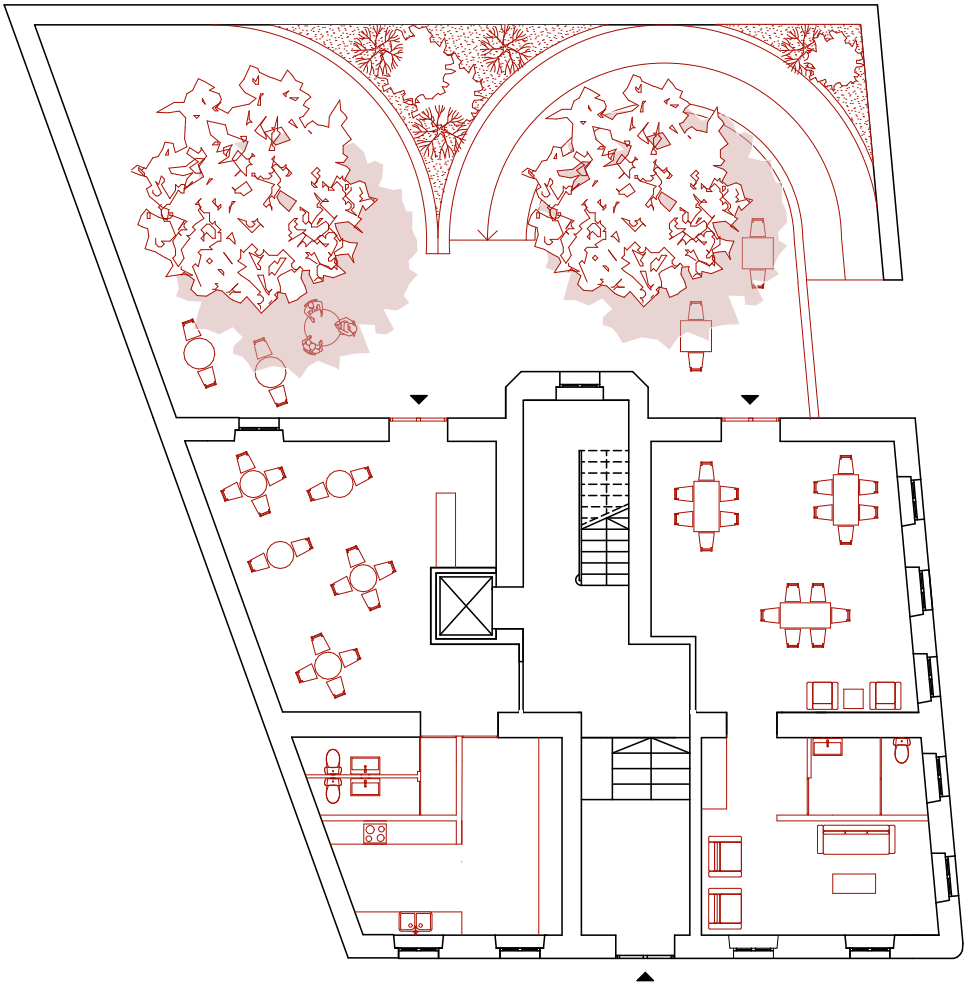


c - Refeitório

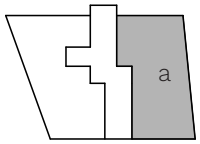


d- Sala e cozinha comum

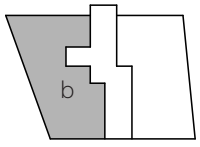
Edifício C E2. Programas Piso1



Edifício C P5. Planta Rés-do-chão
[1.200]



a - Centro de dia para idosos

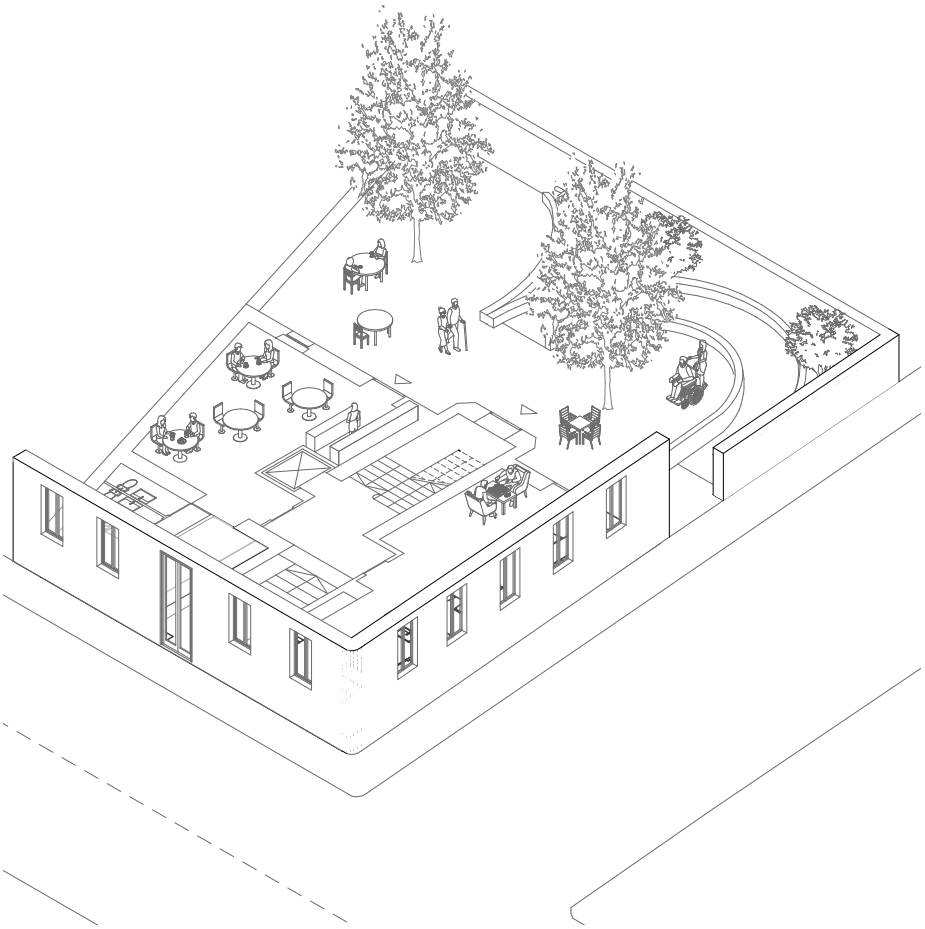


b - Café

Edifício C E1. Programas do Rés-do-chão

3.2. A Proposta

3.2.1. O Rés-do-chão: o espaço de encontro



Edifício C E3. Representação do Rés-do-chão

O rés-do-chão do Edifício C pretende incentivar a vivência em comunidade, transformando-se num espaço de estar e lazer que abre-se a cidade através do espaço exterior articulado com os programas localizados neste piso. Neste caso, verifica-se ainda a extensão das funções habitualmente concentradas no rés-do-chão para o primeiro piso. Os espaços distribuídos nestes níveis são:

Rés-do-chão:

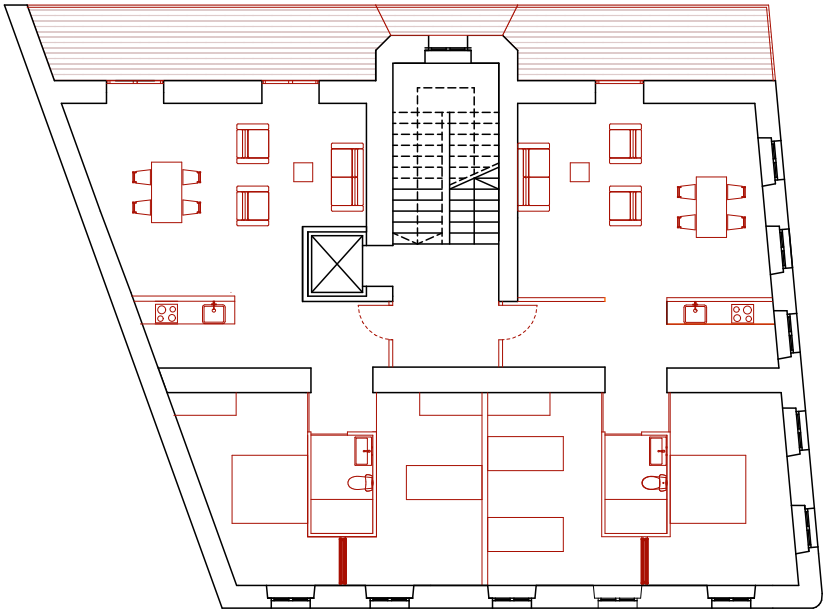
a_ Café - espaço de encontro e socialização, promove empregabilidade e gera rendimento para manutenção do edifício.

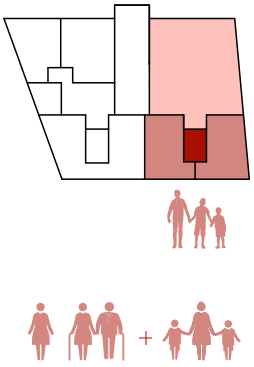
b_ Centro de dia para idosos - espaço de acolhimento com atividades destinadas ao combate a solidão e isolamento da população sénior.

Piso 1:

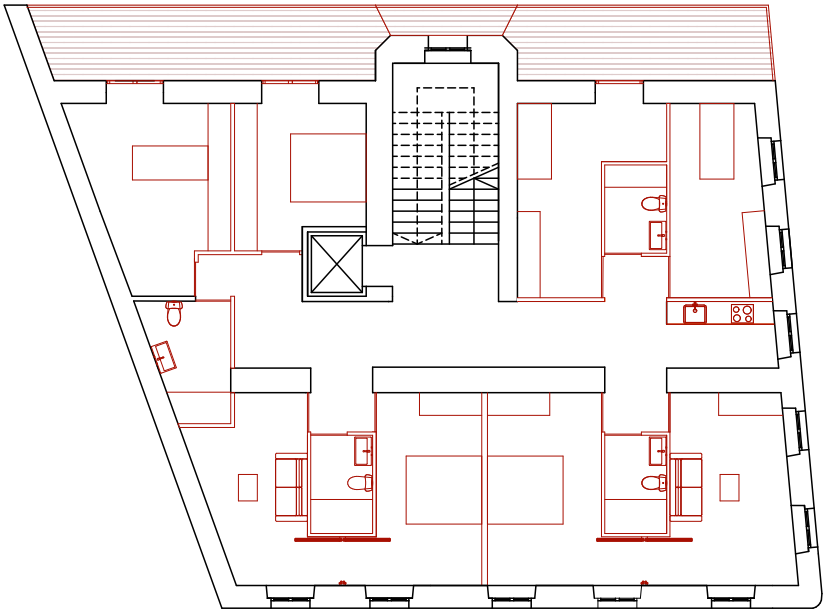
c_ Refeitório - espaço dedicado à comunidade local, onde são servidas refeições de carácter social.

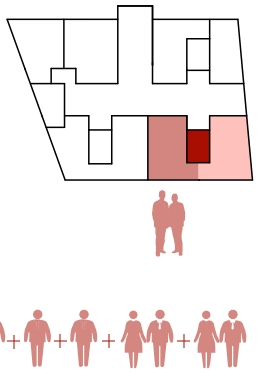
d_ Sala e cozinha comum - espaço dedicado aos residentes, equipado com cozinha completa, favorecendo a convivência e a partilha comunitária.



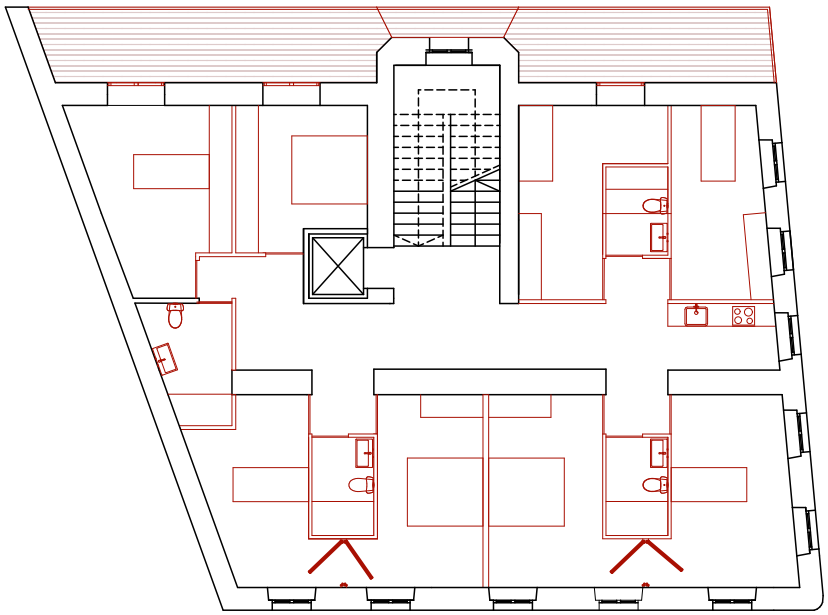


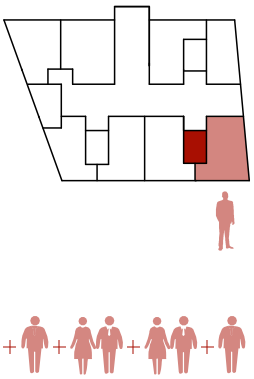
Edifício C P9. Planta Piso 3
[1.200]





Edifício C P8. Planta Piso 2_Variante 2
[1.200]





Edifício C P7. Planta Piso 2_Variante 1
[1.200]

Edifício C C1. Corte Tranversal
[1.200]

3.2.2. Configuração (8-6-2)

Edifício C A3. Alçado lateral adição de varandas e reconfiguração do pátio

Edifício C A4. Alçado posterior adição de varandas

A configuração interna da célula de habitar determina tanto o perfil dos seus habitantes, como as dinâmicas de ocupação do edifício. Por isso, na proposta de intervenção do edifício C, embora a hierarquização e repartição estrutural permaneçam constantes ao longo dos pisos, propõem-se variações na organização dos arranjos espaciais e desenvolvem-se várias configurações, das quais destacamos três possibilidades:

A primeira caracteriza-se pela existência de 8 células individuais, cuja casas de banho são partilhadas, duas a duas. Pensadas como lugares mínimos e íntimos de repouso, estas células mantêm uma relação de dependência em relação às áreas comuns, como a sala de estar e ao refeitório [Edifício C P7]. A segunda configuração conecta duas células através de uma porta dupla, permitindo a sua extensão e integração de mais funções, acomodando mais do que uma pessoa. Neste caso, o número de células reduz de 8 para 6 [Edifício C P8] ou 4, em função da necessidade. A terceira, consiste na transformação das células em apartamentos, destinados a grupos maiores de habitantes, como famílias, tornando cada célula totalmente independente [Edifício P9].

Pretende-se, portanto, com esta proposta, conceber um modelo de cohousing que, ao explorar conceitos como flexibilidade, variabilidade e reconfiguração espacial, seja capaz de responder rapidamente a diferentes demandas, assim como de se adaptar às exigências habitacionais em constante alteração, tornando-se um modelo intemporal que acomode situações concretas de crise.

3.2.3. Dados do projeto: pessoas e espaços

Tipologia do edifício
Edifício gaveto

Número de pisos
5

Número de edifícios
1

Número de apartamentos
14 - 18

Área total de construção
2400 m²

Altura do piso
3.00 - 3.50 m

Espaços privados
574.6 m²

Espaços partilhados
112.7 m²

Espaços coletivos
169 m²

Espaços públicos
347 m²

Acesso ao edifício
O acesso é garantido diretamente pela rua.

Layout do edifício
A circulação desenvolve-se verticalmente, por escadas e elevador, e horizontalmente, através de corredores.

Soluções espaciais do edifício
Variações tipológicas entre os pisos criam espaços autonómos ou interconectados, mantendo a coerência da organização espacial.

Tipologia das habitações
Variam entre 2 a 8 células por piso.

Área das habitações
12 - 95 m²

Layout das habitações
A distribuição é feita por meio de um corredor central.

Zona de noite/ privada
Otimização das áreas de circulação e separação total das áreas comuns para garantir a autonomia individual.

Zona de dia/ partilhada
Concentradas no piso comum, acomodam um número de pessoas superior em relação aos apartamentos tradicionais.

Soluções espaciais das habitações
A conexão entre células permite a adaptação dos espaços conforme necessidade.

3.3. A porta como dispositivo de transição

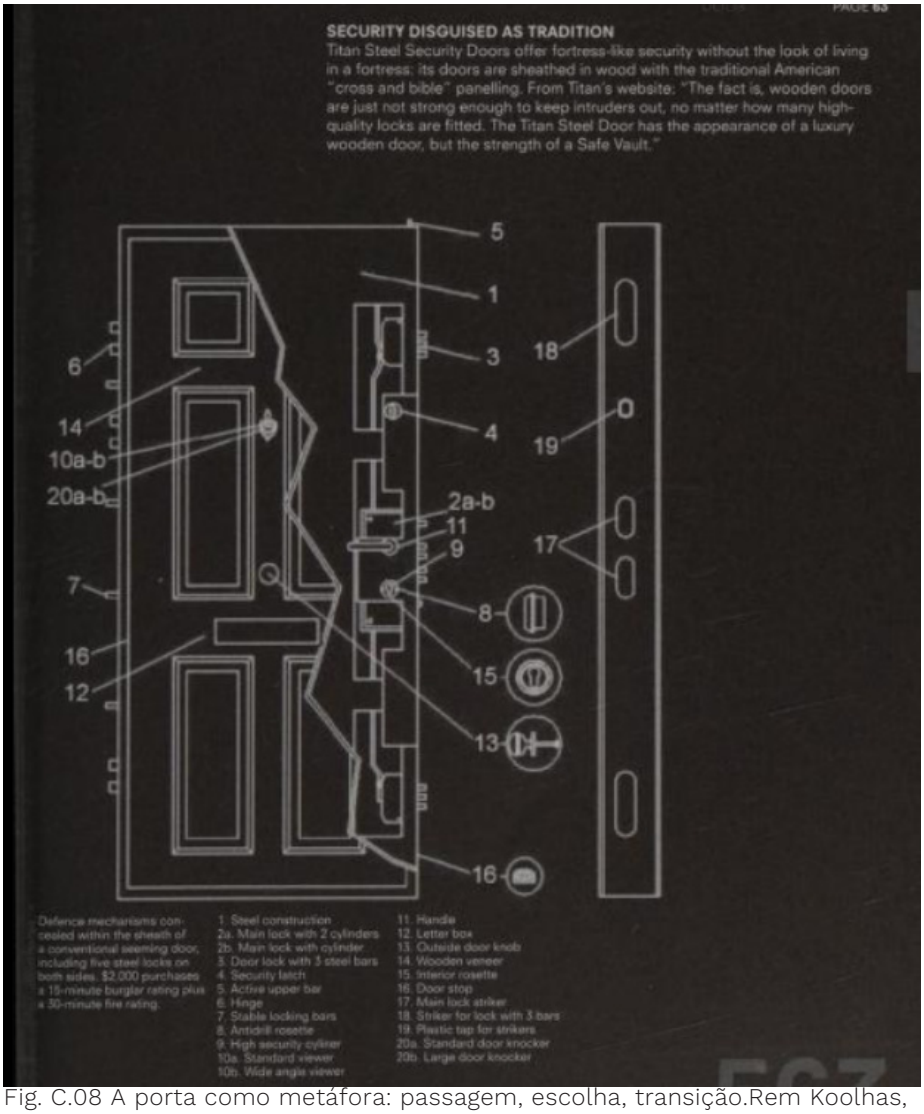


Fig. C.08 A porta como metáfora: passagem, escolha, transição.Rem Koolhas, DOOR in Architecture.

> "As paredes são uma boa invenção, mas se não houvesse buracos nelas não haveria forma de entrar ou sair - Por isso, os arquitetos inventaram este híbrido: um buraco na parede, muitas vezes denominado de porta, que, embora bastante comum, sempre me pareceu um milagre da tecnologia."[45]

Esta reflexão permite iniciar uma narrativa na qual a porta, enquanto dispositivo arquitetónico, introduz flexibilidade no espaço. Para Rem Koolhaas, a porta não é apenas uma abertura física, mas um elemento estratégico capaz de regular diferentes ambientes. Nesse contexto, o conceito de flexibilidade ganha destaque, assumindo um papel central na arquitetura contemporânea. Assim, a porta é considerada o instrumento flexivel a partir do qual se constrói o discurso deste capitulo.

45. KOOLHAAS, Rem. **DOOR in Elements of Architecture 14. International Architecture, la Bienalle di Venezia**. Veneza, Marsilio, 2014, p.582

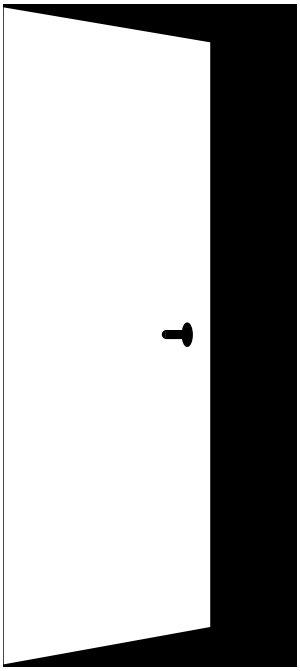
No domínio da habitação, o modelo estático, caracterizado por limitações e configurações rígidas, tem vindo a ser progressivamente substituído por soluções dinâmicas.

No contexto de cohousing, onde a mudança é entendida como um fenómeno inevitável, a reversibilidade do espaço assume-se como uma característica essencial, distinguindo-se dois tipos de flexibilidade: a inicial e a contínua.

A primeira refere-se à configuração definida durante a fase conceção do projeto, enquanto a segunda resulta da ação dos próprios moradores ao longo do tempo. Esta flexibilidade contínua permite transformar, expandir ou atribuir novas funções aos espaços sem grandes investimentos ou implicações estruturais.

Como observa Monique Eleb, "não existe uma arquitetura padrão de coabitação, mas dispositivos que a permitem ou facilitam, independentemente de sua escala."[46] Assim, diversas estratégias de reconfiguração e adaptação são implementadas por meio de dispositivos arquitetónicos que funcionam como instrumentos de transformação, possibilitando múltiplos arranjos espaciais.

Neste sentido, a porta contém em si um grande potencial de adaptação. Retomando a ideia de Koolhaas apresentada acima, a parede por si só, constitui um elemento de separação entre dois espaços; contudo, é a presença da porta - ou seja, o vazio nela inscrito - que permite estabelecer uma relação direta entre os espaços. Atribui-se, portanto, à porta uma dupla função: oscilar entre separação absoluta e passagem contínua.



E.02Representação da porta convencional.

46. ELEB, Monique e BENDIMÉRAD, Sabri. **Ensemble et séparément, des lieux pour cohabiter**. Bruxelas: Mardaga, 2018, p.104.

3.3.1. Porta: percepção, simbolismo e convivência?

Dibie Pascal, na sua obra "Etnia de la Porta", reflete sobre a débil percepção humana quanto à existência e significado deste dispositivo:

> "Porta! (..) Quantas vezes não dissemos ou ouvimos isso e quantas vezes passamos por isso por dia? Sabemos realmente o que é uma porta e para onde ela nos leva?"[47]

A porta é considerada um limiar físico, conceito que designa algo que, materialmente, protege o interior da ameaça exterior. Concebida em seus múltiplos elementos como um conjunto de um dispositivo, é utilizada para fechar e abrir vãos em paredes, permitindo isolar ambientes internos entre si ou em relação ao exterior, ao mesmo tempo que garante a necessária permeabilidade para o deslocamento de pessoas.

A sua dimensão fundamenta-se na relação direta com o corpo humano, estando presente no espaço doméstico de forma tão significativa quanto qualquer outro elemento ou objeto que o homem adquire para compor, estruturar ou organizar o espaço. Por isso, suas medidas devem ser determinadas de acordo com o uso a que se destinam:

"As portas devem, portanto, ser suficientemente amplas para permitir uma passagem fácil e acomodar a movimentação de mobiliário e equipamentos. Devem ser posicionadas de modo que os padrões de circulação que geram, tanto entre como dentro dos espaços, sejam adequados aos usos e atividades que estes acolhem."[48]

A presença da porta é por vezes quase despercebida, muitas vezes, negligenciada para um papel secundário do espaço que ocupa. No entanto, por constituir um elo de ligação entre o espaço humano e tudo que lhe é exterior, a sua utilidade transcende a dimensão funcional. Desta forma, a porta torna-se um elemento protagonista, tanto na conceção e organização espacial, bem como na interpretação do que se exige dos espaços.

Monique Eleb afirma que a porta é "um elemento central da disposição espacial"[49], desempenhando um papel ativo no espaço e na construção de relações, ao permitir a passagem de algumas pessoas e restringir a de outras, de forma a respeitar o espaço íntimo de cada indivíduo. Por isso, é também "um elemento de transição, de mudança, que dispõe de uma capacidade mutável inerente a si, no que diz respeito à manipulação espacial".[50]

47. DIBIE, Pascal. **Etnia de la Porta. Des passages et des seuils.** Paris: Éditions Métailié, coleção Traversées, 2012 p.3

48. CHING, Francis D. K. **Architecture: Form, Space, and Order**. 3. ed. Hoboken: John Wiley & Sons, 2008. p. 13.

49. ELEB, Monique; BENDIMÉRAD, Sabri. **Ensemble et séparément, des lieux pour cohabiter**. Bruxelas: Mardaga, 2018, p.107.

50. SANTOS, Rita Carvalho dos. **A Porta Dupla. Três distâncias entre portas adjacentes no desenho do interior doméstico**. Porto: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2024, p.11.

Deste modo, a porta revela-se não apenas um simples elemento físico, mas como um dispositivo de flexibilidade máxima capaz de alterar, moldar e configurar o espaço. Trata-se, assim, de uma estratégia de variabilidade espacial, cujo principal objetivo é garantir a capacidade de evolução da casa.

O posicionamento das portas predetermina funções para cada espaço, sendo que "as mobilidades destes elementos dinâmicos tornam possível criar cenários complexos de vida privada e vida coletiva"[51]. Logo, a existência de uma porta entre dois ambientes esquematiza duas possibilidades fortes.

A primeira permite isolá-los completamente, atribuindo funções distintas a cada espaço; nesse caso, a porta fechada atua como uma barreira, definindo os limites e reforçando a sensação de um isolamento em relação ao que se encontra fora dele.

Por outro lado, com a porta aberta, é possível se manter uma relação contínua entre os ambientes. Nesse caso, a porta funciona como um elemento de passagem e transição que dissolve fronteiras, introduzindo continuidades que as paredes não podem oferecer. Assim, torna-se um dispositivo capaz de unir os espaços, possibilitando a comunicação e estabelecendo relações versáteis.

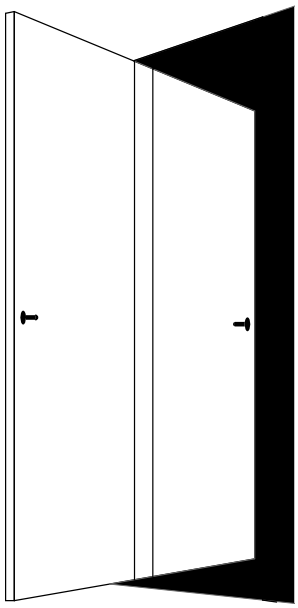
Relativamente à sua dimensão simbólica a porta adquire um significado distinto. Enquanto elemento carregado de imaginação,evoca a ideia de vazio e desconhecido capaz de despertar no ser humano um sentimento de curiosidade para compreender sobre o que e para quem se abrem as portas, transmitindo consciência de segurança ou liberdade ou, mesmo de isolamento do mundo.

Para Gaston, "a porta é todo um cosmos do entreaberto, a própria origem de um devaneio onde se acumulam desejos e tentações: a tentação de abrir o ser no seu âmago, o desejo de conquistar todos os seres reticentes"[52]. Uma barreira aparentemente simples,que continua a ser reinventada e utilizada para diferentes causas, tornasse igualmente tão complexa.

51. SILVA, Tiago Almeida Alves. **O conceito de Flexibilidade na Arquitectura: Projecto de uma Célula Habitacional Flexível**. Covilhã: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Engenharia da Universidade de Beira Interior, 2011, p.83.

52. BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.p.225.

3.3.2. E a porta dupla ?



E.3 Representação da porta dupla.

A porta dupla, embora menos utilizada, oferece maior flexibilidade para a configuração espacial em comparação com a porta convencional, possibilitando múltiplas disposições na esfera doméstica.

Este sistema, constituído por duas folhas justapostas distingue-se pela capacidade de funcionar de forma independente ou simultânea, introduzindo a noção de mutabilidade no espaço. É, por isso, descrito como elemento "potenciador de diferentes modos de vida no interior da casa, que sugere e permite múltiplas ações e interações entre os utilizadores e os seus espaços domésticos".

No contexto de cohousing, esta mesma mutabilidade ganha especial relevância. A porta dupla assume-se como dispositivo de convivência, permitindo aos habitantes estabelecer ou restringir relações mediante a sua vontade. Ao oscilar entre abertura e fechamento, quebra a rigidez dos limites espaciais e constrói passagens que concedem maior fluidez entre diferentes ambientes.

Fig C.09 Plantas de quartos comunicantes - Resort Naman, Ngu Hành Sơn, Vietname, VTN Architetcts, 2015.

Esta perspetiva é reforçada por Monique Eleb ao afirmar que "a possibilidade de passagem direta é percebida como um poder, uma disputa que perdurará por muito tempo" . Para a autora, a manutenção ou supressão de uma porta se torna uma questão crucial para o funcionamento da coabitação, evidenciando o seu valor como dispositivo capaz de transformar o espaço doméstico e de desempenhar um papel relevante na construção de um discurso coerente entre os habitantes e o lugar.

Deste modo, para além de proporcionar ligações espaciais, a porta dupla permite recuperar a independência de cada divisão quando encerrada. Entre dois espaços contíguos, a porta dupla assegura maior controlo na comunicação, uma vez que esta depende de dois utilizadores distintos. Assim, o desejo de abri-la ou fechá-la deve provir de ambas as partes, sendo a circulação entre os dois ambientes possível mediante consentimento mútuo. Caso contrário, a porta constituirá uma barreira.

Essa dualidade entre abertura e isolamento justifica a frequente utilização deste dispositivo na conceção de quartos comunicantes, sobretudo em hotéis [Fig C.09]. Neste caso, duas portas adjacentes e independentes estabelecem uma distância mínima entre si, essencial para os hospedes que podem optar por manter uma ligação constante ou, pelo contrário, preservar a privacidade e o sossego [Fig C.10 e C.11].

Fig C.10 e C.11 Quartos comunicantes - Hotel Lis Batalha, Alcobaça, Portugal.

Se a boa distância foi anteriormente explorada no desenho espacial, aqui a porta é reconhecida como elemento fundamentalmente vinculado ao conceito de distância mínima.

A distância estabelecida por uma porta oferece inúmeras possibilidades de vivência do espaço. A sua elasticidade manifesta-se através de transições, acessos e restrições a diferentes espaços, gerando momentos de aproximação e afastamento que conectam ou separam os ambientes e moldam a experiência espacial.

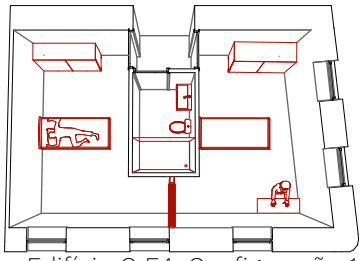
Esta elasticidade torna-se evidente na forma como a porta é utilizada: aberta, convida à travessia; entreaberta, desperta curiosidade e uma vontade hesitante de espreitar através dela; fechada, limita e isola, estabelecendo-se como uma fronteira que impede o acesso e a perceção do que se passa do outro lado, rompendo a relação com o espaço adjacente. Nestes casos, o habitante sente-se obrigado a pedir licença, a bater à porta ou a usar uma chave para entrar e acomodar-se no espaço.

Deste modo, a forma como a porta se abre e o modo como é utilizada determina não só a interação entre os habitantes, mas também a configuração das suas células habitacionais. Por um lado, assegura a continuidade espacial; por outro, garante a privacidade e autonomia.

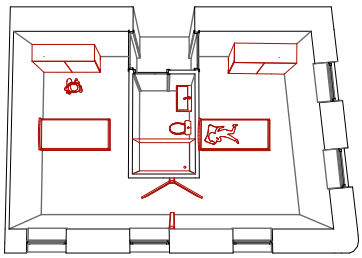
3.3.3. Como se enquadram na coabitação ?

No contexto da proposta de cohousing para o Edifício D, a porta dupla atua como estratégia de crescimento da célula habitacional, permitindo que dois habitantes diferentes acedam ao espaço de domínio um do outro, transformando-o e moldando-o por meio de interações.

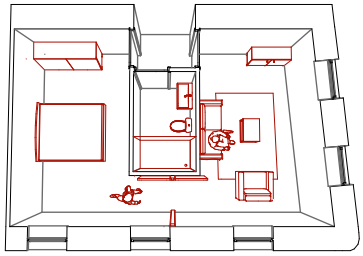
Ilustra-se assim três possíveis cenários como possibilidades:


Edifício C E4. Configuração 1

1. Células autónomas [Edifício D E.3] - pertencentes a pessoas diferentes sem qualquer relação de parentesco que optam pela separação total. Por exemplo, dois trabalhadores independentes que procuram soluções habitacionais a baixo custo e consideram as células adequadas às suas necessidades. Após a ocupação, optam por manter as portas adjacentes fechadas, preservando a intimidade de cada e assegurando uma comunicação limitada e controlada, realizada apenas através do corredor comum.


Edifício C E5. Configuração 2

2. Células comunicantes, funcionalidade única [Edifício D E.4] – mantém-se uma ligação contínua entre os dois espaços de dormir. Entre pessoas com algum tipo de relação de parentesco, este dispositivo constitui uma passagem rápida e direta entre as células. Por exemplo, permitem uma mãe e a sua filha conviver e comunicar sem precisarem de transitar pelo corredor. Assim, a mãe encontra-se próxima da filha, estando a uma distância mínima que lhe permite assegurar o seu bem-estar com maior facilidade e, simultaneamente, preservar a privacidade quando necessário.


Edifício C E4. Configuração 3

3. Células comunicantes, dupla funcionalidade [Edifício D E.5] – a possibilidade de alteração funcional das células permite, que, por exemplo, um casal jovem converta uma delas em sala de estar, configurando um espaço com duas atmosferas distintas: uma de carácter privado e outra social. Esta integração evidencia o potencial de adaptação e apropriação das células, definindo novas alternativas de uso.

As possibilidades apresentadas nos três cenários revelam a intenção de criar espaços dinâmicos por meio da manipulação de dispositivos arquitetónicos simples. Nesse sentido, a proposta de intervenção no Edifício D destaca-se pela sua versatilidade, permitindo que os espaços se adaptem às necessidades de diferentes grupos habitacionais ao longo do tempo.

4 APROPRIAR
o íntimo

Edificio D
Rua Pascoli, 28
Fondazione Caccio Burlo

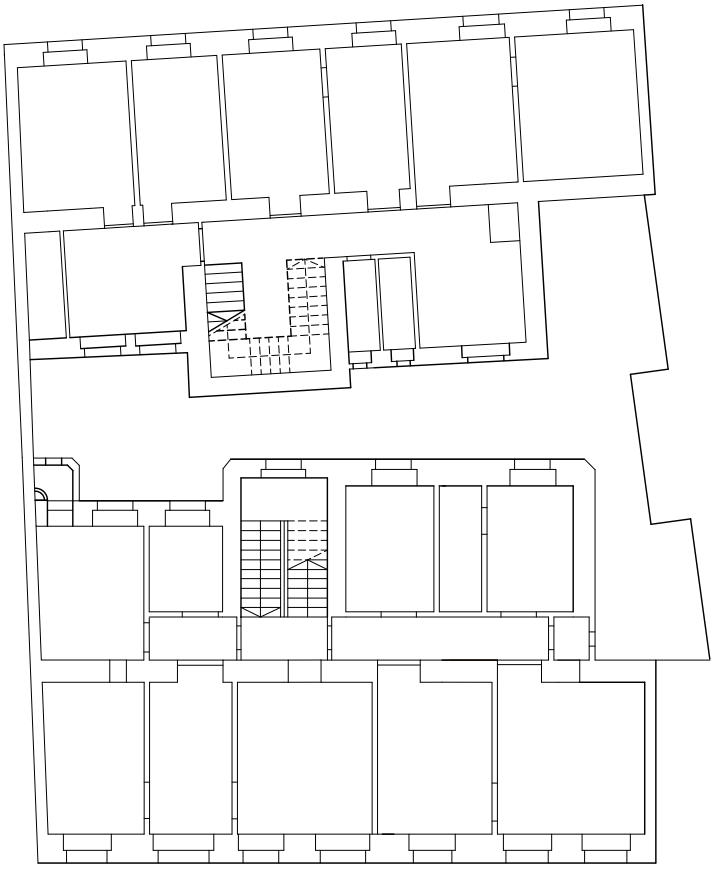
4.1. Edifício D - Pontos de Partida

4.1.1. Resumo fotográfico

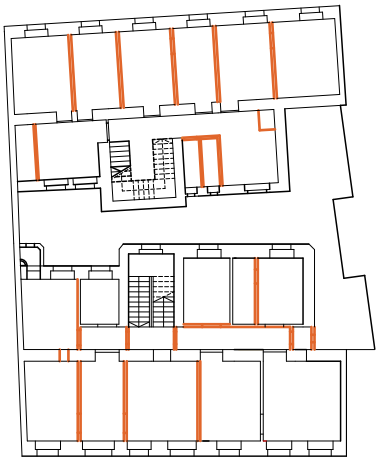
Fig D.01 Fachada frontal.

Fig D.02 Fachada posterior.

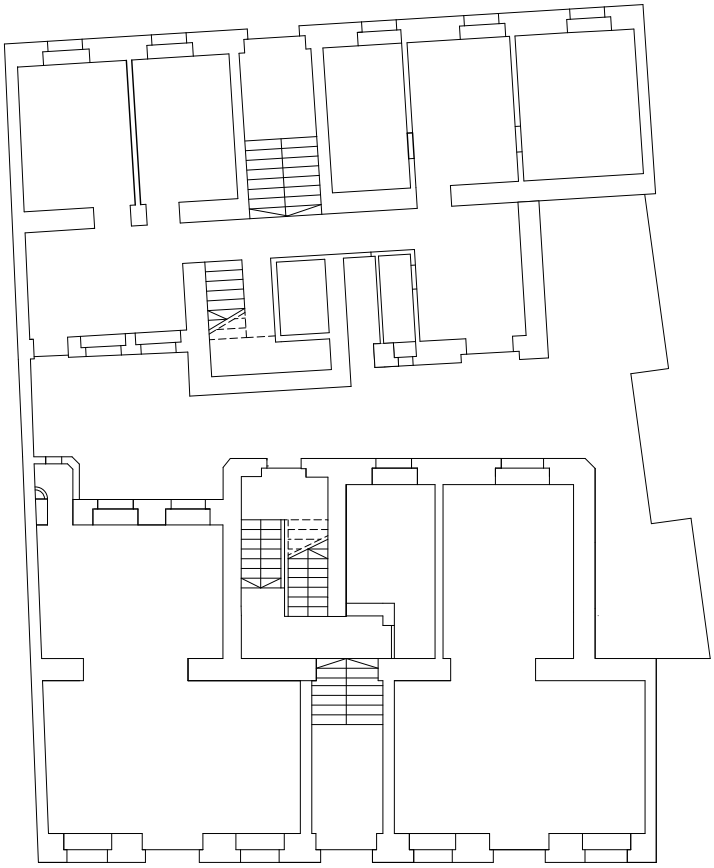
Nota: Em virtude da impossibilidade de aceder ao edifício, não foi possível proceder o registo fotográfico do interior.



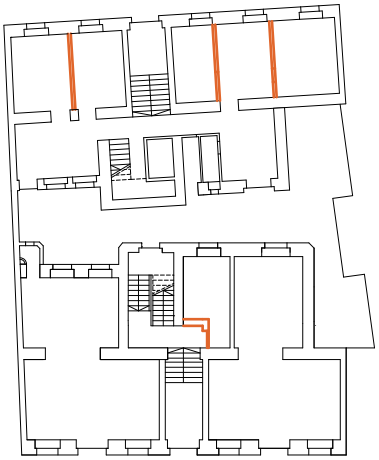
Edifício D P3. Planta Piso Tipo
[1.200]



Edifício D
P4. Planta Piso Tipo_
Paredes a demolir [1.400]



Edifício D P1. Planta Piso Rés-do-chão
[1.200]



Edifício D
P2. Planta Rés-do-chão_
Paredes a demolir [1.400]

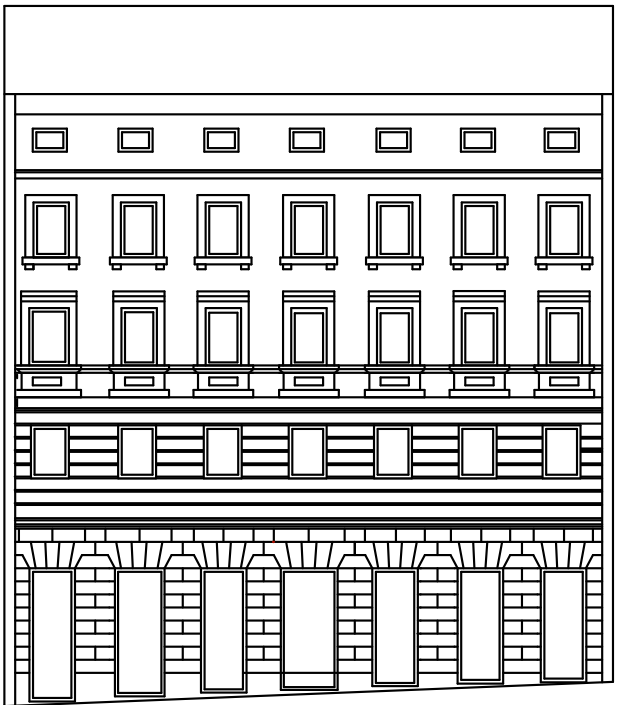
4.1.2. Enquadramento da pré-existência

O Conjunto edificado D, localizado entre a rua Vittorio Alfieri e a rua Pascoli, desenvolve-se entre duas unidades residências, possuindo apenas as fachadas sul e norte livres. Apresenta a particularidade de ser constituído por dois volumes opostos, separados por um pátio comum, de forma que cada volume dispõe de uma fachada voltada para a rua e outra para o logradouro. Contudo, o dimensionamento reduzido do logradouro e a proximidade entre estes volumes comprometem a iluminação natural, tornando-a debilitada.

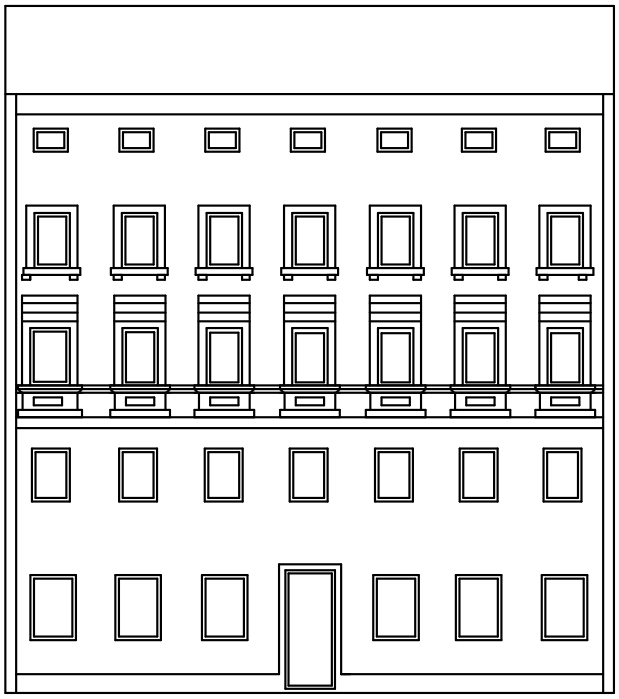
Apesar das semelhanças nos aspetos formais, os edifícios distinguem-se em altura e números de pisos - quatro e cinco pisos -, na cota de acesso, bem como na configuração interior e consequente dimensão dos compartimentos.

No que se refere à funcionalidade, o rés-do-chão alberga espaços de serviços de comércio, enquanto os pisos superiores destinam-se à habitação, sendo cada piso é composto por dois apartamentos de dois ou três quartos.

Por fim, as semelhanças na materialidade e no desenho da fachada, quando comparado com os outros edifícios analisados, reforçam a coerência urbana e estilística do conjunto. Esta análise evidencia ainda a existência de uma relação com o contexto urbano temporal em que os edifícios foram construídos, sublinhando a consistência e a lógica de inserção destes blocos no tecido da cidade.



Edifício D A1. Alçado frontal(Rua Pascoli)
[1.200]



Edifício D A2. Alçado frontal(Rua Vittorio Alfieri)
[1.200]

4.1.3. Relação Instituição / Público-alvo

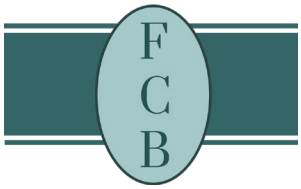


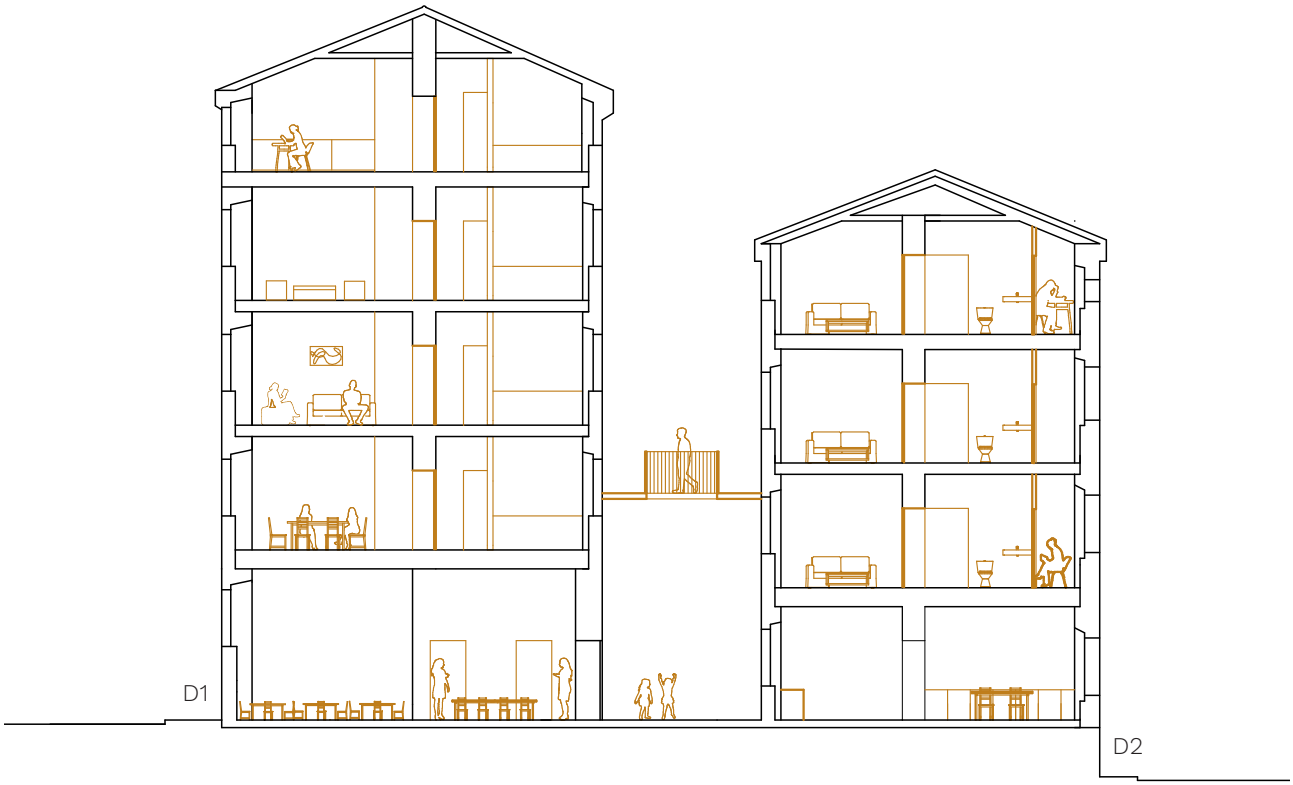
Fig D.03 Símbolo institucional da fondazione Caccia Burlo.

A instituição associada ao edifício D, designada por Fundação Antonio Caccia e Maria Burlo Garofolo, é um instituto público de assistência e caridade que atua desde 1934 no setor de bem-estar habitacional. Destina-se há cidadãos residentes há pelo menos cinco anos no território de Trieste e que possuam os requisitos previstos no Estatuto, procurando dar respostas em primeira mão a quem vive um momento de dificuldade econômica e social que não lhes permite encontrar soluções habitacionais alternativas.

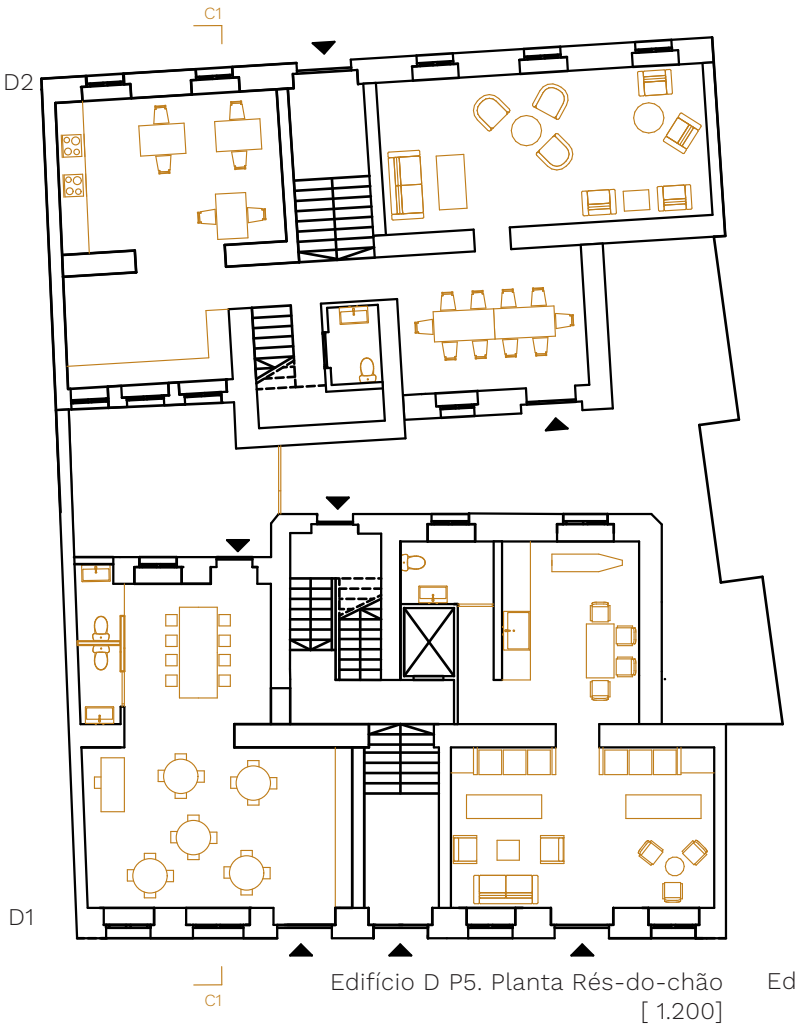
Relativamente ao público-alvo, idealizam-se as seguintes propostas:

Para o edifício D1, junto à rua Pascoli, propõe-se a criação de um espaço familiar capaz de acolher pessoas de diferentes faixas etárias. Funcionando como um organismo intergeracional agrupa idosos e unidades domésticas de pequena dimensão e baixo rendimento, abrangendo variadas tipologias familiares. Tem como principais objetivos atenuar, através de valores de partilha o impacto do aumento especulativo das rendas habitacionais e mitigar a crescente exclusão social da população mais idosa e carenciada, que se verifica cada vez mais nos dias de hoje.

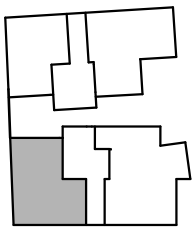
Por outro lado, o edifício D2, na rua Vittorio Alfieri, pretende acomodar um maior número de pessoas em comparação com o edifício D1, adotando como estratégia de racionalização do espaço e dos recursos a minimização das células habitacionais. Visa sobretudo acolher jovens da cidade de Trieste em fase de emancipação e reintegração na comunidade, incluindo trabalhadores cujo rendimento não lhes permite aceder a uma habitação condigna, imigrantes em processo de conquista de independência financeira, entre outros.



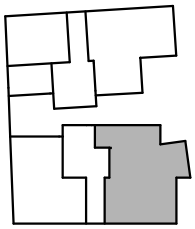
Edifício D C1. Corte Tranversal
[escala 1.200]



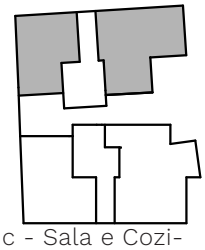
Edifício D P5. Planta Rés-do-chão
[1.200]



a - Centro de dia
para crianças



b - Lavandaria

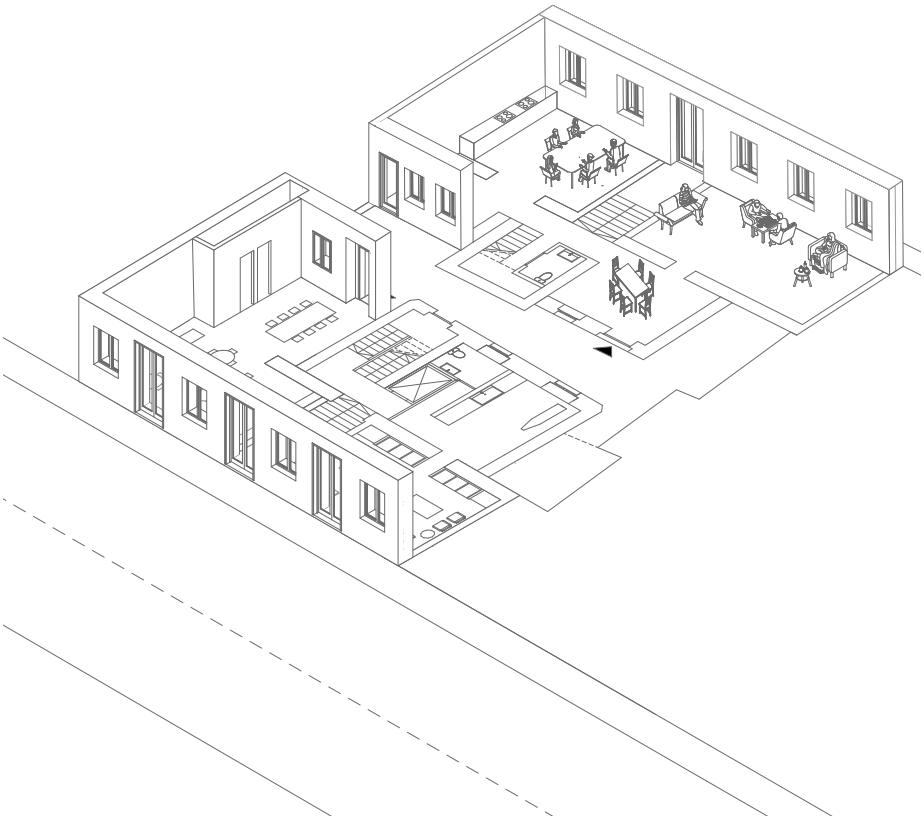


c - Sala e Cozi-
nha Comum

Edifício D E1. Programas
Rés-do-chão

4.2. A Proposta

4.2.1. O Rés-do-chão: espaço de acolhimento



Edifício D E1. Representação do Rés-do-chão

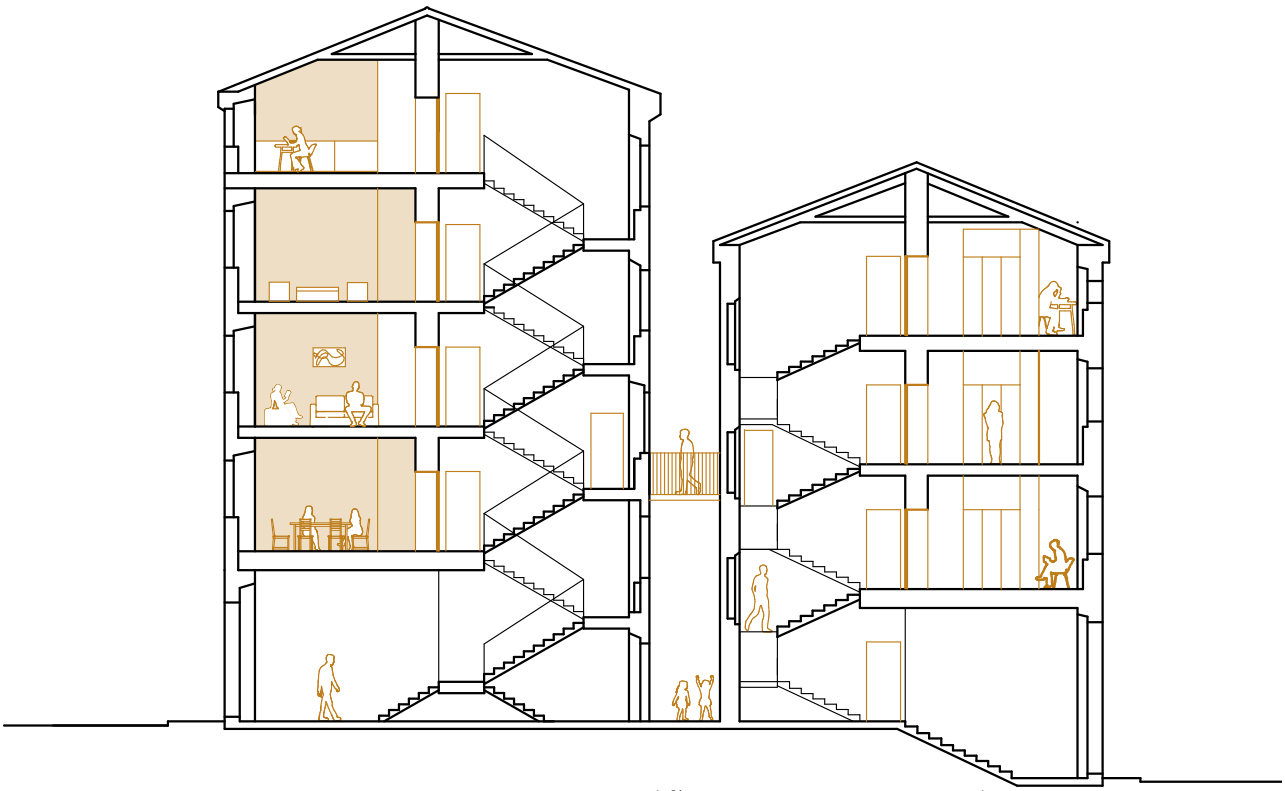
O rés-do-chão do Edifício D acomoda programas essenciais para o apoio à vida comunidade e à vida individual de cada habitante. Nesse sentido, propõem-se:

a _Centro de dia para crianças – espaço de carácter social dedicado a atividades pedagógicas e recreativas, oferecendo suporte a pais e encarregados e necessitam deixar os filhos sob cuidado enquanto trabalham.

b _Lavandaria – espaço destinado a atender a comunidade local, que facilita aos habitantes a realização de tarefas básicas quotidianas.

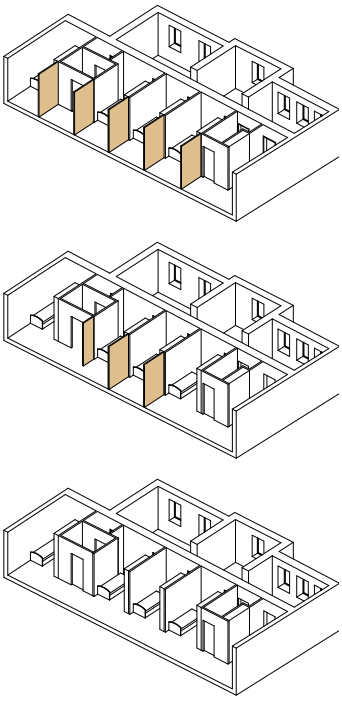
c _Sala e cozinha comum – área de convivência para os residentes, onde podem cozinhar, partilhar refeições e interagir, promovendo a coesão social e o uso eficiente dos recursos.

Edifício D P6. Planta Piso Tipo
[1.200]



Edifício D C2. Corte Tranversal
[1.200]

4.2.2. Dinâmicas de apropriação do espaço

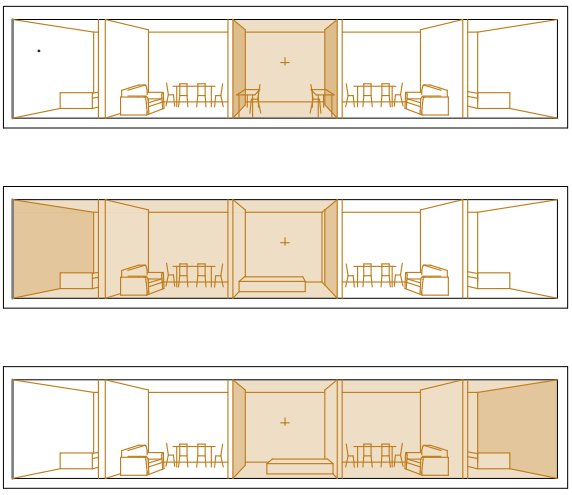


Edifício D2 E2.Mobilidade das células de dormir

Nos pisos superiores do Edifício D, desenvolvem-se, em simultâneo, duas estratégias de apropriação distintas, centradas no desenho do compartimento enquanto peça de expansão (compartimento extra) ou de compactação (alcova).

No primeiro caso, referente à introdução do compartimento extra, a solução ocorre no edifício voltado para a rua principal [D1]. Este compartimento configura-se como um dispositivo multifuncional, de uso partilhado e sem programa pré-definido, posicionado estrategicamente entre duas habitações contíguas. Situando-se fora da esfera doméstica coletiva, assume-se como espaço doméstico privado, utilizado por um ou dois agrupamentos familiares. No desenho [Edifício D C1], assinalado a cor, evidencia-se a multiplicidade de usos que esta peça extra pode oferecer quando apropriada por diferentes moradores. Já os esquemas [Edifício D1 C2] reforçam o carácter deste espaço enquanto célula independente, capaz de associar-se exclusivamente à unidade da esquerda, à unidade da direita ou a ambas.

No volume traseiro do conjunto edificado [D2], a habitação caracteriza-se pela disposição de quatro células mínimas individuais que compartilham funções coletivas. Essas micro-unidades, pela redução de suas dimensões, aproximam-se do conceito de alcovas -pequeno nichos destinados essencialmente ao repouso. Neste contexto, o compartimento assume a forma de uma célula compacta, evocando a ideia de refúgio e recolhimento. Desta forma, há uma clara preocupação em garantir e priorizar o conforto, preservando a dimensão íntima da alcova. Estas células podem tanto isolar-se completamente como comunicar entre si [Edifício D2 E1].



Edifício D1 C3. Variação de associações do compartimento extra

4.2.3. Dados do projeto: pessoas e espaços

Tipologia do edifício
Edifício articulado em dois blocos

Número de edifícios
1

Área total de construção
1491 m²

Número de pisos
4 e 5

Número de apartamentos
35

Altura do piso
3.00 m

Espaços privados
442 m²

Espaços partilhados
408 m²

Espaços coletivos
243 m²

Espaços públicos
115 m²

Acesso ao edifício
O acesso é feito diretamente a partir da rua.

Layout do edifício
A distribuição vertical e horizontal do edifício é organizada através de escadas, elevadores e corredores.

Soluções espaciais do edifício
Galeria exterior como espaço coletivo que conecta os dois blocos, promovendo o encontro e interação entre os residentes.

Tipologia das habitações
2 células habitacionais + 1 compartimento extra, e 5 células mínimas habitacionais por piso.

Área das habitações
10.5 - 12-7 m².

Layout das habitações
O layout das habitações é organizado por corredores e espaços adjacentes conectados.

Zona de noite/ privada
Acesso individualizado para as células asseguram autonomia e privacidade.

Zona de dia/ partilhada
Posicionadas em oposição aos quartos, estas áreas voltam-se para o pátio interior.

Soluções espaciais das habitações
Paredes móveis, compartimento extra sem função predefinida e pequenas alcovas como estratégias de flexibildade.

4.3. O quarto como dispositivo de adaptação

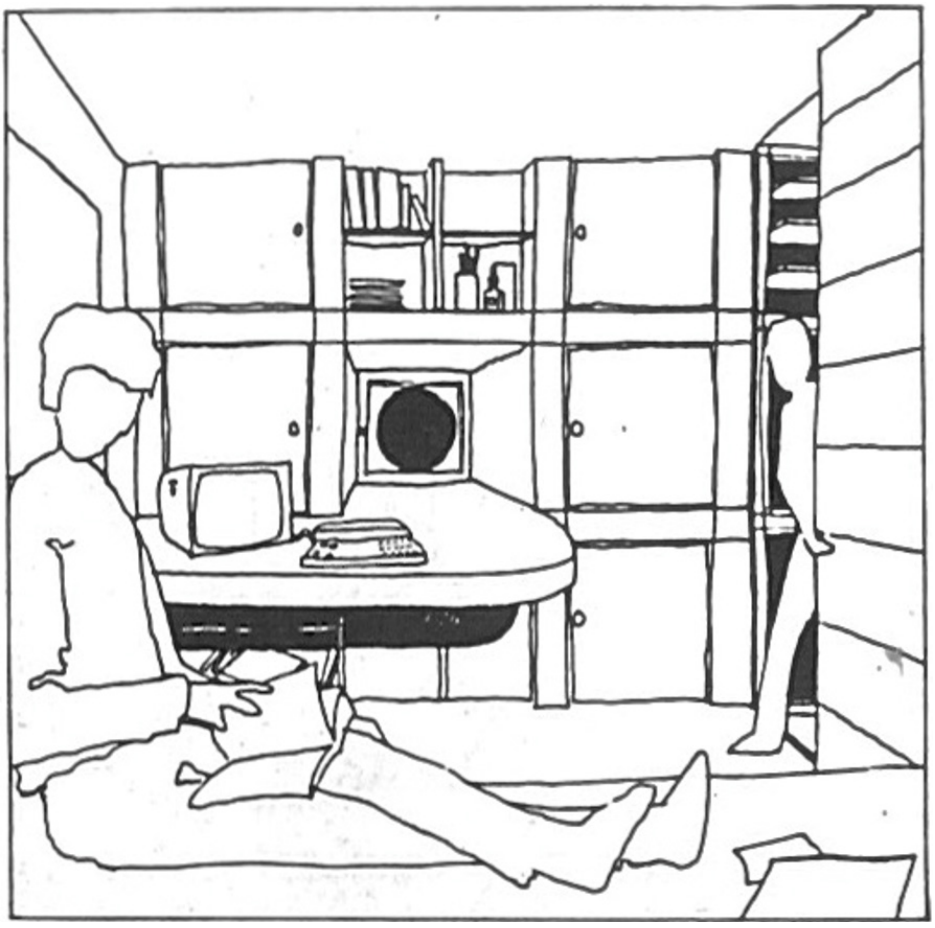


Fig D.04

A necessidade de preservar a autonomia sem abrir mão do prazer e da convivência coletiva, evidencia o espaço pessoal e íntimo como dimensão essencial para o funcionamento adequado da coabitação.

Segundo Monique Eleb, “a afirmação de uma autonomia das pessoas no agregado familiar implica uma marcação significativa das identidades da residência e uma diferenciação planejada dos compartimentos da habitação”[53]. É através do ato de apropriação destes espaços que o habitante adquire maior autonomia e liberdade. A privacidade, neste contexto, assume um papel central como instrumento de controle e domínio de um território próprio,.

Compreender a esfera capaz de acolher o íntimo, suas formas de manifestação e sua articulação com os espaços compartilhados revela-se, portanto, fundamental para entender como a autonomia pessoal se concilia com a dinâmica coletiva da habitação.

53. ELEB, Monique; CHATELET, Anne-Marie; ELEB, MANDOUL. **Penser l’habité: Le logement en questions**: PAN 14. Pierre Mardaga, 1988, p.68.

4.3.1. Habitar a esfera íntima

Considerando a primeira experiência de habitar do indivíduo - a uterina -, o ser humano é visto como "um ser mediado, que provém de um espaço interior íntimo e protegido"[54] . A partir dessa experiência de segurança surge a necessidade de exteriorizar o ambiente isolado e acolhedor. Dessa forma,o ser humano cria formas de abrigo que deixam de constituir apenas espaços interiores e passam a ser "condições vitais" para a sua existência. [Fig D.05].

Fig D.05 Utero materno como o espaço primitivo de habitar. Autoria: Leornado Da Vinci.

Nesse sentido,Sloterdjik defende que o homem e tudo que lhe é exterior se definem como partes integrantes de uma esfera maior que nos acolhe. "Não há vida sem esferas. Necessitamos de esferas como do ar para respirar, elas nos foram dadas [...] e estendem-se deste o íntimo ao cósmico, passando pelo global"[55]. Assim, a esfera é compreendida não como um espaço neutro, mas como um espaço animado e vivido, um meio no qual os homens estão contidos.

Portanto, habitar significa sempre "constituir esferas maiores ou menores"[56]. As diferentes escalas do espaço que se habita - da mais ínfima à mais ampla - pertencem a um todo, formando o mundo habitável, no qual o homem é o construtor.

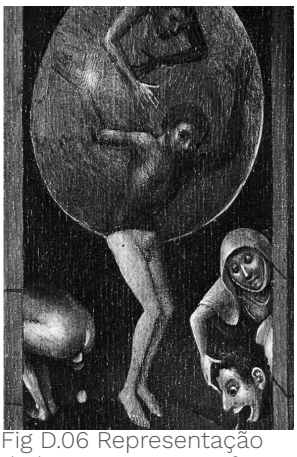


Fig D.06 Representação do homem numa esfera.

Nesse contexto, a figura do homem, torna-se o fundamento para pensar os espaços que ele ocupa. Conforme Sloterdjik, o ser humano habita apenas construções que emergem dele próprio como uma segunda natureza[57]. Ao procurar no mundo exterior um lugar onde possa refugiar-se e isolar-se, o homem estabelece a base da esfera mínima, que sustenta as diversas interações, tanto entre as próprias pessoas quanto entre o homem e o lugar.

Serão, então, as relações íntimas originárias do compartilhamento do espaço? E de que modo esse espaço mínimo e íntimo se reflete na habitação?

O arquiteto Karel Teige, na obra The Minimum Dwelling, afirma que a habitação mínima dentro da casa coletiva deve ser concebida a partir da célula individual, considerando que essas células "devem ser exclusivamente para repouso e a vida privada individual"[58]. Cada núcleo habitacional deve proporcionar ao indivíduo o seu próprio espaço; desta forma, a habitação é formada por um conjunto de células individualizadas, que, reduzidas ao mínimo, remetem às celas de prisão ou espaços monásticos, adquirindo o carácter de lugares de refúgios.

Esta redução ao mínimo dos espaço decorre da eliminação, no interior das células, das funções que se distanciam da esfera

54. SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I: Burbujas. Microsferología**. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2003, p.8.

55. Ibidem.

56. SLOTERDIJK,Peter. **Esferas I: Bolhas**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016, p.29.

57. Ibidem, p.78.

58. TEIGE, Karel. **The Minimum Dwelling.** Massachussets: MIT Press, 2002, p. 344.

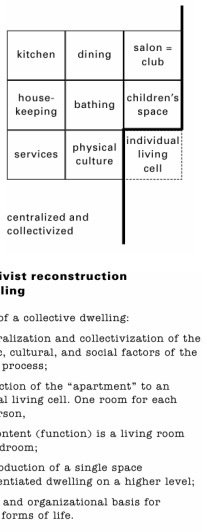


Fig D.07 Diagrama da habitação mínima. Autoria: Karel Teige.

íntima. Teige critica o modernismo de Le Corbusier, considerando que a conceção da casa como "máquina de habitar" ainda responde aos padrões do luxo burguês e se afasta da essência do carácter social de habitação[59]. Em contrapartida, defende a célula individual e funcional integrada no sistema coletivo habitacional como solução socialmente adequada.

A forma dessas células, segundo Teige, deve ser determinada exclusivamente pelos processos fisiológicos, recreativos e psicológicos básicos da habitação[60]. O espaço privado, não deve, portanto, acomodar atividades de lazer ou socialização; constitui-se antes como um ambiente destinado a dormir, descansar e desfrutar da vida intelectual e emocional privada. Este espaço íntimo não procura conduzir ao isolamento total, mas regular o acesso ao "eu", evitando o desconforto do exterior. A célula privada, assim, atua como uma fronteira invisível que salvaguarda a intimidade de cada.

Como referido anteriormente, a experiência humana é definida por um conjunto de esferas interiores e exteriores a si mesmo. A conceção do espaço individual, segundo Sloterdijk, engloba duas realidades: a proteção do corpo e a construção de espaços dedicados à reflexão individual. Neste contexto, a célula funciona tanto como invólucro protetor do corpo - "uma extensão e um refúgio da nossa constituição e do nosso corpo"[61] - quanto como um espaço enclausurante que, associado à ideia de permanência, isola o homem do exterior e promove a sua autonomia em relação ao mundo.

Reconhecendo que o ser humano se desenvolve plenamente na relação com os outros, o espaço íntimo não deve ser compreendido como realidade autônoma, mas como elemento articulado e em intersecção com as diferentes esferas. A interação entre essas esferas estrutura as formas de habitar; assim, a esfera doméstica define-se pela relação de dependência entre o mais íntimo e o coletivo. Nesse sentido, a casa deixa de ser considerada apenas abrigo, passando a ser entendida como "uma separação entre o espaço individual e o espaço coletivos"[62].

Para Teige, a célula de habitação despoja-se de todas as suas antigas funções domésticas, transformando-se posteriormente em serviços coletivos"[63] [Fig D.07]. Deste modo, a noção de célula mínima representa, aqui um ponto de viragem: extinguem-se os modelos de habitação familiar tradicional e multiplicam-se os espaços de carácter social, fruto da racionalização e maximização da habitação.

59. TEIGE, Karel. **The Minimum Dwelling**. Massachussets: MIT Press, 2002, p. 183.

60. Ibidem, p.252.

61. CEIA, Joana Carrilho. A.P. **Atlas do Espaço Individual: experiências e realizações**. Porto: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universida-de do Porto, 2022, p.36

62. Ibidem, p.22.

63. TEIGE, Karel. **The Minimum Dwelling**. Massachussets: MIT Press, 2002, p. 346.

4.3.2. Construir o espaço individual

Sloterdjik defende que a inexistência do núcleo íntimo no interior da casa, equivale a morte da esfera. No entanto, o espaço privado habitável, não se restringe à sua mera existência tangível e física, mas implica que o indivíduo se identifique com ele e o reconheça como seu, podendo nele resguardar-se e, simultaneamente, encontrar proteção, paz e tranquilidade. É justamente a capacidade de transformar e moldar o quarto que permite ao habitante criar o seu mundo dentro da dimensão territorial e pessoal que lhe é concedida. Nesse sentido, todo homem é um "inculto arquiteto de interiores"[64], responsável por construir o seu modo de habitar.

Fig D.08 e D.09 Célula individual do Hôtel-Dieu de Beaune.

O processo de apropriação varia conforme a vontade de cada habitante, manifestando-se em gestos simples de organização do lugar, desde a disposição de objetos até a alteração do posicionamento do movéis. Tais ações, muitas vezes, são suficientes para individualizar e diferenciar o recinto íntimo de cada um. Para Sloterdjik, o homem não deve ser apenas projetista do seu espaço interior, mobiliado com os objetos relevantes, mas também, inevitavelmente, deve deixar-se dispor como peça prestimosa desse mobiliário[65].

O mobiliário assume, assim, um papel central na conceção de um espaço privado funcional, eficiente e adaptável. Partindo do princípio de que o ato de dormir constitui uma das principais necessidades básicas do ser humano, discute-se o papel da cama como elemento fundamental para dar forma ao conceito de célula individual. A sua presença introduz clareza quanto à função do espaço que ocupa; a sua ausência, em contrapartida, gera ambiguidade e compromete a percepção da sua função original. Dessa forma, a cama revela-se determinante na medida que estrutura diferentes tipos de ocupação individual, definindo a dimensão e caráter, seja na cela prisional, numa enfermaria hospitalar ou na célula habitacional. No hospital Hôtel-Dieu de Beaune, por exemplo, a cama estabelece e delimita o espaço individual de cada utente [Fig D.08 e D.09].

Este elemento, associado a outros, como cadeira, secretária, e armário constituem "espaços individuais pontuais"[66] que dão suporte à rotina do indivíduo no interior do seu quarto.

Por esta razão, torna-se pertinente assegurar a capacidade de cada ambiente, através de dispositivos mobiliários, de se adaptar e, assim possibilitar a criação de arranjos espaciais diferentes.

64. SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I: Burbujas**. Microsferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2003, p.7.

65. SLOTERDIJK,Peter. **Esferas I: Bolhas**. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016, p.78.

66 Ibidem, p.34.

4.3.3. O compartimento extra e quarto compacto

A ocupação de um espaço é transitória: ao longo do tempo, diferentes pessoas podem habitá-lo, permanecer nele ou desocupá-lo, redefinindo continuamente os modos de habitar. O espaço, por sua vez, tende a permanecer estático; contudo, essa permanência não deve torná-lo rígido e inalterável. Pelo contrário, ele deve incorporar flexibilidade, acompanhando o crescimento e as transformações dos diversos grupos de coabitantes. O compartimento extra e o quarto compacto configuram, neste contexto, estratégias espaciais que promovem a elasticidade e evolução do lugar doméstico.

O compartimento extra funciona como um dispositivo evolutivo. Associado a duas habitações contíguas, pertence simultaneamente a dois grupos de coabitantes e atua como elemento arquitetónico intermédio, permitindo o crescimento da unidade[Fig D.10].

A conceção do espaço sem definição a priori, não deve ser confundida com um espaço destituído de função. Todo o espaço livre tende a ser apropriado pelo homem, que inevitavelmente lhe atribui algum uso. A consciência humana, voluntária ou involuntariamente, idealiza e participa ativamente no espaço vivido. Georgec Perec enfatiza a impossibilidade de conceber logicamente um espaço vazio alimentado do nada, pois a ausência de utilidade e funcionalidade equivaleria a "expulsar funções, ritmos, hábitos e necessidades"[67]. Assim, a ideia de espaço sem uso é facilmente associada a um compartimento inútil. Por outro lado, defende-se aqui o conceito de espaço "sem qualquer função precisa" como uma célula reversível, capaz de estimular a dimensão imaginária do indivíduo e de o tornar arquiteto do seu próprio espaço. [Edifício D1 P7]

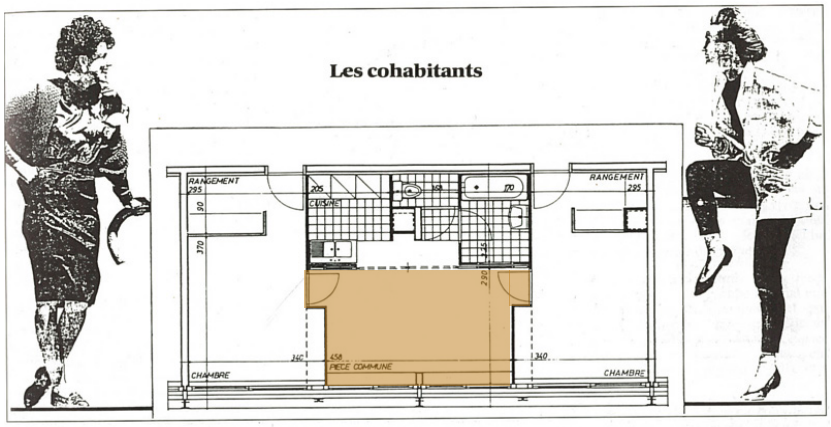


Fig D.10 Células individuais com compartimento partilhado entre coabitantes

67. PEREC, Georges. Species of Spaces and Other Pieces. London: Penguin Classics, 1997, p.33.

Relativamente aos quartos compactos [Edifício D2 P7] do volume localizado na parte traseira do edifício D, estes constituem a célula mais mínima e individualista entre os projetos propostos. Trata-se de um espaço dedicado essencialmente ao repouso, funcionando como esfera protetora do habitante, um verdadeiro lugar de refúgio pessoal, cuja existência pressupõe a integração de espaços coletivos, onde se concentram e se desenvolvem atividades complementares à vida quotidiana, como observado nos apartamentos Fenêtre sur cour apresentados no concurso do Europan de 1989 [FigD.11]. Este desenho reflete os princípios estabelecidos em 'The Mininum Dwelling', segundo os quais a habitação mínima deve equilibrar área reduzida e máxima habitabilidade,propondo uma célula por adulto: "Por pessoa, homem ou mulher, um quarto adequado, independente e habitável"[68].

A célula de dormir concebida aproxima-se da alcova, descrita por Peter Sloterdijk como uma "micro-esfera íntima"[69]. Txatxo, por sua vez, designa-a como uma ínsula: "pequena cabine, de uso praticamente individual, onde se pode dormir, isolar-se para ouvir música, ler, concentrar-se; menor que um quarto de dormir: um recanto, um ninho, uma toca, capaz de alojar o grau de máxima autonomia do espaço pessoal, e/ou íntimo, dentro de um espaço particular"[70].

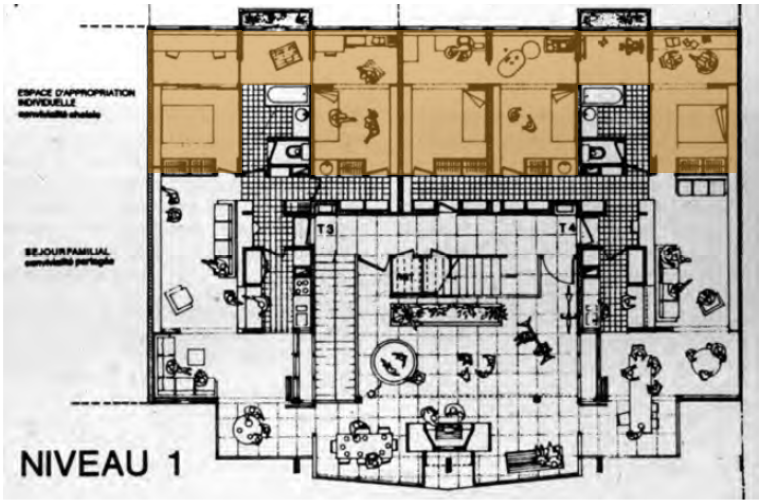
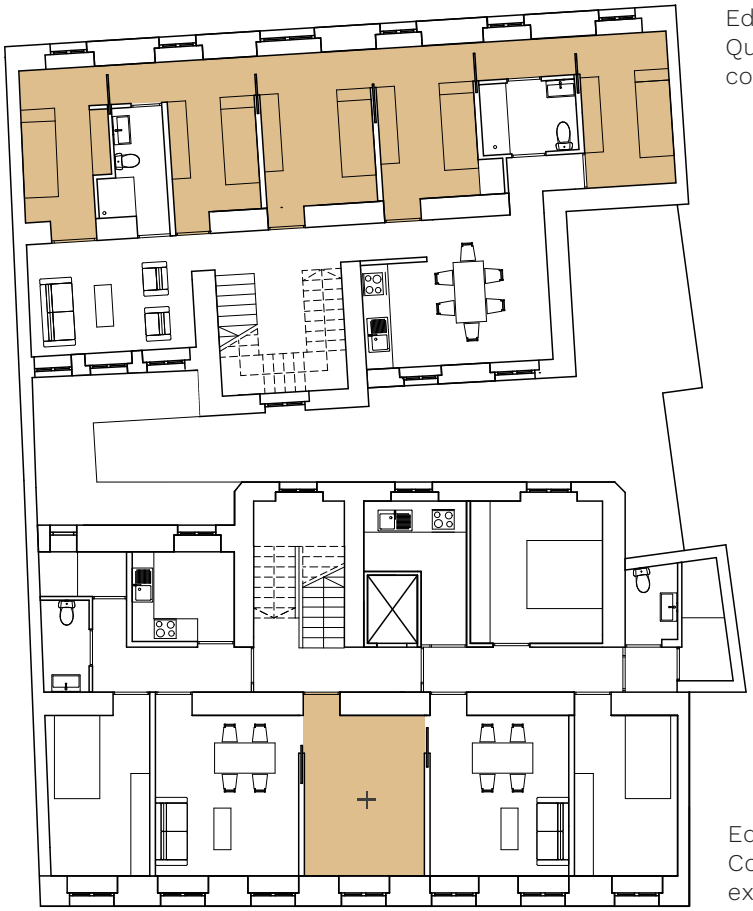


Fig D.11 Células de dormir interligadas - Fenêtre sur cour, Minazzoli & Chauvin, EUROPAN, 1989.

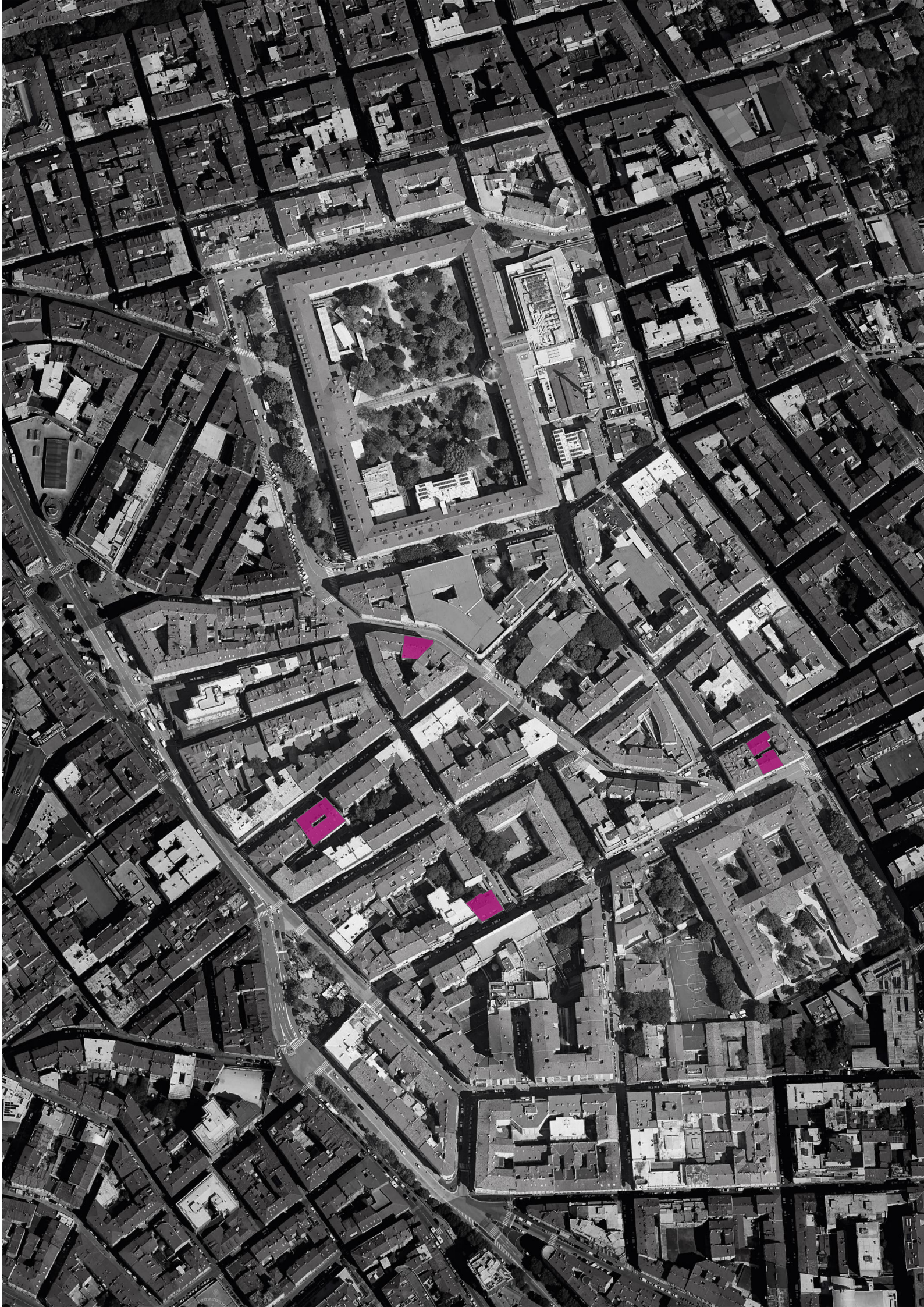
68. TEIGE, Karel. **The Minimum Dwelling**. Massachussets: MIT Press, 2002, p.38.

69. SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I: Burbujas. Microsferología**. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2003, p.7.

70. SABATER, Txatxo; GUASCH, Ricard. **Novos Descritores: Novos Operadores Projetuais**. Trad. Luís Soares Carneiro, André Santos, Marta Rocha, Maria José Casanova, Luís Viegas, Hélder Casal Ribeiro e Marco Ginoulhiac, Porto: FAUP (CEAU), 2018,p.4.



Edifício D P7. Planta Piso Tipo
[1.200]



5 MORAR
Quatro experiências habitacionais em Trieste

5.1. O edifício, a comunidade e a cidade

Em função do posicionamento e da proximidade existente entre os quatro edifícios considera-se pertinente, no âmbito desta investigação, estabelecer uma relação contínua entre eles. Desde o início, assume-se como premissa o seu funcionamento de forma articulada, e não como entidades isoladas. Assim, importa refletir sobre como casos distintos, cujas estratégias adotadas são específicas de cada edifício, podem interagir, e em conjunto, reforçar-se mutuamente, originando formas de habitar inclusivas a escala do bairro. Aqui, a dimensão urbana adquire particular relevância, configurando-se como lugar que acolhe uma variedade de programas complementares, ao passo que, o espaço público, exerce um papel mediador, orientando os fluxos de circulação e comunicação.

Nesse sentido, a inserção destes edifícios numa área consolidada permite que usufruam das infraestruturas existentes, desde serviços essenciais de saúde, educação e comércio até às diversas estruturas de apoio que promovem a inclusão e participação dos habitantes na vida comunitária. A cidade e o edifício estabelecem uma relação de cooperação: a cidade oferece recursos e facilidades, enquanto o edifício traduz esses elementos em benefício coletivo. A malha urbana existente, por sua vez, confere unidade aos edifícios, estabelecendo a ligação natural entre eles e reforçando a sua integração no tecido urbano.

No plano do edifício, o rés-do-chão desempenha um papel fundamental na articulação entre o edifício e a cidade, pois, ao estabelecer contato direto com a rua, funciona como espaço intermédio que regula e separa a vida doméstica do domínio público. O rés-do-chão pode, por isso, ser entendido como elemento consubstancial à cidade, que, ao acolher programas de uso coletivo e comunitário, participa ativamente da construção da vida urbana. A forma como estes espaços se abrem e dialogam com a envolvente evidencia esta dimensão, prolongando a cidade para o interior dos edifícios, ainda que de forma controlada. Para Monique Eleb, independentemente da forma arquitetónica que cada edifício possa assumir, estes espaços de convivência possuem a capacidade de produzir cidade de maneira particular[71].

A introdução no rés-do-chão dos edifícios de cafés, lojas, lavandarias, refeitórios e espaços de apoio à vida doméstica, bem como ateliers de trabalho e centros de dia para idosos e crianças, pretende, portanto, favorecer a integração de todos os habitantes, promovendo a convivência, sem esquecer a autonomia e independência de cada um.

71. ELEB, Monique e BENDIMÉRAD, Sabri. **Ensemble et séparément, des lieux pour cohabiter.** Bruxelas: Mardaga, 2018, p.103.

Estas reflexões sobre as diferentes escalas do espaço e programas que o ocupam conduzem à questão mais ampla de morar. Entendido para além da mera ocupação física, o conceito de morar refere-se ao ato de residir em determinadas condições e circunstâncias que tornam o espaço habitável. Nessa perspectiva, "morar" delimitada um dos principais objetivos destas quatro experiências habitacionais em Trieste: conceber espaços dignos, que assegurarem condições básicas de habitabilidade e contribuam para o progressivo afastamento de situações desfavoráveis e precárias. Diante disso, impõe-se pensar a organização espacial a partir das necessidades concretas dos seus potenciais habitantes.

Apoiando-se nesta perspectiva, Monique Éléb, Anne-Marie Chatêlet e Thierry Mandoul, em "Penser l'habité", sublinham que o espaço da habitação só existe e só adquire sentido na definição que lhe é dada pelos próprios habitantes[72]. Complementarmente, Gautreau e Morio defendem que os modelos habitacionais devem ser "generosos nos usos, virtuosos e económicos no aproveitamento dos espaços, flexíveis nas temporalidades, ágeis na oferta de serviços e capazes de estimular os seus residentes"[73].

À luz desses princípios, o trabalho desenvolvido não pretende distinguir uma tipologia alternativa única ou definitiva capaz de solucionar a problemática da habitação. Pelo contrário, as estratégias selecionadas resultam do interesse e desejo em explorar diferentes abordagens num contexto marcado pelo agravamento da crise habitacional e pela crescente relevância da coabitação como recurso social.

72. CHATELET, Anne-Marie; ELEB, MANDOUL. Penser l'habité: **Le logement en questions**. Pierre Mardaga, 1988, P. 103.

73. GAUTREAU, Christelle; MORIO, Stéphanie. **Homy, Coliving, Cohabiter**. Paris: Bond Society, Pavillon de l'Arsenal, 2018, p.3.

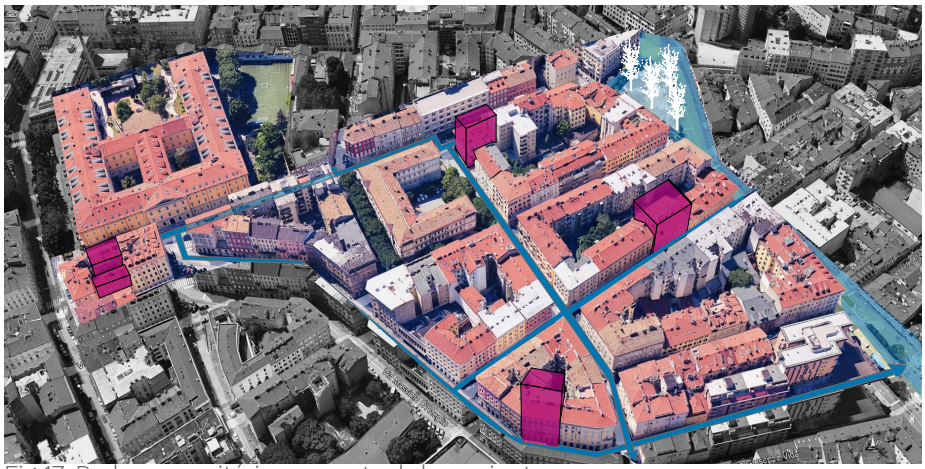


Fig 17. Rede comunitária conceptual do conjunto.

Importa ainda sublinhar que as estratégias desenvolvidas não devem ser encaradas como soluções isoladas, mas sim como possibilidades que podem ser combinadas na gerência regular do espaço de habitar, evidenciando que não existe um modelo ideal de coabitação. O objetivo central é articular conceitos de **acessibilidade**, **não-convencionalidade** e **flexibilidade espacial**. A este respeito, Monique Éléb Anne-Marie Chatêlet e Thierry Mandoul, definem a flexibilidade em três dimensões graduais: **a mobilidade**, (modificações rápidas do espaço, através de divisórias móveis), **a evolução** (adaptação a longo prazo face as transformações familiares) e a **elasticidade** (modificação da área habitável pela adição de um ou mais compartimentos).[1]Considerando "o espaço interior, **a célula habitacional**, o espaço por excelência"[74], estas noções sustentam a possibilidade de **unir**, **configurar**, **modular** e **apropriar** o espaço, entendidas como ações que resultam da experiência e vivência humana no lugar doméstico, permitindo moldá-lo e adaptá-lo à medida das necessidades.

Assume-se, por fim, que o sucesso da coabitação depende de diversos fatores, entre os quais se destaca a implementação de estratégias adequadas ao contexto urbano e social em que se inserem as moradas e os edifícios, de modo a estabelecer uma relação contínua com o lugar e evitar que os modelos se tornem formas de luxo que excluem a maior parte da população. É igualmente essencial assegurar uma clara delimitação dos grupos-alvo, reduzindo possíveis atritos decorrentes da disparidade entre diferentes estilos de vida, bem como estabelecer regras de convivência que garantam o bom funcionamento dos espaços partilhados.

Não se trata, portanto, de propor um modelo universal, mas de abrir um campo de possibilidades capaz de responder às crescentes demandas e transformações dos edifícios, das comunidades e das cidades, sendo a coabitação entendida como um processo em constante (r)evolução.

74. ELEB, Monique; CHATELET, Anne-Marie; ELEB, MANDOUL. **Penser l'habité: Le logement en questions**. Pierre Mardaga, 1988. p.108-113.

Referências bibliográficas

AICHER,Otl. **A Cocina para cocinar: El final de una doctrina**. Editorial Gustavo Gili, 2004.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CEIA, Joana Carrilho. A.P. **Atlas do Espaço Individual: experiências e realizações**. Porto: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2022.

CHING, Francis D. K. **Architecture: Form, Space, and Order**. 3. ed. Hoboken: John Wiley & Sons, 2008. Disponível em: https://rsd2-alert-durden-reading-room.weebly.com/uploads/6/7/1/6/6716949/chi ng-architecture_form_space_order.pdf

Czischke, Darinka. K; Peute, Marije. H.;Dos Santos Vieira Brysch, Sara L. **Together: Towards Collaborative Living.** TU Delf, Publicação Aberta, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.59490/mg.80

DIBIE, Pascal. **Ethnologie de la porte: des passages et des seuils**. Paris, Éditions Métailié, 2012.

ELEB, Monique: **Les 101 mots de l'habitat. À l'usage de tous**. Paris, Archibooks, 2014.

ELEB, Monique; BENDIMÉRAD, Sabri. **Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation**. Bruxelas: Mardaga, 2018.

ELEB, Monique; CHATELET, Anne-Marie; ELEB, MANDOUL**. Penser l'habité: Le logement en questionS: PAN 14**. Pierre Mardaga, 1990.

ELIASSON, Susanne; JAMMES, Anthony. **2 PIÈCES**. Paris: Pavillon de l´Arsenal, 2021.

GAUTREAU, Christelle; MORIO, Stéphanie. **HOMY Coliving, cohabiter.** Paris: Pavillon de l'Arsenal, 2018.

GILI, Gustavo. **Pisos Piloto: Models Apartments**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1997.

GUILHERME, Inês Salema. **Habitação Intergeracional: Contributos para Boas Práticas**. Porto: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2023.

HALL, Edward T. **The Hidden Dimension**. New York: Doubleday, 1966. Disponível em: https://www.academia.edu/43785083/The_Hidden_Dimension_Edward_Hall

Hertzógrafo, H. **Lessons for Students in Architecture**. Rotterdam: 010 Publishers, 1991. Disponível em: https://archive.org/details/lessonsforstuden0000hert/page/n9/mode/2up

ALTMAN, Irwin **The Environment and Social Behavior: Privacy, Personal Space, Territory, and Crowding** Monterey, CA: Brooks/ Cole Publishing Company, 1975.

HOCHBERG, Anette; HAFKE, Jan-Henrik; RAAB, Joachim. **Open | close**.Volume I, Scale. Alemanha: Birkhauser, 2009. Disponível em: https://birkhauser.com/en/book/9783764399610

KOOLHAAS, Rem: V.5. **DOOR in Elements of architecture 14: international architecture la biennale di Venezia**. Veneza, Marsilio, 2014. Disponível em: https://archive.org/details/elements0000kool/page/62/mode/2up

LABASSE, Alexandre (direção). **Conserver, Adapter, Transmettre. Editions du Pavillon de l'Arsenal**. Paris: Éditions du Pavillon de l' Arsenal, 2022.

LAPUERTA, Jose María de, ESPEGEL,Carmen, CÁNOVAS, André. **Housetag: Vivienda Colectiva en Europa 2000-2021**. General de Ediciones de Arquitectura, 2022.

MARCHIGIANI, Elena; NOVAK, Valentina. **Rental Affordability, Housing First And Beyond. A Focus On The City Of Trieste (Italy)**. ASESOP, 2024. Disponível em: https://arts.units.it/handle/11368/3098662

McCAMANT, Kathryn; DURRETT, Charles. **A Contemporary Approach to Housing Ourselves**. Berkeley, California: Habitat Press, 198. Disponível em: https://archive.org/details/cohousingcontemp00mcca/page/n211/mode/2up

MORRIS, Jan. **Trieste and the meaning of Nowhere**. Da Capo Press, 2002.

NEUFERT, Ernst. **Arte de projetar em arquitetura**. 18.ª ed. Trad. Benelisa Franco. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

PEREC, Georges. **Species of Spaces and Other Pieces**. London: Penguin Classics, 1997.

RAMBERT, Francis; COLOMBET, Martine, CARBONI, Christine et all. **Un bâtiment, combien de vies?: La transformation comme acte de création**. Silvana Editoriale, 2014.

REIS, Filipe Dias. **(Re)pensar o Bairro do Bom Sucesso: propostas de especulação pelo projeto**. Porto: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2023.

SABATER, Txatxo; GUASCH, Ricard. **Novos Descritores: Novos Operadores Projetuais**. Trad. Luís Soares Carneiro, André Santos, Marta Rocha, Maria José Casanova, Luís Viegas, Hélder Casal Ribeiro e Marco Ginoulhiac, Porto: FAUP (CEAU), 2018.

SANTOS, Rita Carvalho dos. **A Porta Dupla. Três distâncias entre portas adjacentes no desenho do interior doméstico**. Porto: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2024.

SILVA, Tiago Almeida Alves. **O conceito de Flexibildade na Arquitectura: Projecto de uma Célula Habitacional Flexível**. Covilhã: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Engenharia da Universiade de Beira Interior, 2011.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I: Burbujas. Microsferología**. Trad. Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2003.

SLOTERDIJK,Peter. **Esferas I: Bolhas**. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SPECHTENHAUSER, Klaus. **The Kitchen: Life World, Usage, Perspectives**. Basel: Birkhäuser Architecture, 2006.

Unconventional Affordable Housing (UAH!).**Ripensare UAH! Trieste**. Milano: Politecnico di Milano, 2025. Disponível em: https://www.uah.polimi.it/

TEIGE, Karel. **The Minimum Dwelling**. Massachussets: MIT Press, 2002.

VITORINO, Marta. **Cohousing: estratégias de desenho e escalas do habitar em comum**. Porto: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2017.

Outros

BRYSCH, Sara in Conferência no âmbito da UC Dissertação MIARQ e da participação da FAUP na Design studios network do UAH! (Unconventional Affordable Housing) no dia 23 de Abril de 2025.

PERIS, Marta (Peris Toral Arquitectes) in Conferência ‘Habitar y construir’ no âmbito do programa de Doutoramento em Arquitetura no dia 11 de Abril de 2025.

SABATER, Txatxo in Aula Aberta no âmbito do Programa de Doutoramento em Arquitetura da FAUP em 2021.

Referências das Imagens

Capítulo 0

[Fig.01] Elaboração da autora.

[Fig.02 e 03] https://www.uah.polimi.it/

[Fig.04-06] Fotografia da autora.

[Fig.07]Unconventional Affordable Housing (UAH!).**Ripensare UAH! Trieste**. Milano: Politecnico di Milano, 2025 Disponível em: https://www.uah.polimi.it/

[Fig.08-11] Fotografia da autora.

[Fig.12] https://www.eyrolles.com/BTP/Livre/ensemble-et-separement-9782804705817/

[Fig.13]https://www.eyrolles.com/BTP/Livre/penser-l-habite-9782870094587/

[Fig.14] https://www.amazon.fr/Conserver-adapter-transmettre-Alexandre-Labasse/dp/2354870701

[Fig.15] https://www.libroco.it/dl/Di-Biagi-Paola/Silvana-Editoriale/9788882155070/Trieste-900-Edilizia-pubblica-urbanistica-architettura-Un-secolo-dalla-fondazione-dell-Ater/cw17418125429315.html

[Fig.16] https://www.amaneceresdomesticos.es/

[Fig.17] TEIGE, Karel. **The Minimum Dwelling**. Massachussets: MIT Press, 2002.

Capítulo 1

[Edifício A Fig.01 -06] Fotografias da autora.

[Edifício A Fig.07] https://www.itis.it/it-it/home

[Edifício A Fig.08] Czischke, Darinka. K; Peute, Marije. H.;Dos Santos Vieira Brysch, Sara L. **Together: Towards Collaborative Living.** TU Delf, Publicação Aberta, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.59490/mg.80

[Edifício A Fig.09] https://cltb.be/projet/calico/

[Edifício A Fig.10 e 11] https://hiddenarchitecture.net/frankfurt-kitchen/

[Edifício A Fig.12] https://pt.wikipedia.org/wiki/Cozinha_de_Frankturt

[Edifício A Fig.13 e 14] SPECHTENHAUSER, Klaus. **The Kitchen: Life World, Usage, Perspectives**. Basel: Birkhäuser Architecture, 2006.

[Edifício A Fig.15 e 16] https://cltb.be/projet/calico/

[Edifício A Fig.17-20] SABATER, Txatxo in Aula Aberta no âmbito do Programa de Doutoramento em Arquitetura da FAUP em 2021.

Capítulo 2

[Edifício B Fig.01 -06] Fotografias da autora.

[Edifício B Fig.07] https://housingfirstroma.it/housingfirst-eng/

[Edifício B Fig.08] https://caritastrieste.it/en

[Edifício B Fig.09] ELEB, Monique; CHATELET, Anne-Marie; ELEB, MANDOUL**. Penser l'habité: Le logement en questionS: PAN 14**. Pierre Mardaga, 1990, p.113.

[Edifício B Fig.10] Fotografia da autora.

[Edifício B Fig.11] https://br.pinterest.com/pin/571886852673653112/

[Edifício B Fig.12] https://tecnne.com/arquitectura/los-atributos-de--la-tourette/

[Edifício B Fig.13] https://www.archiobjects.org/couvent-de-la-touret-te-le-corbusiers-masterpiece-or-something-else/

[Edifício B Fig.14] https://www.archiweb.cz/en/b/kilobyte-a-kance-larsky-objekt-schwitter

[Edifício B Fig.15 e 16] ELEB, Monique; CHATELET, Anne-Marie; ELEB, MANDOUL**. Penser l'habité: Le logement en questionS: PAN 14**. Pierre Mardaga, 1990, p.73

Capítulo 3

[Edifício C Fig.01 -06] Fotografias da autora

[Edifício C Fig.07] https://trieste.aterfvg.it/

[Edifício C Fig.08] KOOLHAAS, Rem: V.5. **DOOR in Elements of architecture 14: international architecture la biennale di Venezia**. Veneza, Marsilio, 2014, p.63. Disponível em: https://archive.org/details/elements0000kool/page/62/mode/2up

[Edifício C Fig.09] https://www.archdaily.com.br/br/772245/naman-retreat-the-babylon-vo-trong-nghia-architects

[Edifício C Fig.10 e 11] https://www.hotellisbatalha.pt/quartos/quarto-comunicante/

Capítulo 4

[Edifício D Fig.01 e 02] Fotografias da autora.

[Edifício D Fig.03] https://cacciaburlo.it/

[Edifício D Fig.04] ELEB, Monique; CHATELET, Anne-Marie; ELEB, MANDOUL**. Penser l'habité: Le logement en questionS: PAN 14**. Pierre Mardaga, 1990, p.68.

[Edifício D Fig.05] https://es.m.wikipedia.org/wiki/Archivo:Da_Vinci_Studies_of_Embryos_Luc_Viatour.jpg

[Edifício D Fig.06] SLOTERDIJK,Peter. **Esferas I: Bolhas**. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

[Edifício D Fig.07] TEIGE, Karel. **The Minimum Dwelling**. Massachussets: MIT Press, 2002, p.17.

[Edifício D Fig.08] https://meinfrankreich.com/hotel-dieu-das-top-ziel-von-beaune-in-burgund/

[Edifício D Fig.09] https://www.discover-interesting-places.com/Hotel-de-Dieu-Hospices-de-Beaune.html

[Edifício D Fig.10] ELEB, Monique; CHATELET, Anne-Marie; ELEB, MANDOUL**. Penser l'habité: Le logement en questionS: PAN 14**. Pierre Mardaga, 1990, p.49.

[Edifício D Fig.11] SABATER, Txatxo; GUASCH, Ricard. **Novos Descritores: Novos Operadores Projetuais**. Trad. Luís Soares Carneiro, André Santos, Marta Rocha, Maria José Casanova, Luís Viegas, Hélder Casal Ribeiro e Marco Ginoulhiac, Porto: FAUP (CEAU), 2018, p.9.

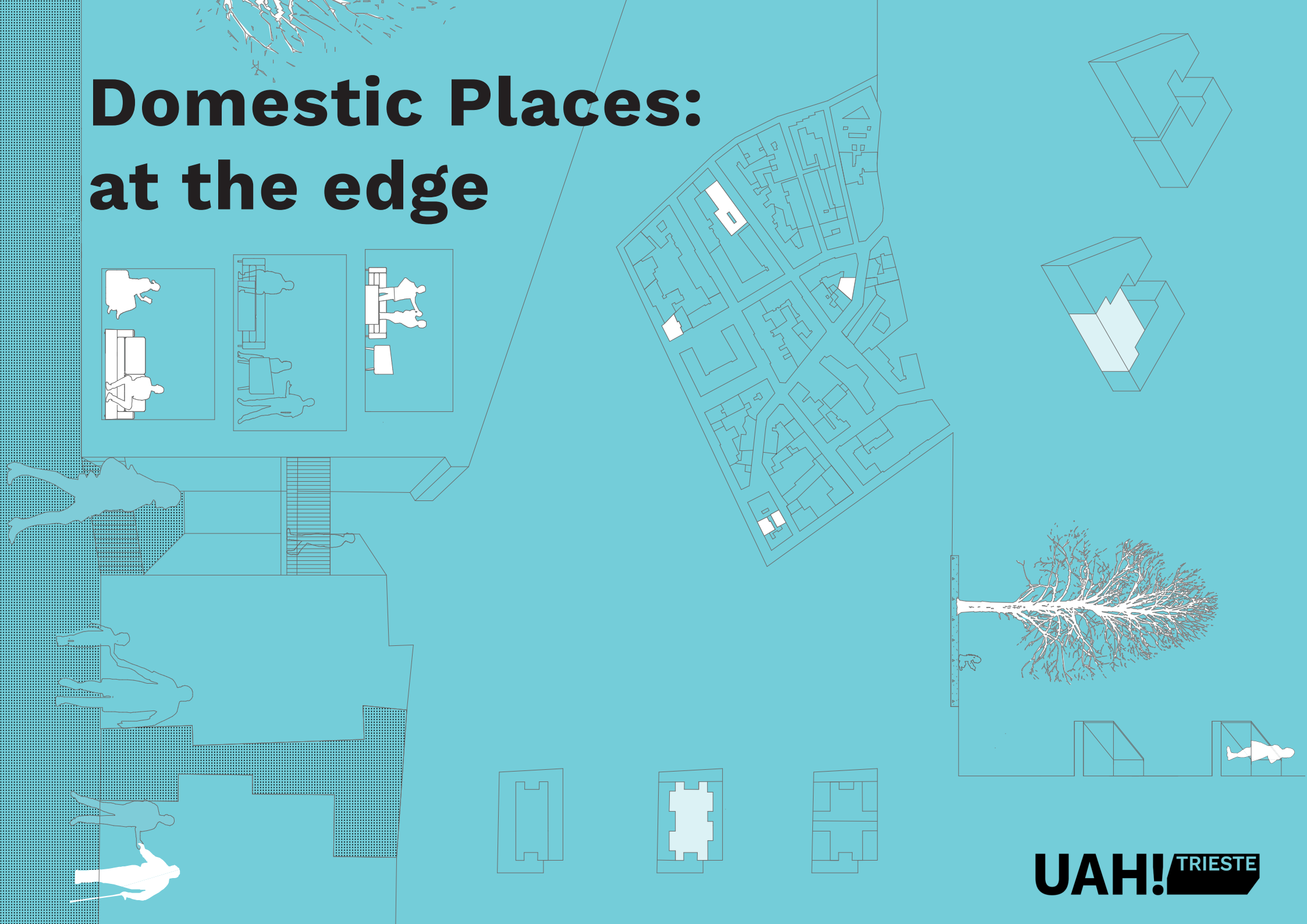
Capítulo 5

[Fig.18] Elaboração da autora.

Apêndice

Booklet desenvolvido em Maio de 2025 no âmbito do programa UAH e apresentado na bienal de veneza em Setembro de 2025.

Domestic Places: at the edge



UAH! TRIESTE

UAH! Unconventional Affordable Housing!

UAH - Design Studio Network

Fakultät für Architektur - Universität Innsbruck, Austria
FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Portugal
Instituto Superior Técnico - Universidade de Lisboa, Portugal
Northumbria University - Newcastle, United Kingdom
Politecnico di Milano – Polo Territoriale di Piacenza, Italy
Politecnico di Milano – Scuola Auic, Italy
TU Delft, The Netherlands
Universidade de Coimbra, Portugal
Universidade Lusófona Porto, Portugal
University of Nicosia, Cyprus

a project developed by
Shanice Lemos

Universidade do Porto
Faculdade de Arquitetura
Master's Degree in Architecture
2024-2025
Master Thesis
Marta Rocha (supervisor FAUP) and António Carvalho (co-supervisor)

Learning from practices: UAH! goes Biennale

in collaboration with
AGENCY FOR BETTER LIVING
AUSTRIAN PAVILLION
BIENNALE ARCHITETTURA 2025
VENICE
12-13 September 2025

Finanziato dall'Unione europea NextGenerationEU
MUR
Italiadomani PIANO NAZIONALE DI RIPRESA E RESILIENZA
POLITECNICO MILANO 1863 DIPARTIMENTO DI ARCHITETTURA E STUDI URBANI
UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI TRIESTE
UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI BARI ALDO MORO DIPARTIMENTO DI SCIENZE POLITICHE
Politecnico di Bari

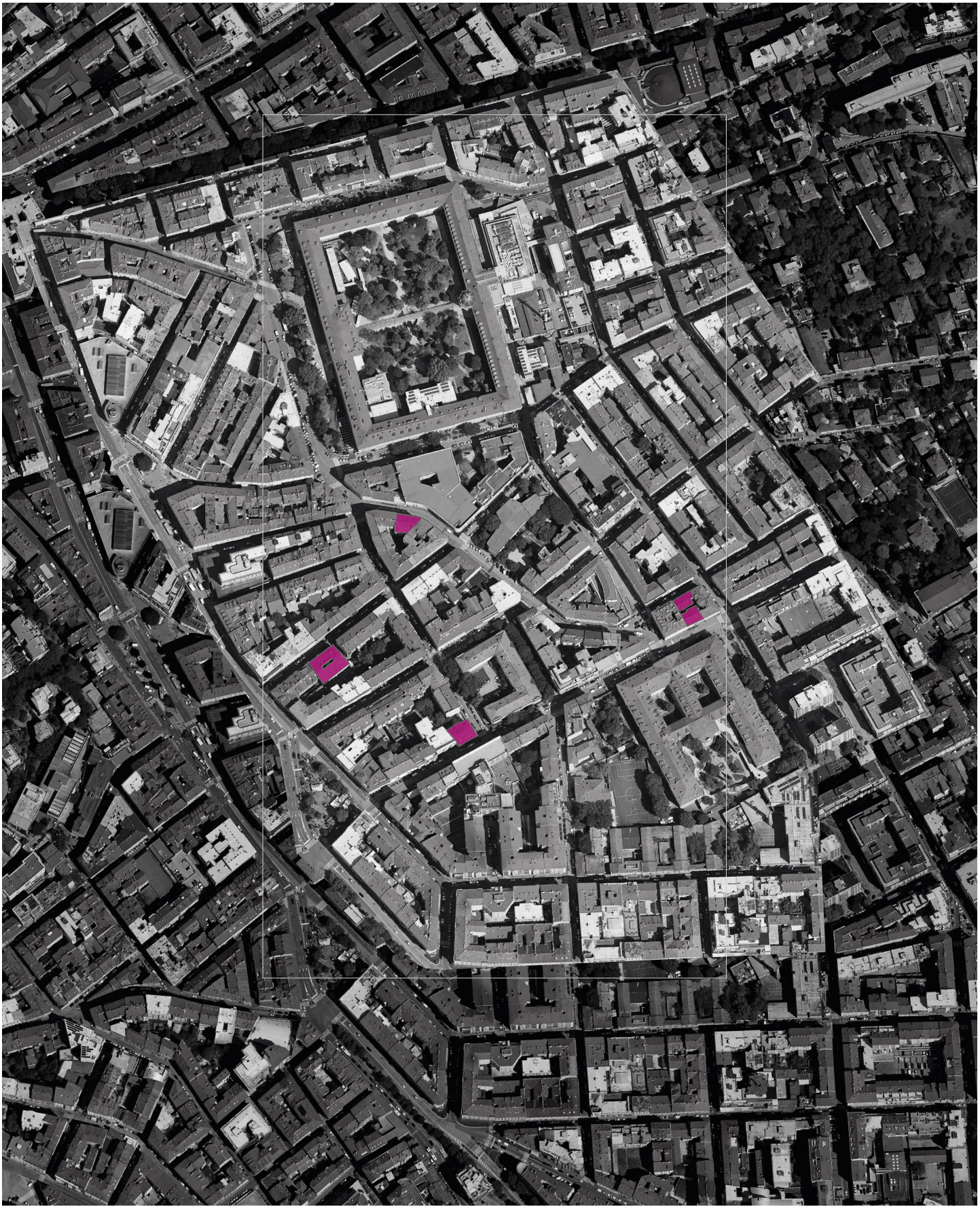
Domestic Places: at the edge

Table of contents

1.Living in Trieste
The proposal
Data. People and Spaces
Unconventionality / Affordability

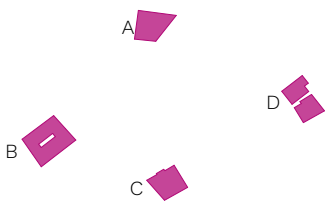
2.Unpacking
Systems of Relationship
Levels of Privacy

TRIESTE

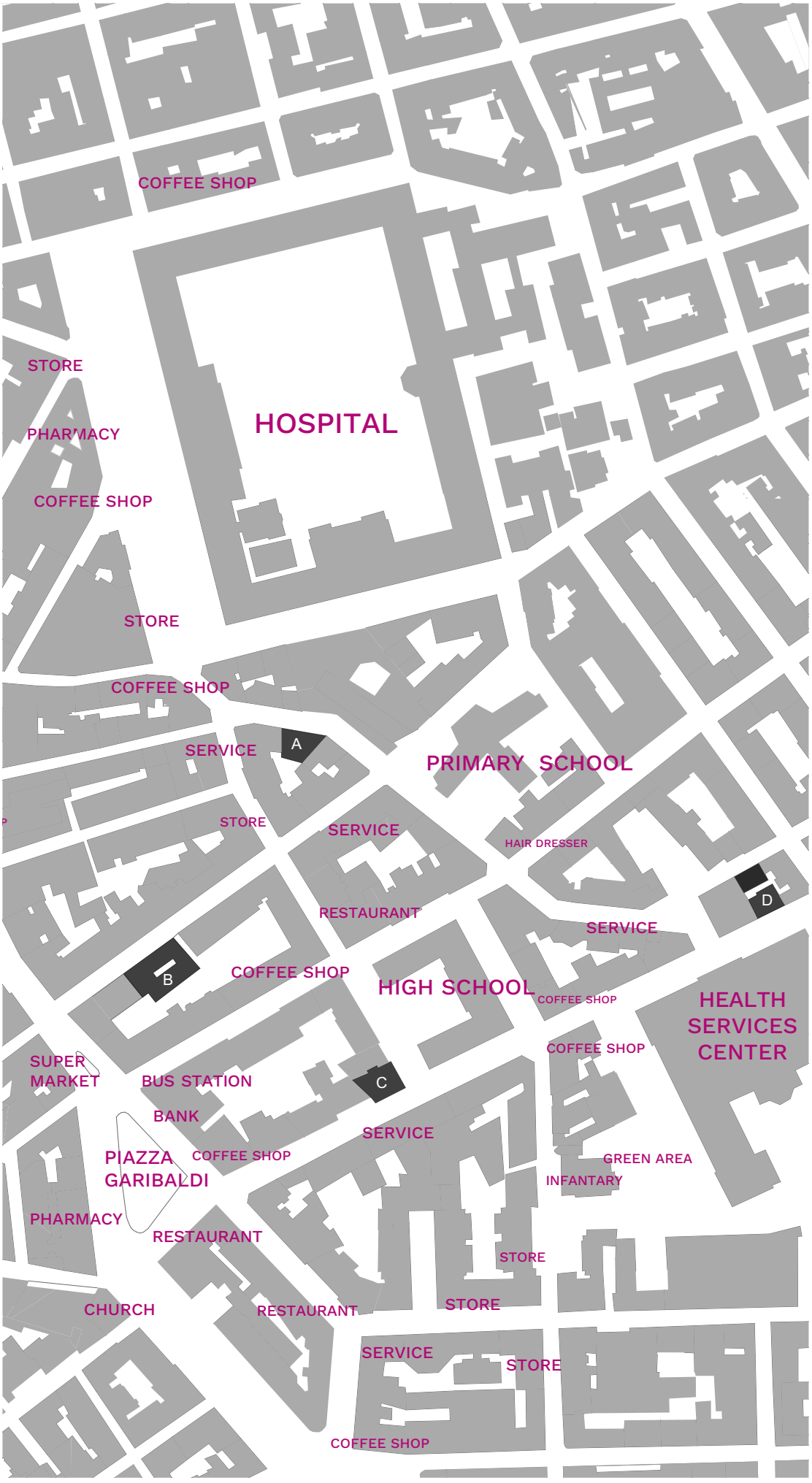


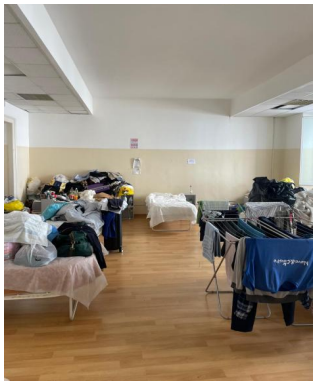
01 & 02
Barriera Vecchia, Trieste, Italia

Building A: Istituto Triestino per Interventi Sociali (ITIS)
Building B: Caritas Diocesana Trieste
Building C: Azienda Territoriale per L' Edilizia Residenziale di Trieste
Building D: Fondazione Caccia Burlo

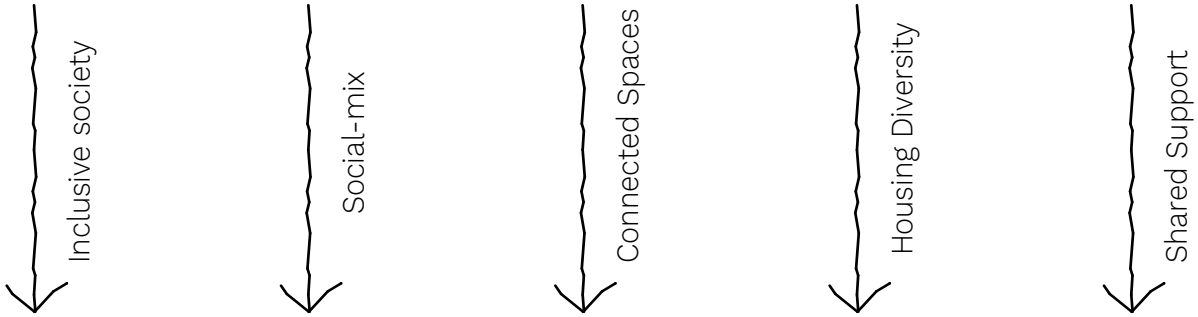


1.Living in Trieste

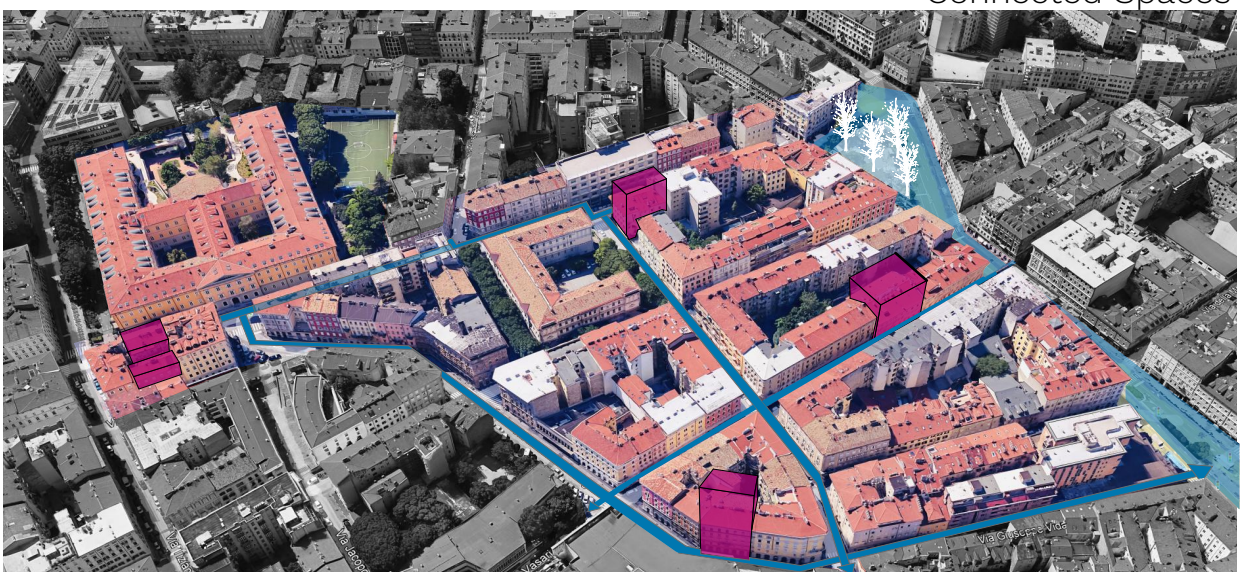




Housing crisis in Trieste



Connected Spaces



Coliving and Coworking Spaces

03

The transformation of buildings in poor conditions into coliving and community spaces plays a crucial role in promoting social integration. By providing open areas accessible to the community within the four buildings, these spaces facilitate continuous and meaningful connections between the building itself, its residents, and the surrounding neighborhood.This approach not only fosters increased community participation and enhanced interaction, but also combats social isolation, creating a more inclusive, engaged neighborhood environment.

The proposal

This proposal consists of a rehabilitation project for four residential buildings located in the city of Trieste, Italy. With a focus on the reuse and enhancement of the existing structures, the project aims to redesign the living spaces to better serve the most vulnerable populations of Trieste, making them more flexible and accessible.

The four buildings are strategically located in the Barriera Vecchia neighborhood, an area well connected to the city through public transport and equipped with essential services such as hospitals, primary and secondary schools, as well as commercial facilities. Given their proximity, the proposal includes the creation of a community network model in which the buildings work together and support each other. This approach seeks to combat social exclusion and encourage interaction among different cultural and social groups.

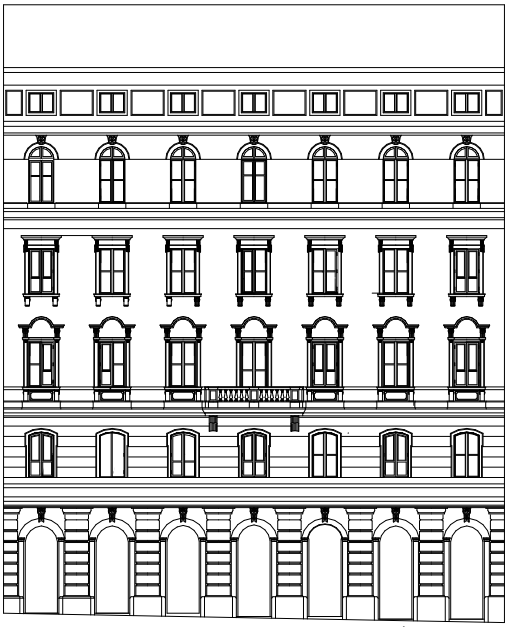
Therefore, the ground floors of all buildings are dedicated to public and community-oriented programs, highlighting their role as active spaces within the neighborhood.

In their relationship with the city, the buildings retain their historical façades, characterized by elements of Austrian architecture, in order to preserve the memory and identity of Trieste.

Regarding the spatial and functional distribution, each building adopts a specific intervention strategy, developed according to the social institution it is linked to: dual-unit_ITIS(building A), modular units_CARITAS(building B), 8-6-2 configuration_ATER(building C), flexible space and compact units_FONDAZIONE CARLA BURLO(building D). These institutions play a key role in defining the profile of the future residents, as well as in shaping the programs to be implemented, ensuring that the architectural response aligns with the specific social context of each case.

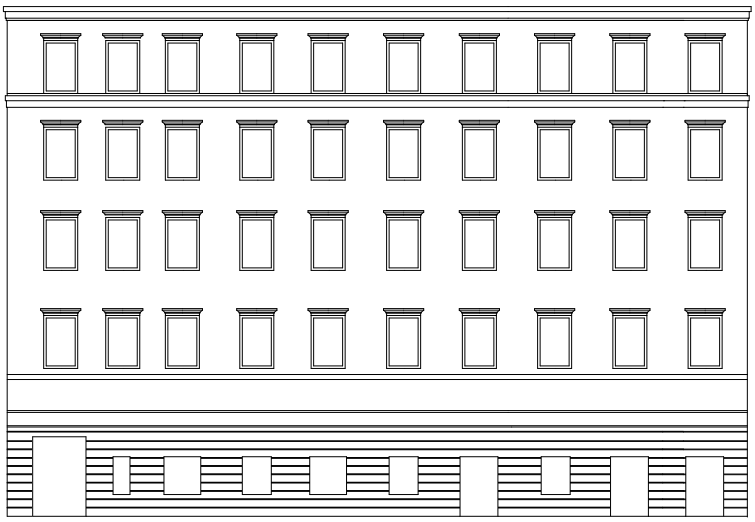
Façades | Existing plans

Building A
Via D´Azeglio, 5
ITIS

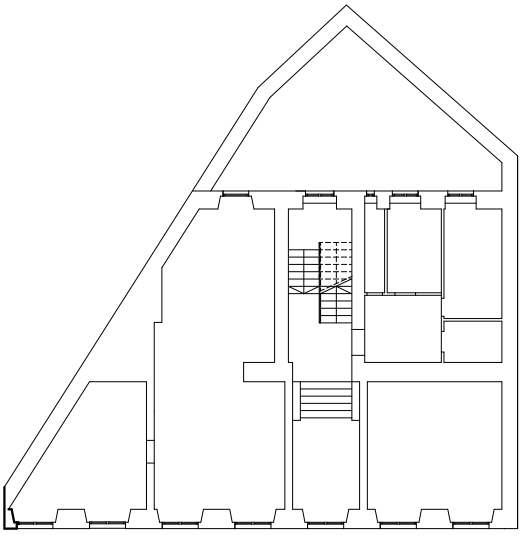


Front elevation A

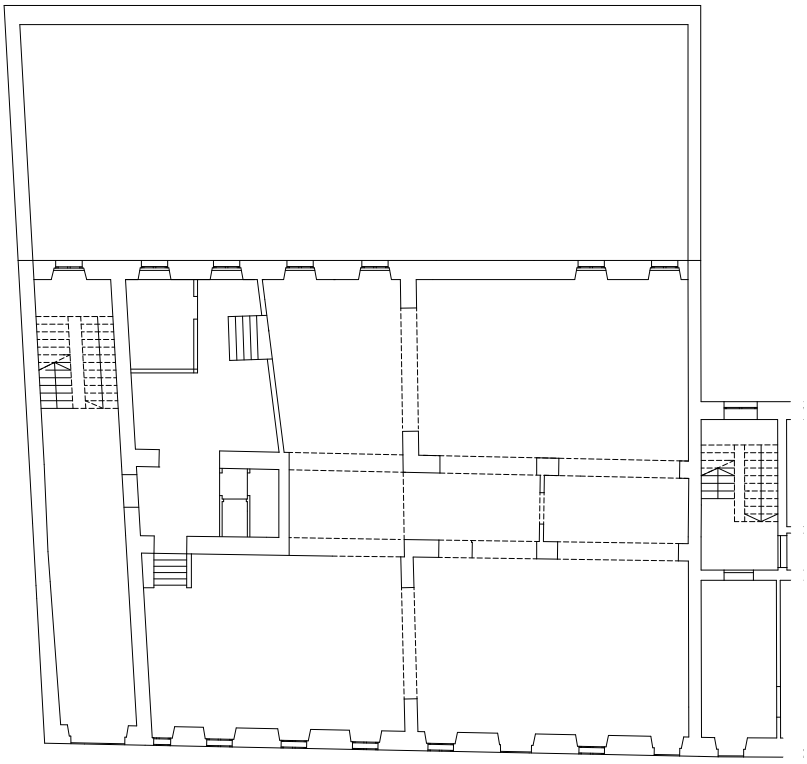
Building B
Via Vasori, 5-7
CARITAS



Front elevation B



Ground floor plan A

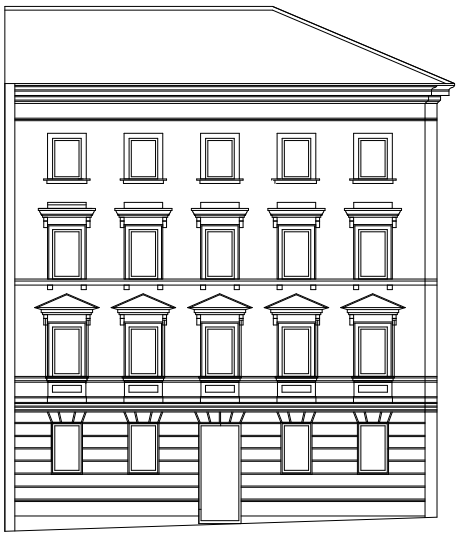


Ground floor plan B

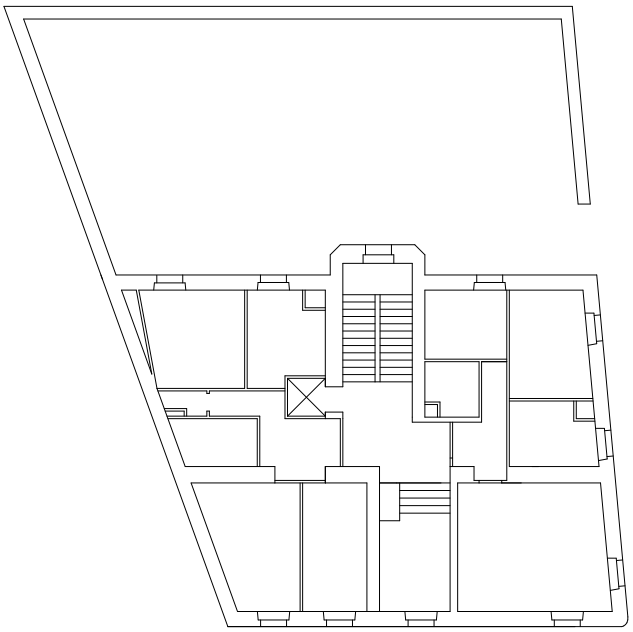
ITIS (Istituto Triestino per Interventi Sociali) has as its main, though not exclusive, objective the care of elderly individuals, through personalized plans developed with full respect for the dignity and personality of each beneficiary.

Caritas Diocesana Trieste promotes actions of solidarity, hospitality, and social assistance for people in vulnerable situations.In this specific case, it is associated with the Housing First project.

Building C
Via Pascoli, 12
ATER



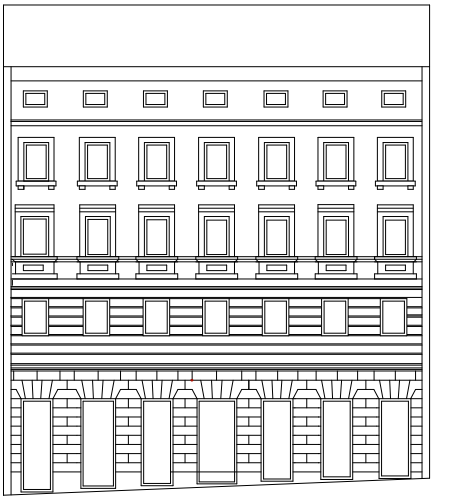
Front elevation C



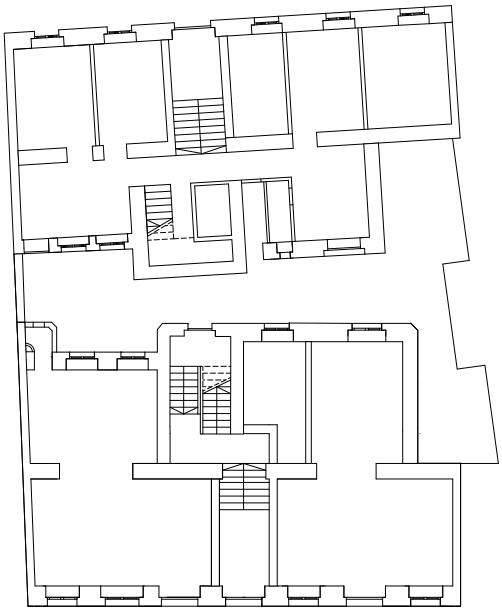
Ground floor plan C

ATER (Azienda Territoriale per l'Edilizia Residenziale di Trieste) is a public economic body that operates in the public housing sector, addressing housing needs by providing social rent housing for low-income families

Building D
Via Pascoli, 28
Fondazione Caccia Burlo



Front elevation D



Ground floor plan D

Fondazione Caccia Burlo operates in the field of housing welfare, facilitating access to housing for individuals facing economic and social hardship, who have been residents of the province of Trieste for at least five years.

Photographic memory

Building A

Via D´Azeglio, 5

ITIS

Street Façade

Interior View

Building B

Via Vasori, 5-7

CARITAS

Street Façade

Interior View

Building C
Via Pascoli, 12
ATER

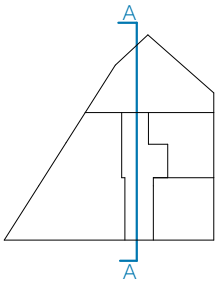
Street Façade

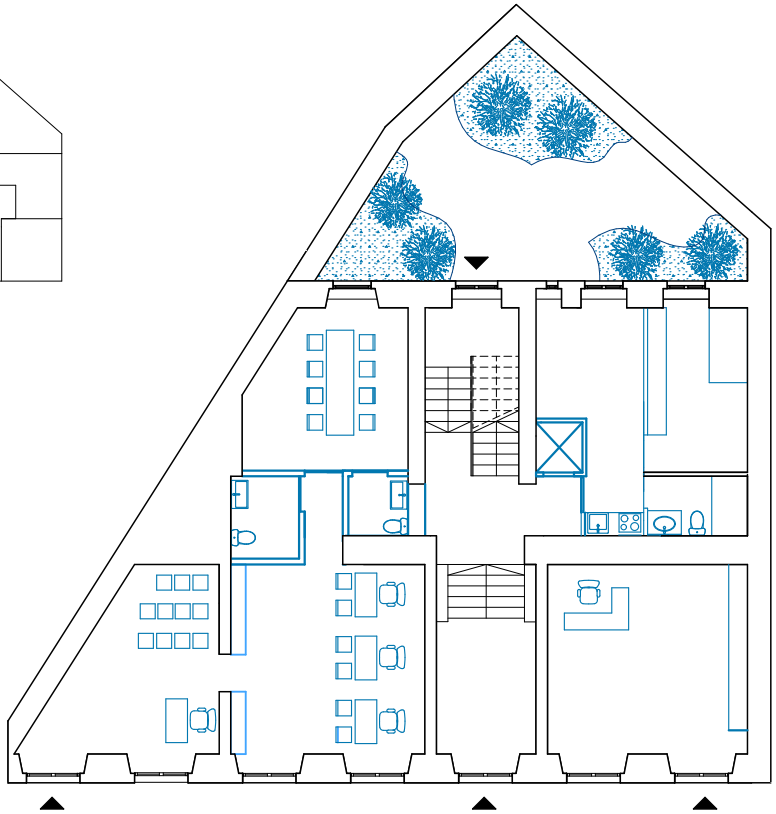
Interior View

Building D
Via Pascoli, 28
Fondazione Caccia Burlo

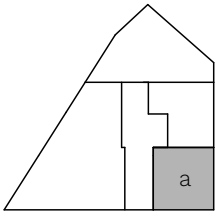
Street Façade

Rear Façade

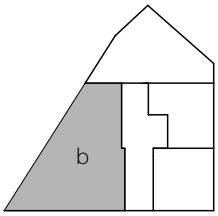




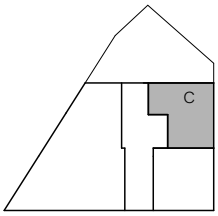
Ground Floor
1:200



a - Retail space

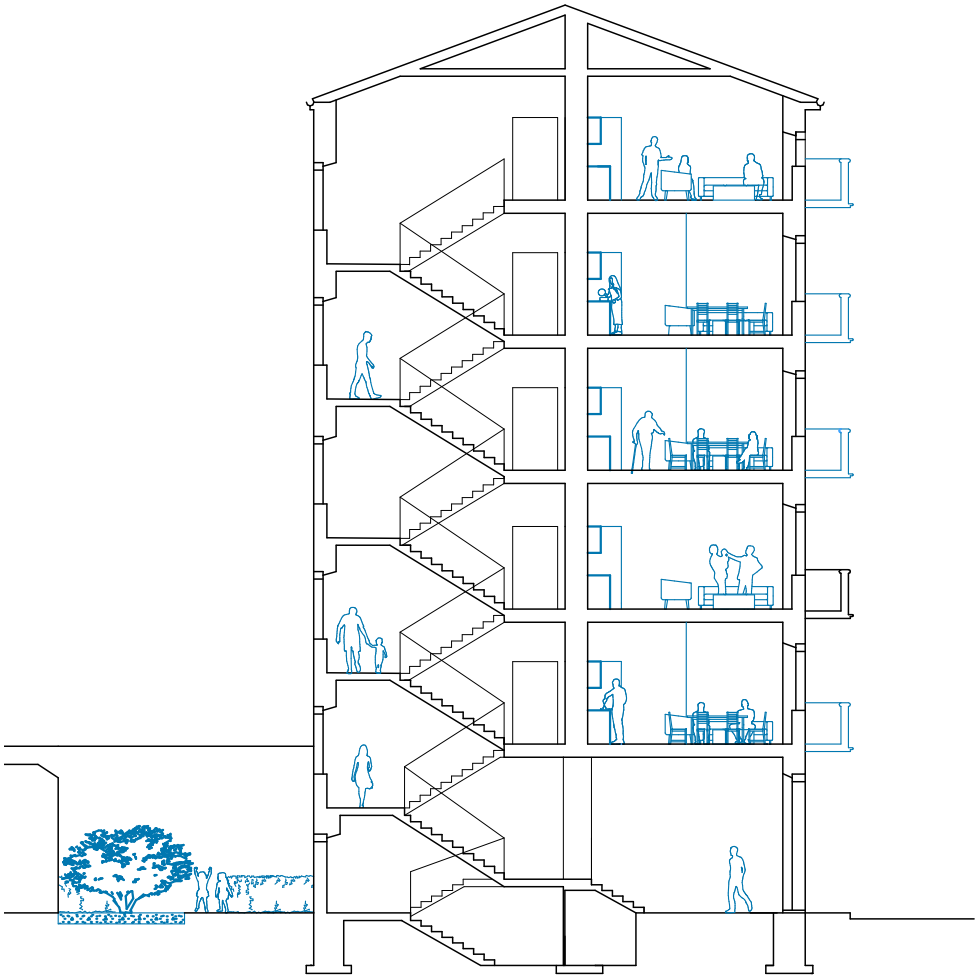


b - Social service

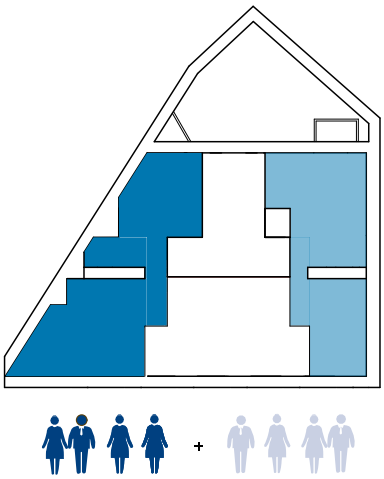


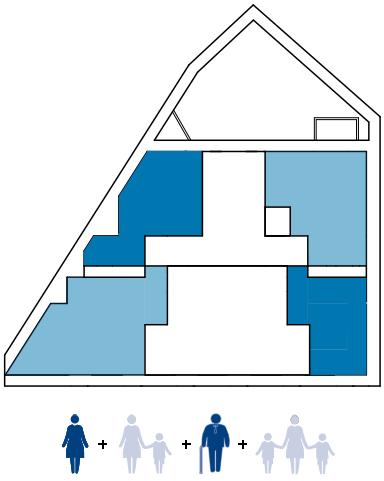
c - Temporary apartment

Ground Floor Layout



Section A

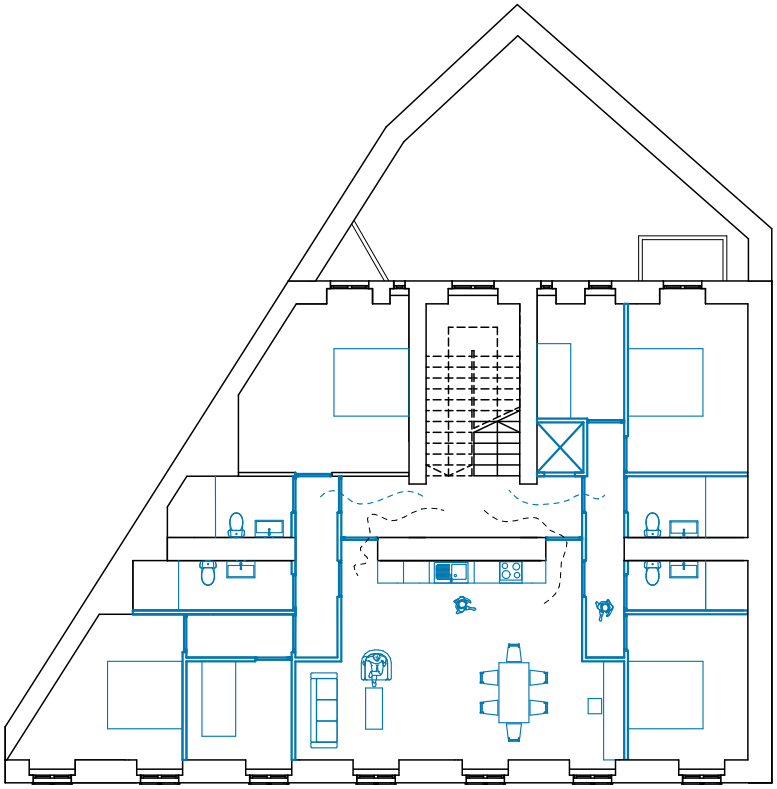




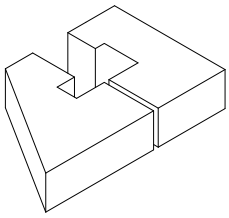
Typical Floor Layouts

Building A

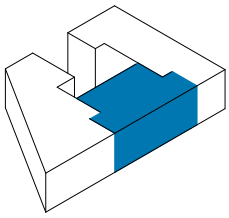
Via D'Azeglio,5
ITIS



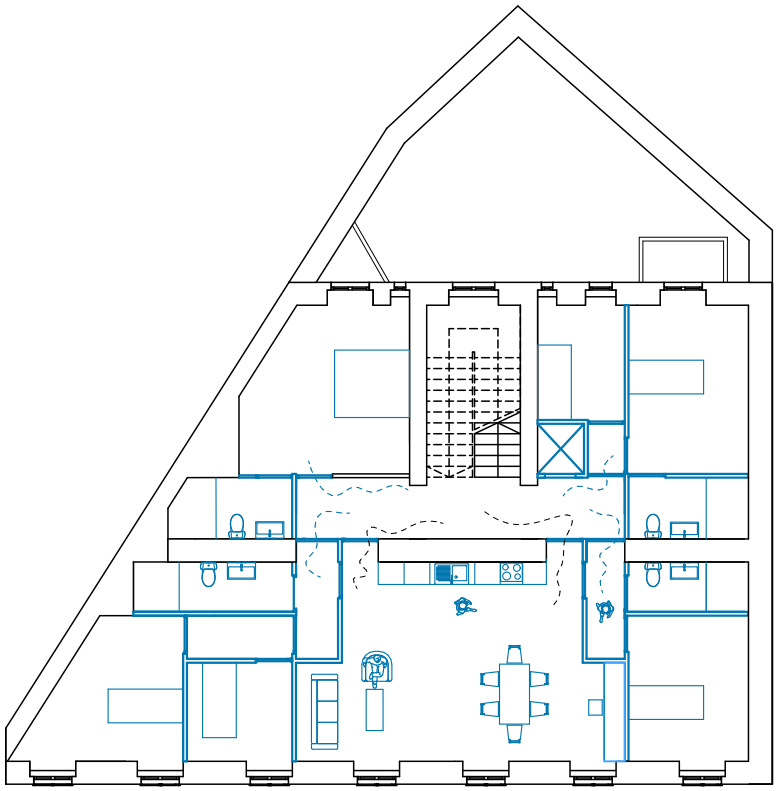
2nd and 4th Floor
1:200



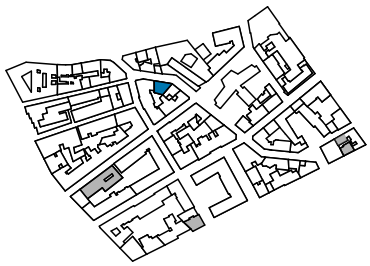
2 separated units



Merged units

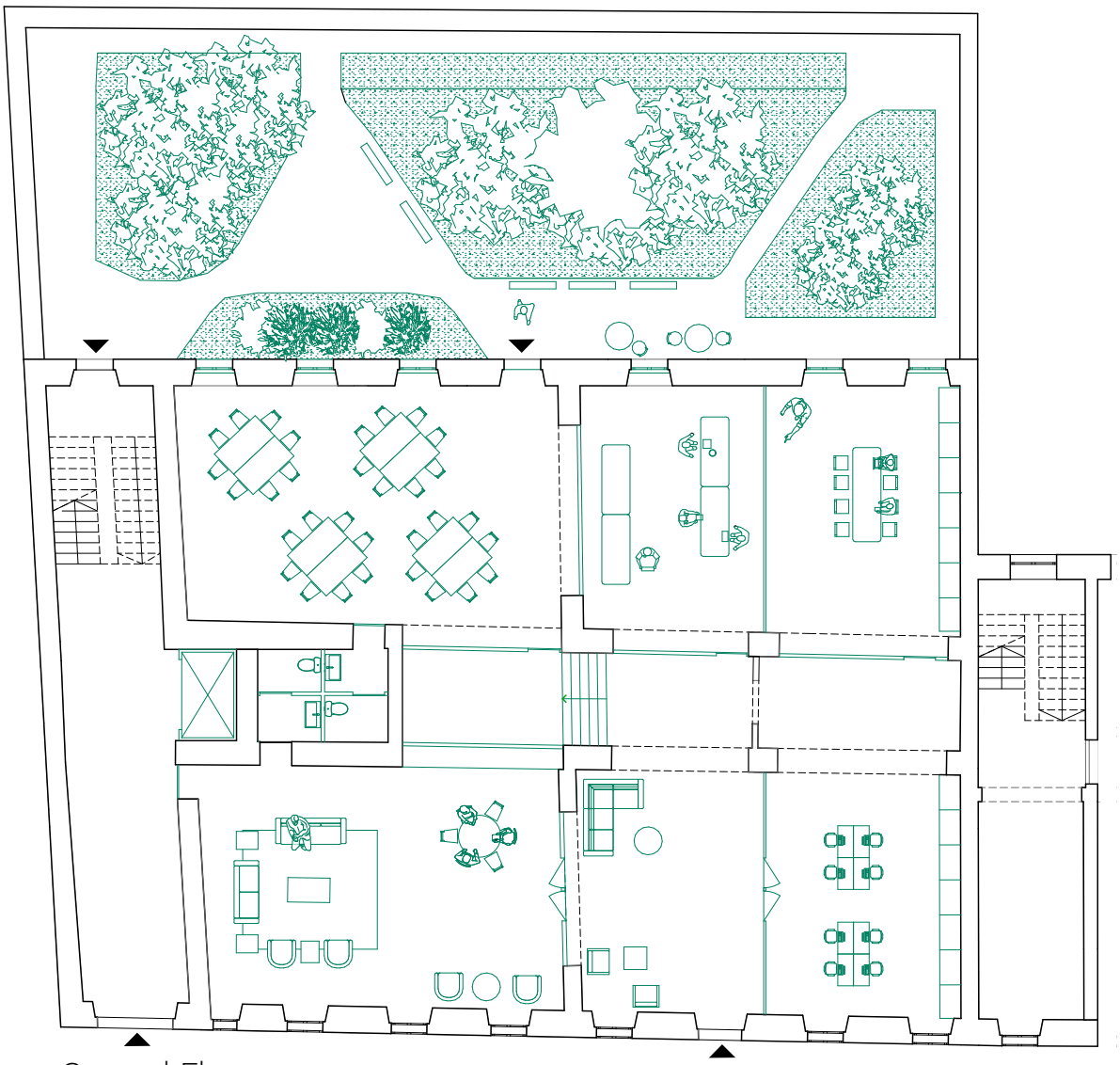


1st and 3rd Floor
1:200

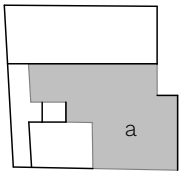


Dual-unit

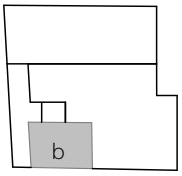
The adopted strategy involves merging two apartments - originally intended for different families, groups of people, single individuals, or elderly residents - in order to optimize space and transform the living room and kitchen into a shared, integrated area for communal living and interaction.



Ground Floor
1:200



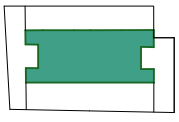
a - workshops



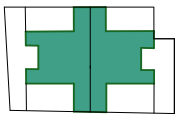
b - communal area

Ground Floor
layout

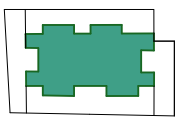
Section B



1st Floor



2nd Floor



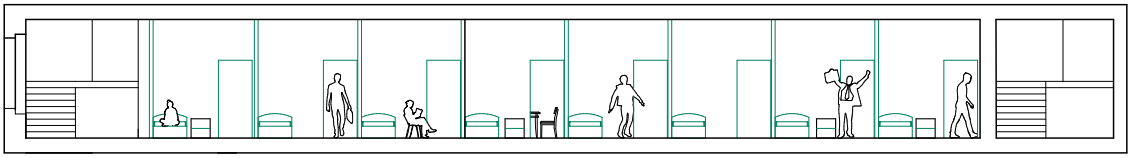
3rd Floor

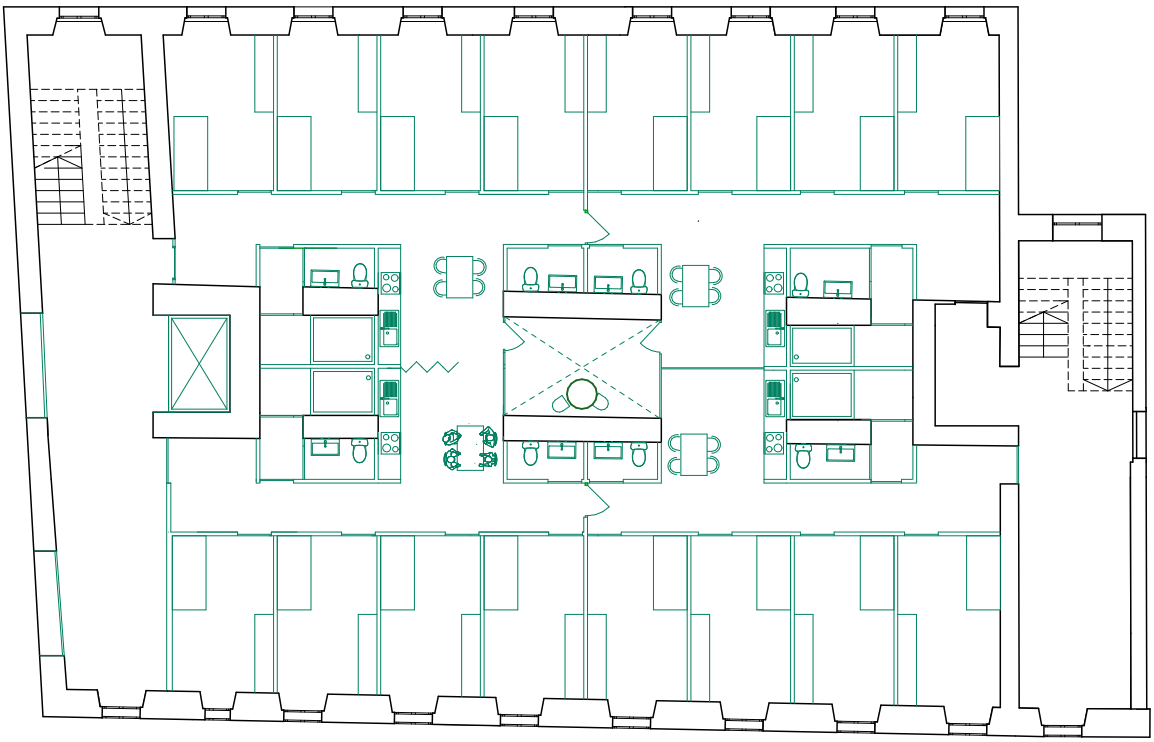
Shared space
layout

Building B

Via Vasori,5-7

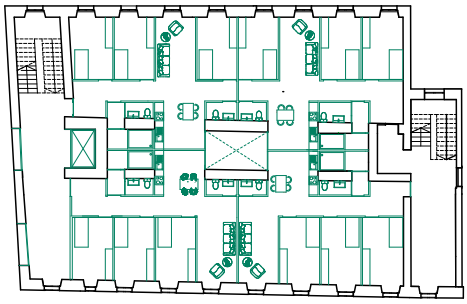
CARITAS





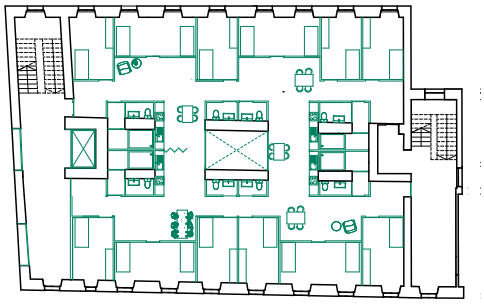
1st Floor

1:200



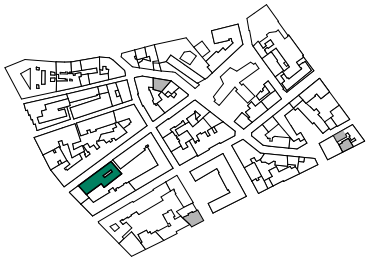
2nd Floor

1:500



3rd Floor

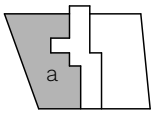
1:500



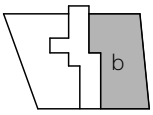
Modular Units

The use of a modular unit combined with a central circulation space, which functions as a common living area preserving the collective character of cohabitation, along with prefabricated and demountable structures for bathrooms and kitchens, ensures the transformation and adaptability of spaces.

Ground Floor Layout

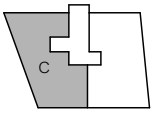


a - Coffeshop

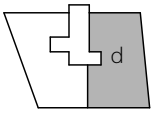


b - Day Center(Eldery)

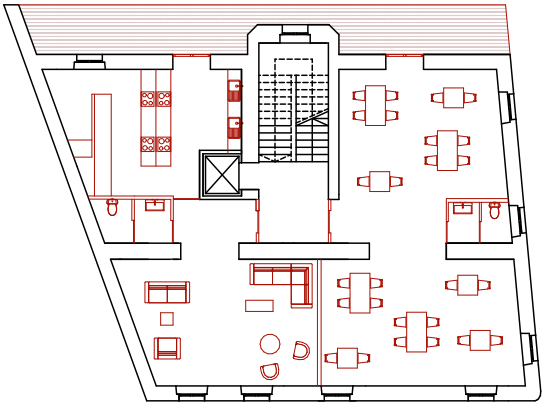
1st Floor Layout



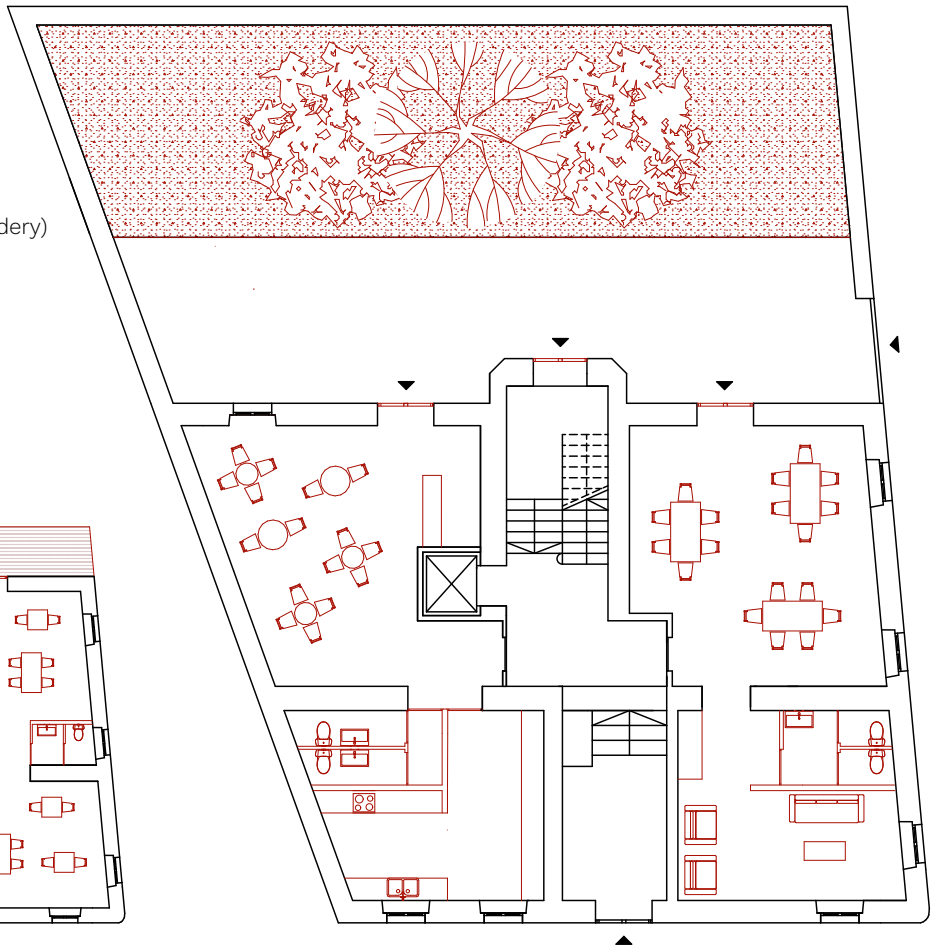
c - Communal area



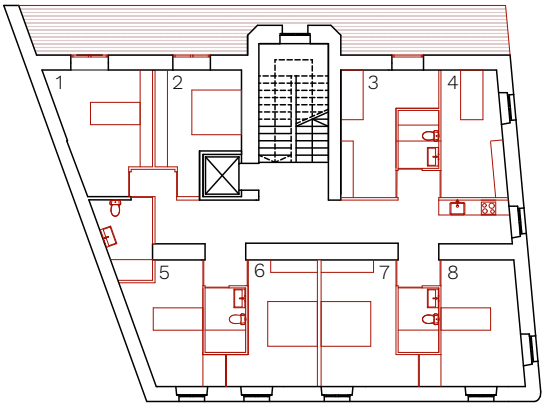
d - Dining Hall



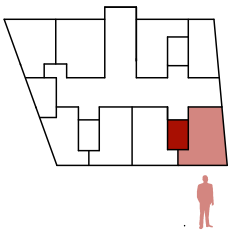
1st Floor
1:300

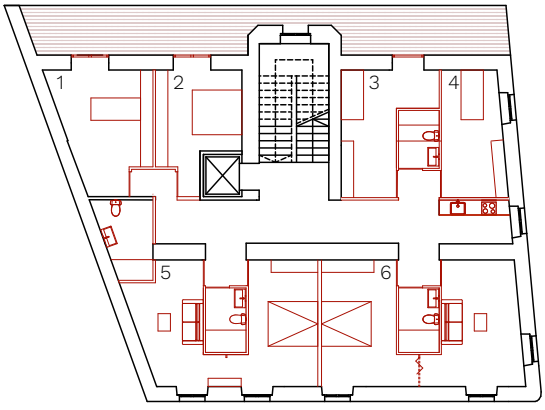


Ground Floor
1:200

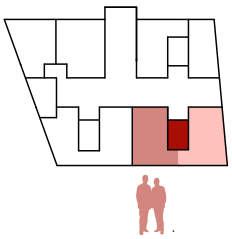


2nd Floor
1:300



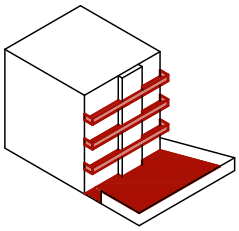


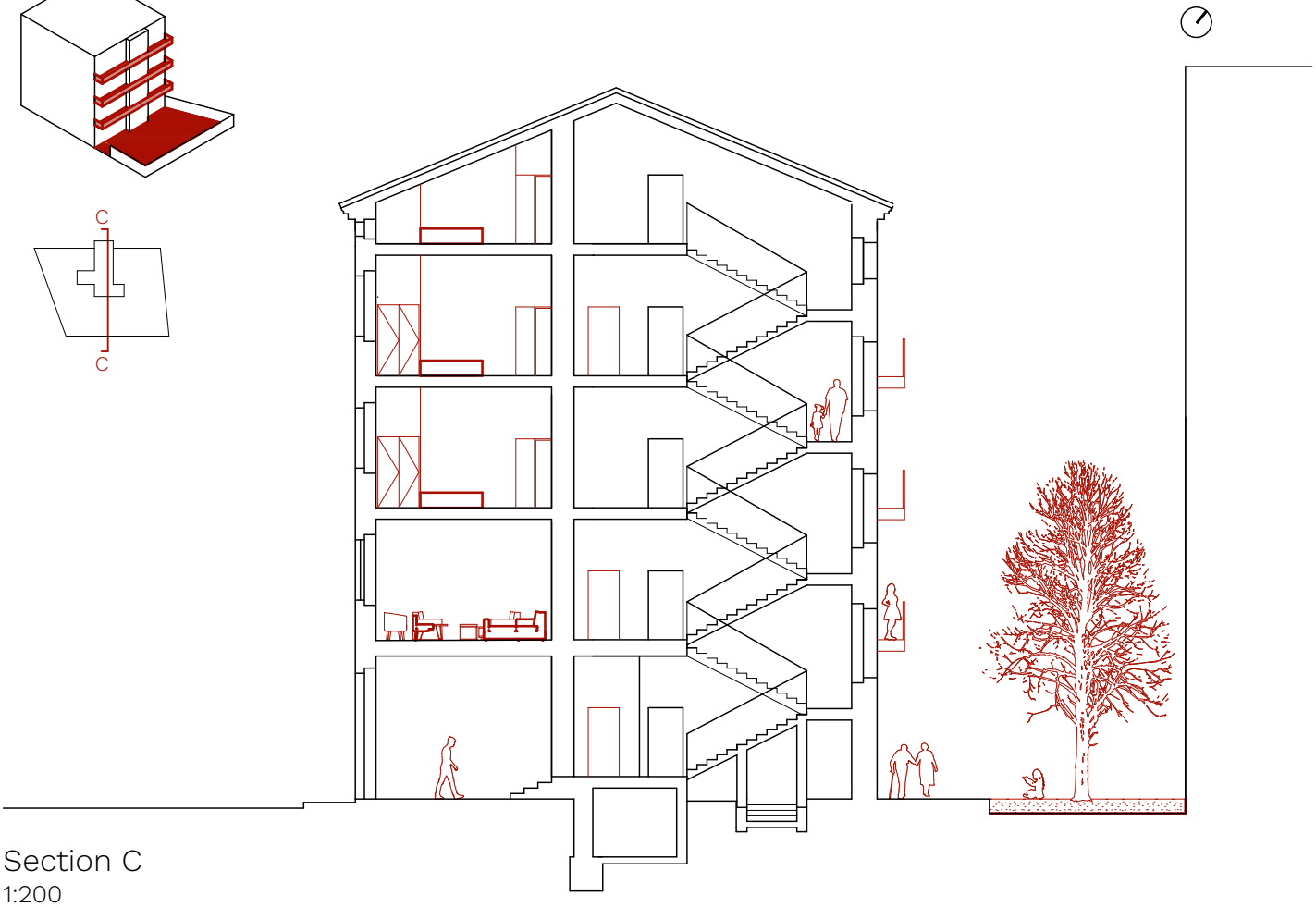
3rd Floor
1:300



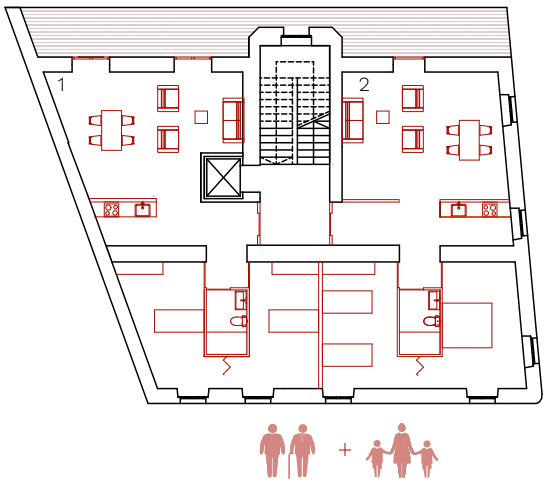
Building C

Via Pascoli,12
ATER

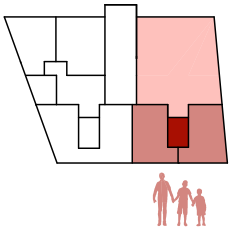


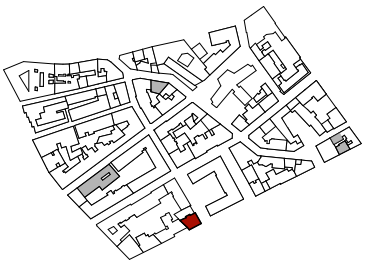


Section C
1:200



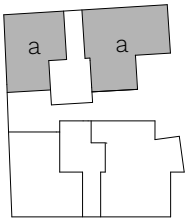
4th Floor
1:300



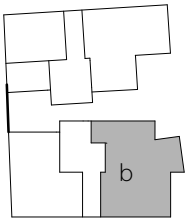


8-6-2 Configuration

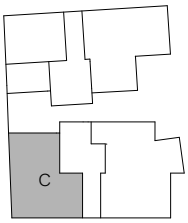
Although the spatial organization remains consistent across residential floors, typological variations introduce flexibility, enabling diverse resident uses. The inclusion of a community dining hall serving the neighborhood reinforces the building's role as a social and supportive space.



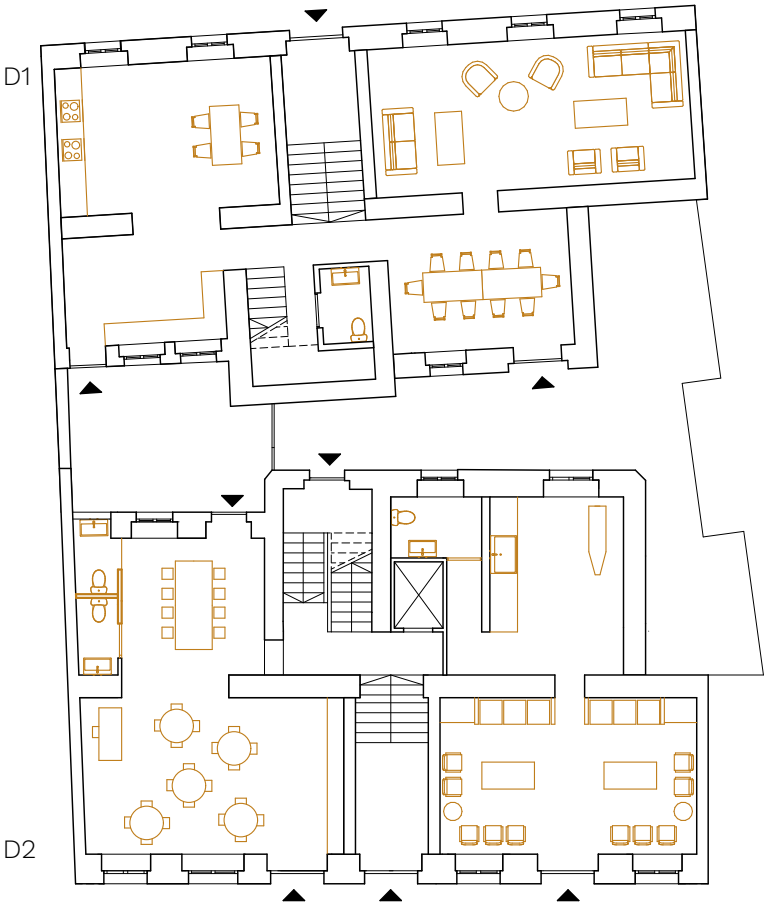
a - Communal area



b - Laundry

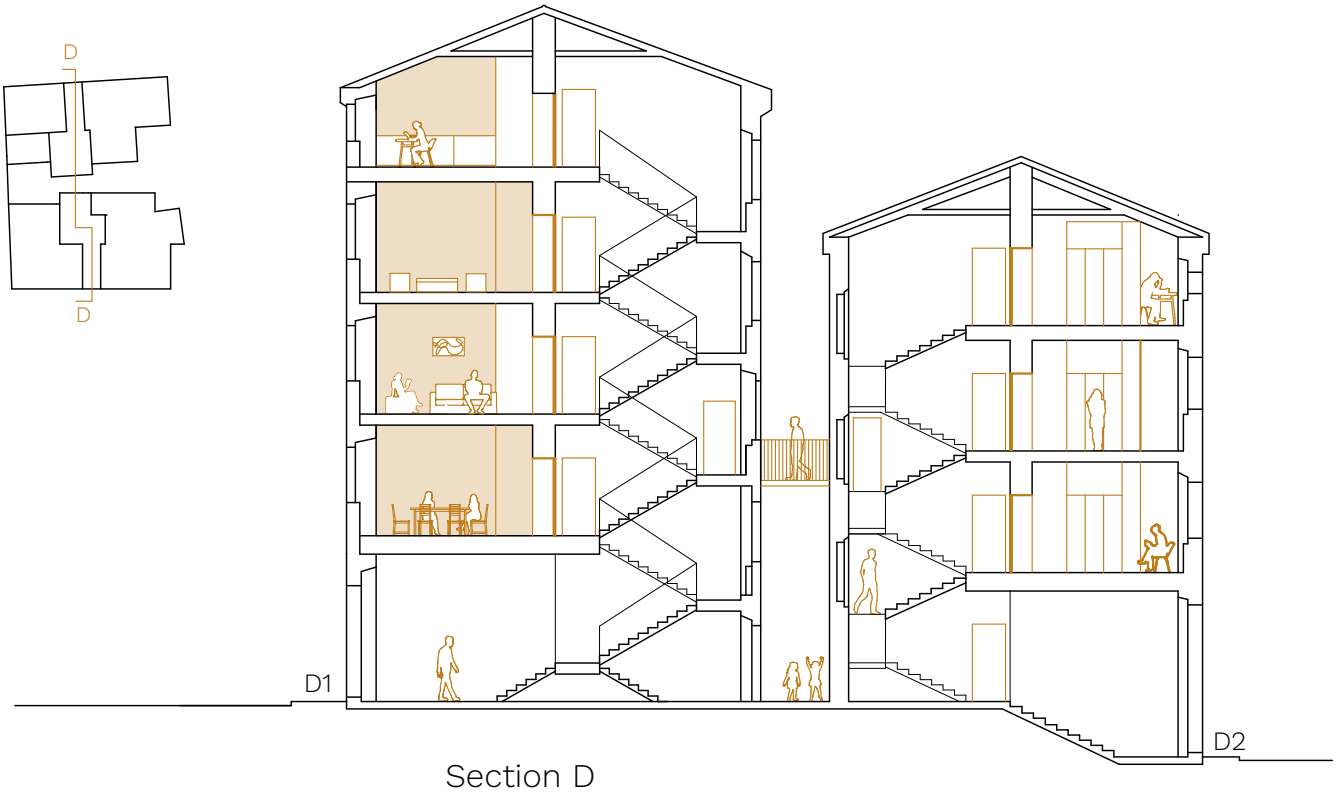


c - Day Center (Children)



Ground Floor Layout

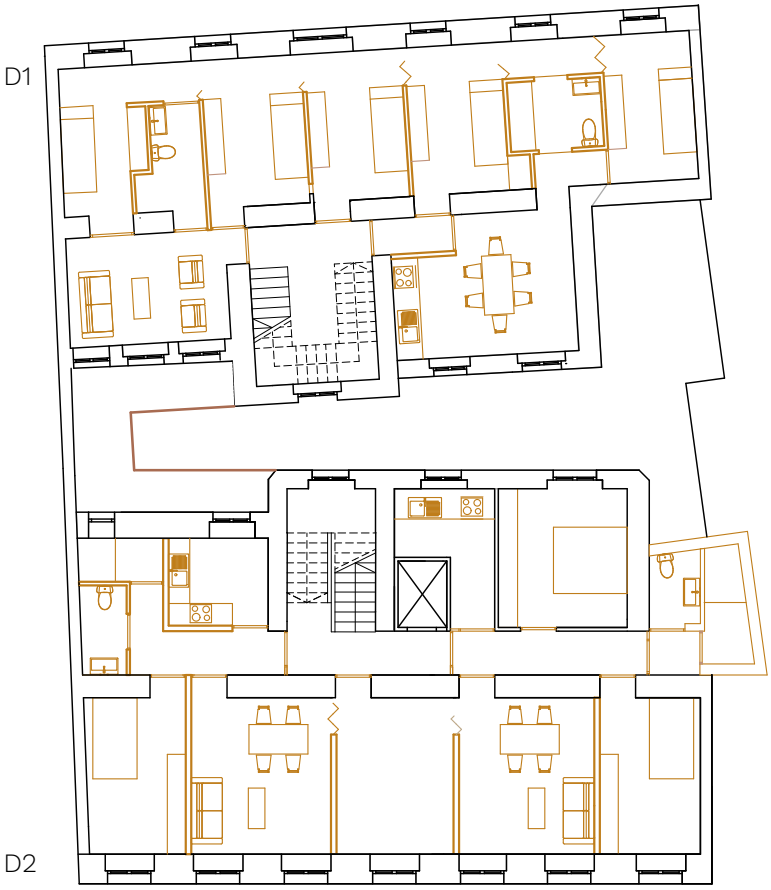
Ground Floor
1:200



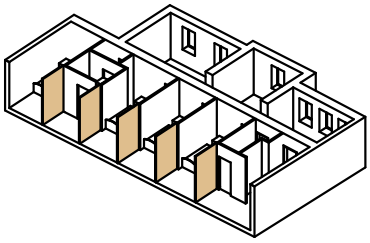
Section D

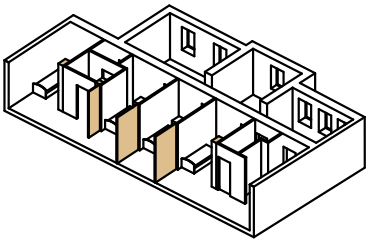
Building D

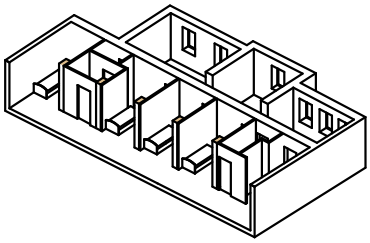
Via Pascoli,28
FONDAZIONE
CACCIA BURLO



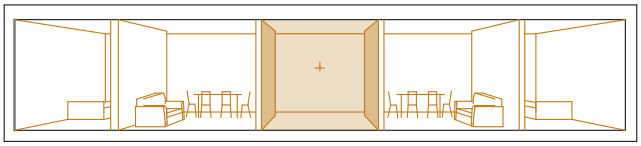
Typical Floor
1:200



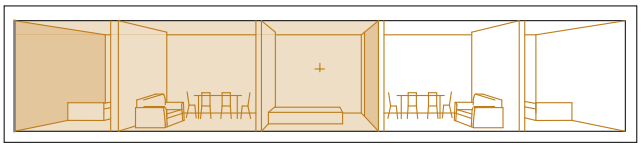




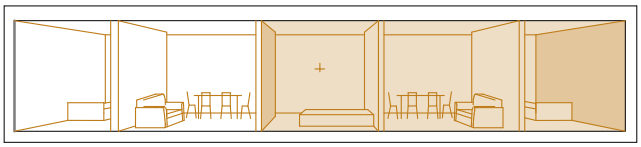
D1 Layout Scenarios



Extra room

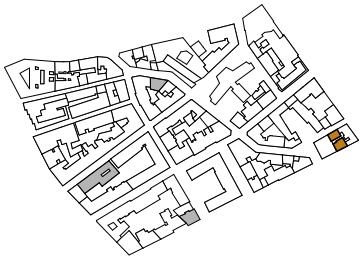


T1->T2



T2->T3

D2 Layout Scenarios



Flexible spaces and compact units

In the D2 building, a flexible compartment with movable partitions allows residents to adapt the space over time to accommodate needs or preferences. Conversely, Building D1 features “enclaves”—minimal sleeping units combined with shared common areas, encouraging a collective way of inhabiting.

building typology
Infill block building

number of buildings
04

total floor area
building A: 1320 m² building B: 3265 m²
building C: 2400 m² building D: 1491 m²

number of floors
building A: 6 building B: 5
building C: 5 building D: 4 and 5

number of dwellings
building A: 14 building B: 48
building C: 30 building D: 35

floor height
heignts ranges frrom 3.00-3.50 metters across the different buildings

---

private spaces
building A: 368.6 m² building B: 661 m²
building C: 574.6 m² building D: 442 m²

shared spaces
building A: 361 m² building B: 801.7 m²
building C: 112.7 m² building D: 408 m²

collective spaces
building A: 205.5 m² building B: 309 m²
building C: 169 m² building D: 243 m²

public spaces
building :95.3 m² building B: 281 m²
building : 347 m² building D: 115 m²

access to the building
access is provided directly from the street

building layout
circulation within the building is arranged both vertically — through stairs and elevator — and horizontally, via corridors

spatial solutions of the building
different dimensions of private spaces designed to accommodate various groups of people alongside various shared common areas that interact with the dwellings in distinct ways

---

dwellings typologies
three to sixteen bedroom clusters + one, two or three bedroom apartments

dwellings area
variations ranging from 10.5 to 43 m²

dwellings layout
the distribution is organized through common spaces of varying dimensions, each with different functions and forms of appropriation

night / private zone
optimization of circulation areas to ensure the autonomy of individual spaces

day / shared zone
strategically positioned, they are easily accessible from all private rooms, promoting community life while preserving residents' privacy

spatial solutions of dwellings
small variations in internal circulation, through the repositioning of doors, result in different configurations of the same layout across the various floors

Data: people and spaces

housing solutions
- Integration with non-residential spaces
- Shared services
- Permanent and temporary units
- Shared and individual units

number of users
Building A (32), building B (72), building C (25), building D(31).

typology of users
Young families, single parents, elderly people, young adults, students, unemployed, migrants, people experiencing homelessness.

integration with non-residential spaces
The ground floors of the various buildings include programs such as a community garden, community canteen, day center for the elderly and children, workshops, shared laundry, spaces supporting social services, and a café, where residents can work.

other information on uses and services
The buildings are served by the public hospital Maggiore, a social institution such as ITIS, a covered market, primary and secondary schools, as well as various commercial service.

UNCONVENTIONALITY

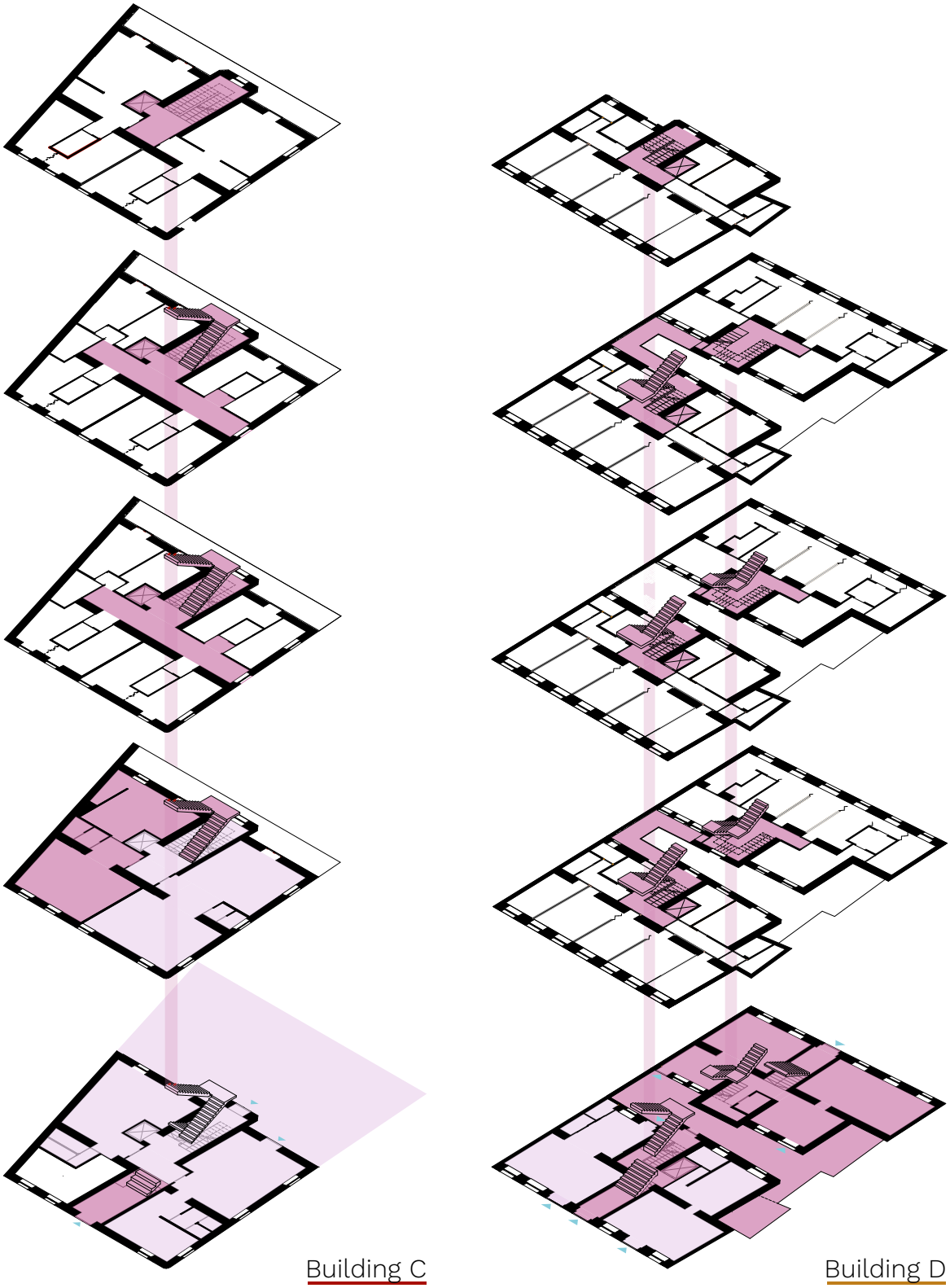
The project offers a variety of housing typologies, allowing the accommodation of people from diverse social, cultural, and generational profiles. This typological diversity is reinforced through the optimization of circulation spaces, generating variations across different floors. The connectivity between multiple units further enhances this adaptability, enabling the transformation of one-, two-, or three-bedroom apartments into clusters of up to 16 rooms by simply opening or closing doors. At the dwelling level, spatial flexibility allows rooms to accommodate different functions over time.

AFFORDABILITY

The project’s accessible character is defined by three key aspects:
(1) Preservation and reuse of the existing construction system, maintaining the original structure while incorporating sustainable, mobile, or demountable prefabricated elements that allow for flexible spatial transformation;
(2) Capacity to accommodate 172 residents in dignified conditions, and up to 300 people in emergency situations;
(3) Inclusion of ground-floor services that enable residents to work and generate income, contributing to the self-maintenance of the building and its community.

2.Unpacking

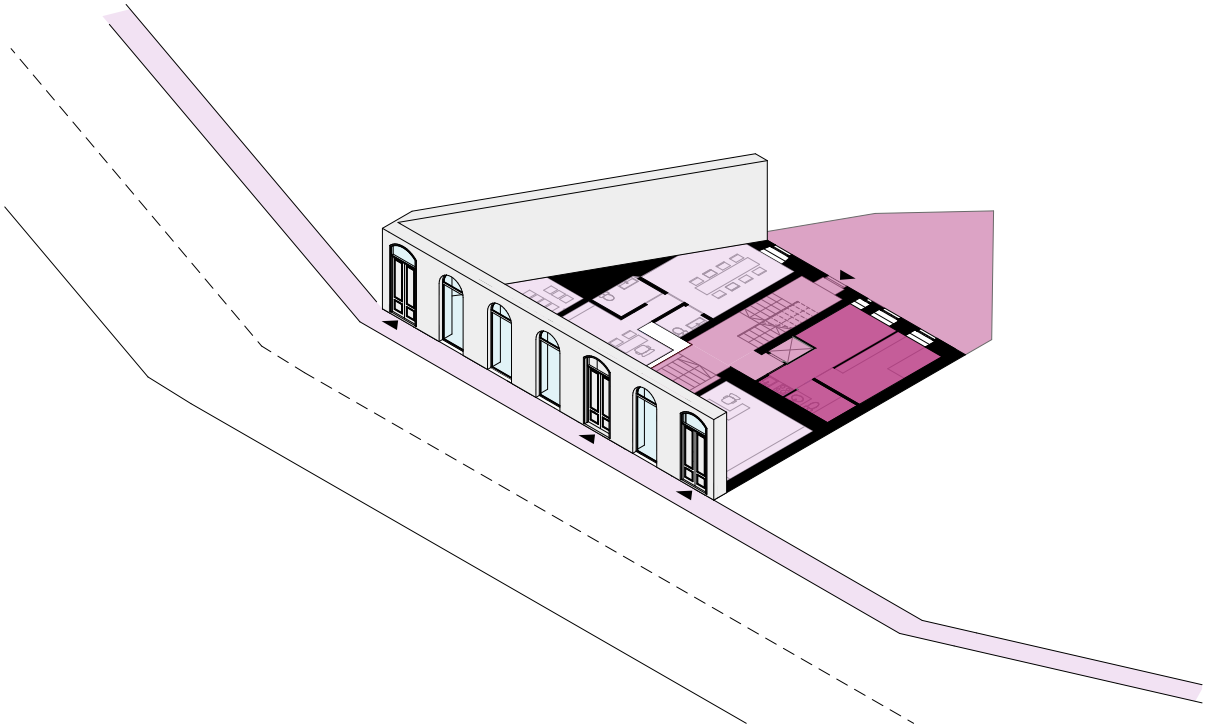
Public space
Special use space
Collective space
Private space



Building C

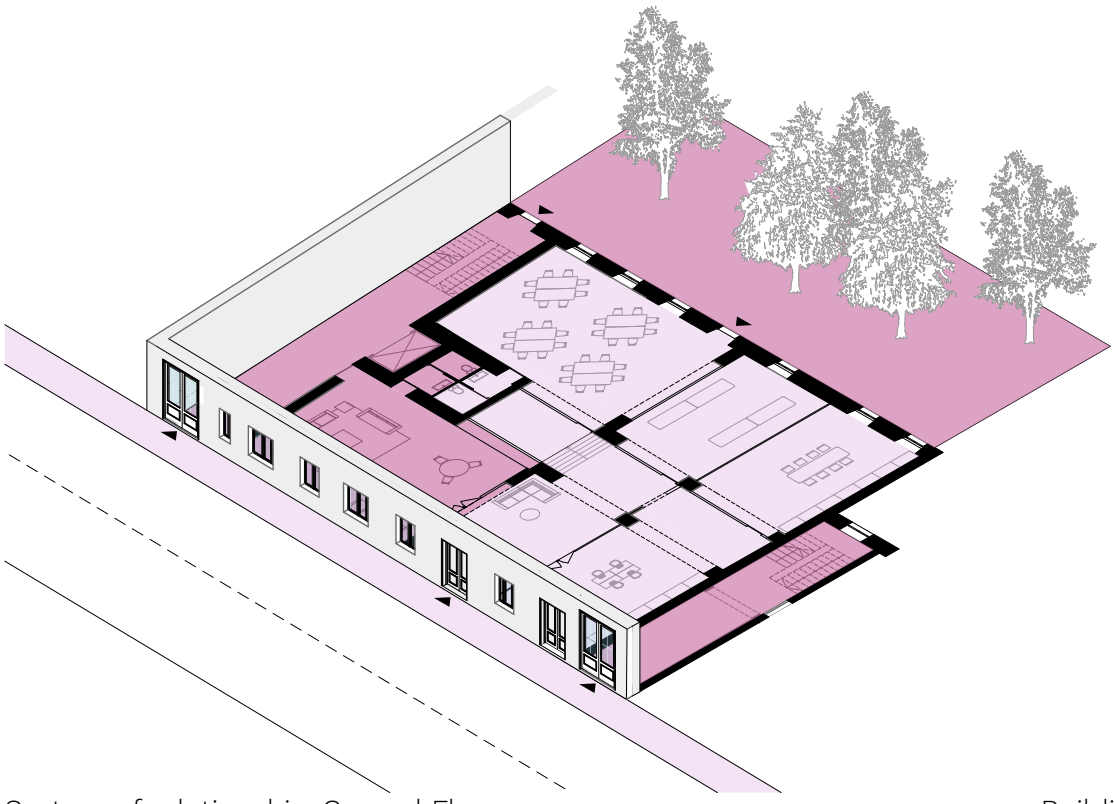
Building D

Systems of Relationships



System of relationship-Ground Floor

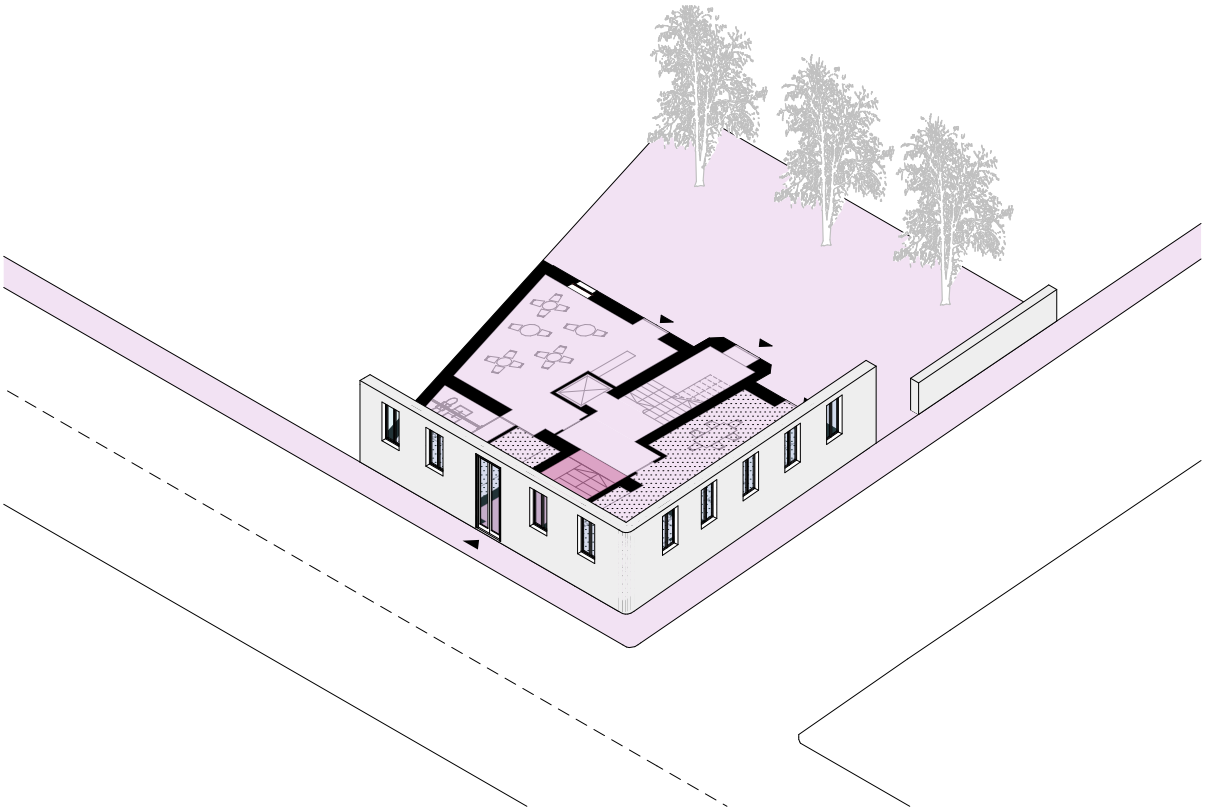
Building A



System of relationship-Ground Floor

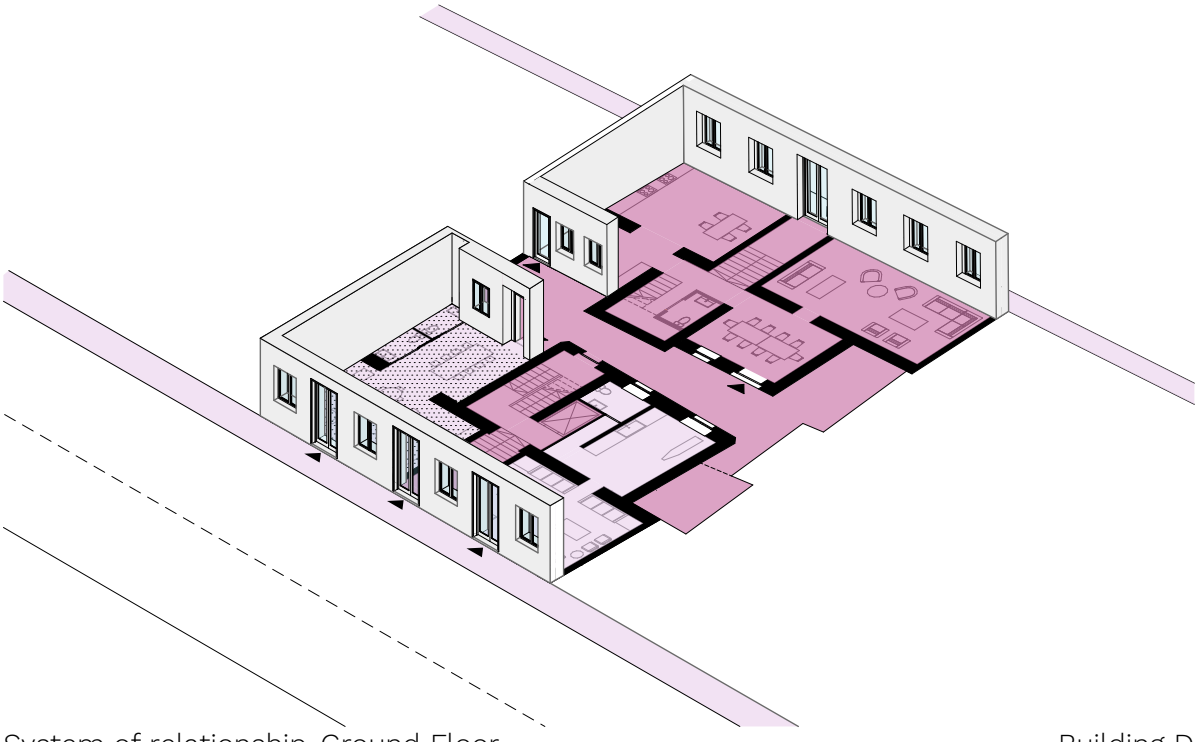
Building B

Public space Special use space Collective space Private space



System of relationship-Ground Floor

Building C

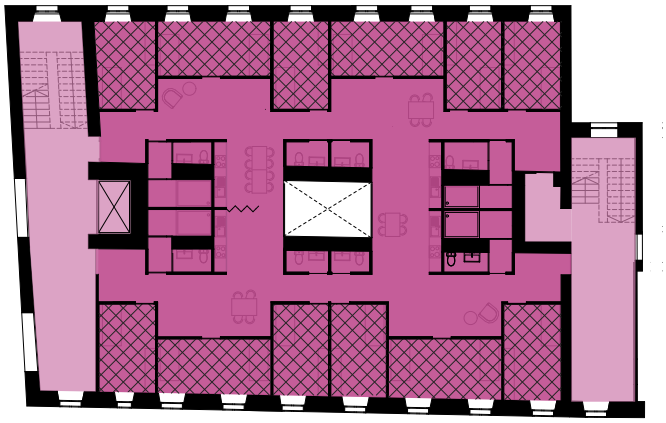


System of relationship-Ground Floor

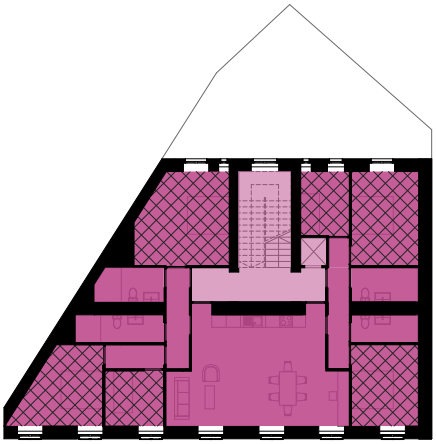
Building D

Levels of Privacy

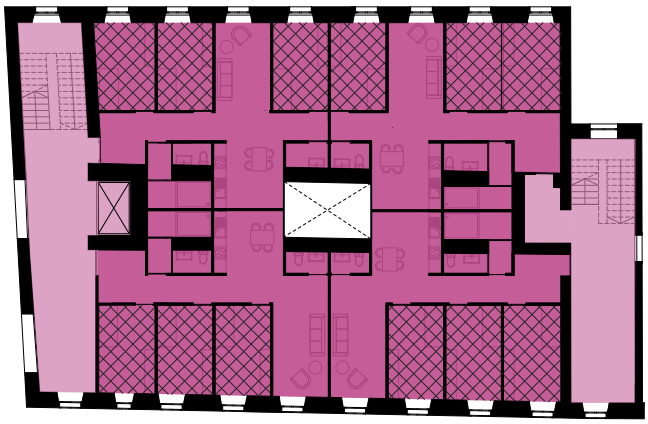
- Public space
- Special use space
- Collective space
- Shared space
- Private space for social use
- Private space for exclusive use



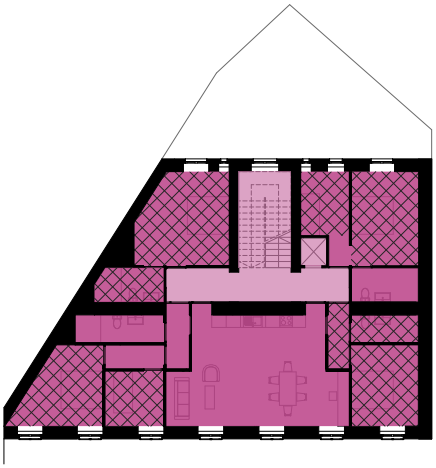
3rd and 4th Floor



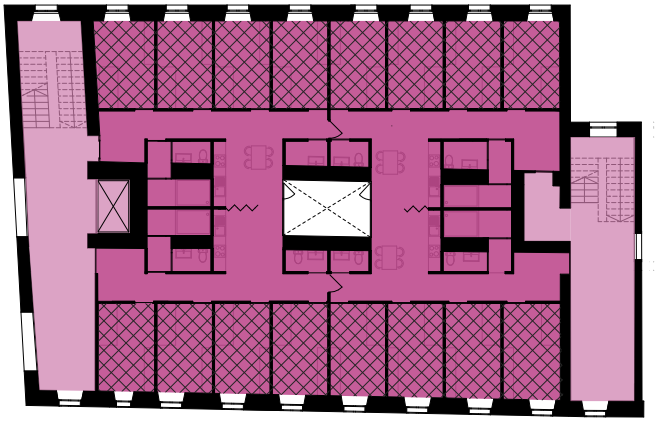
2nd,4th Floor



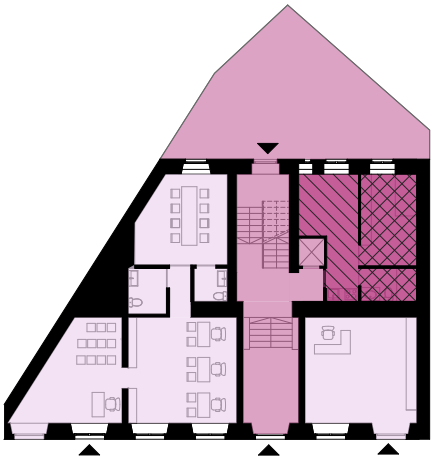
2nd Floor



1st,3rd, 5th Floor

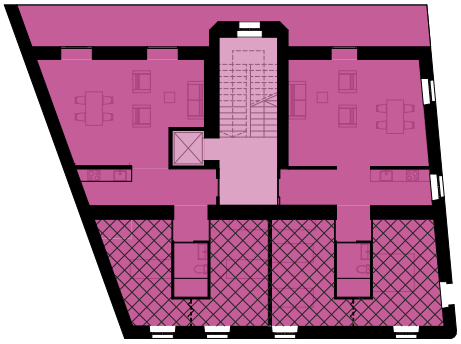


1st Floor

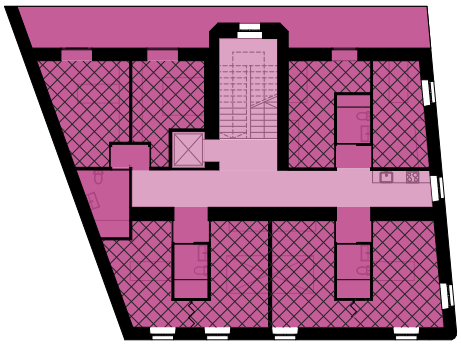


Ground Floor
Building A

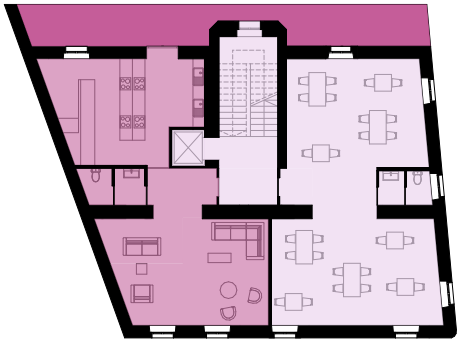
Ground Floor
Building C



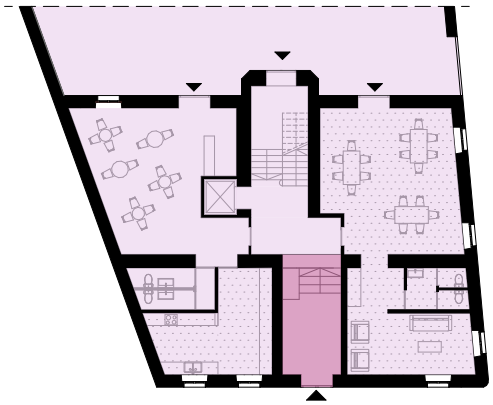
4th Floor



2nd, 3rd Floor

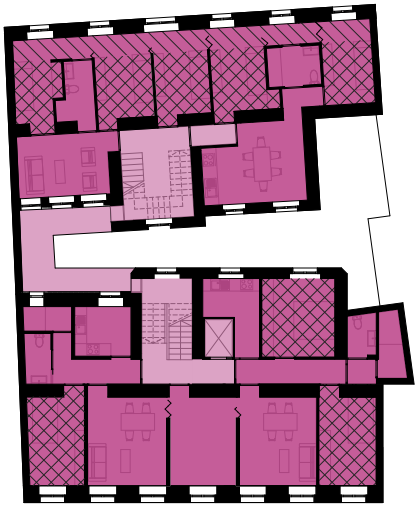


1st Floor



Ground Floor 1:350
Building C

2nd,4th Floor



1st,3rd,5th Floor

Ground Floor 1:350
Building D

Domestic Places:at the edge. Preserve the memory and identity of Trieste. Reuse existing structures. Create a social and cultural community for the most vulnerable populations. Promote flexible cohabitation. Redesign the living spaces. Explore different dimensions of private space.

UNCONVENTIONAL AFFORDABLE HOUSING explores the new possibilities of contemporary living at the intersection of affordability and unconventionality, starting from a reflection on existing housing projects, practices and policies.

UAH.POLIMI.IT
uah.prin2022@gmail.com

FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO